DIRETRIZES

O BANCO DO BRASIL EM LUTA CONTRA A QUINTA COLUNA!

O QUE É E COMO ATÚA O CONSELHO ANTI-EIXISTA DO NOSSO PRINCIPAL INSTITUTO DE CREDITO.



REVISTA SEMANAL — ANO V — N.º 133 — JANEIRO, 14, 1943 —— RIO DE JANEIRO

DIRETRIZES

NUMERO AVULSO ★ CR$ 1,00

Fundada em Março de 1938 — ANO V N.º 133 — Janeiro, 14 — 1943 — RIO DE JANEIRO

UNIÃO PARA A GUERRA

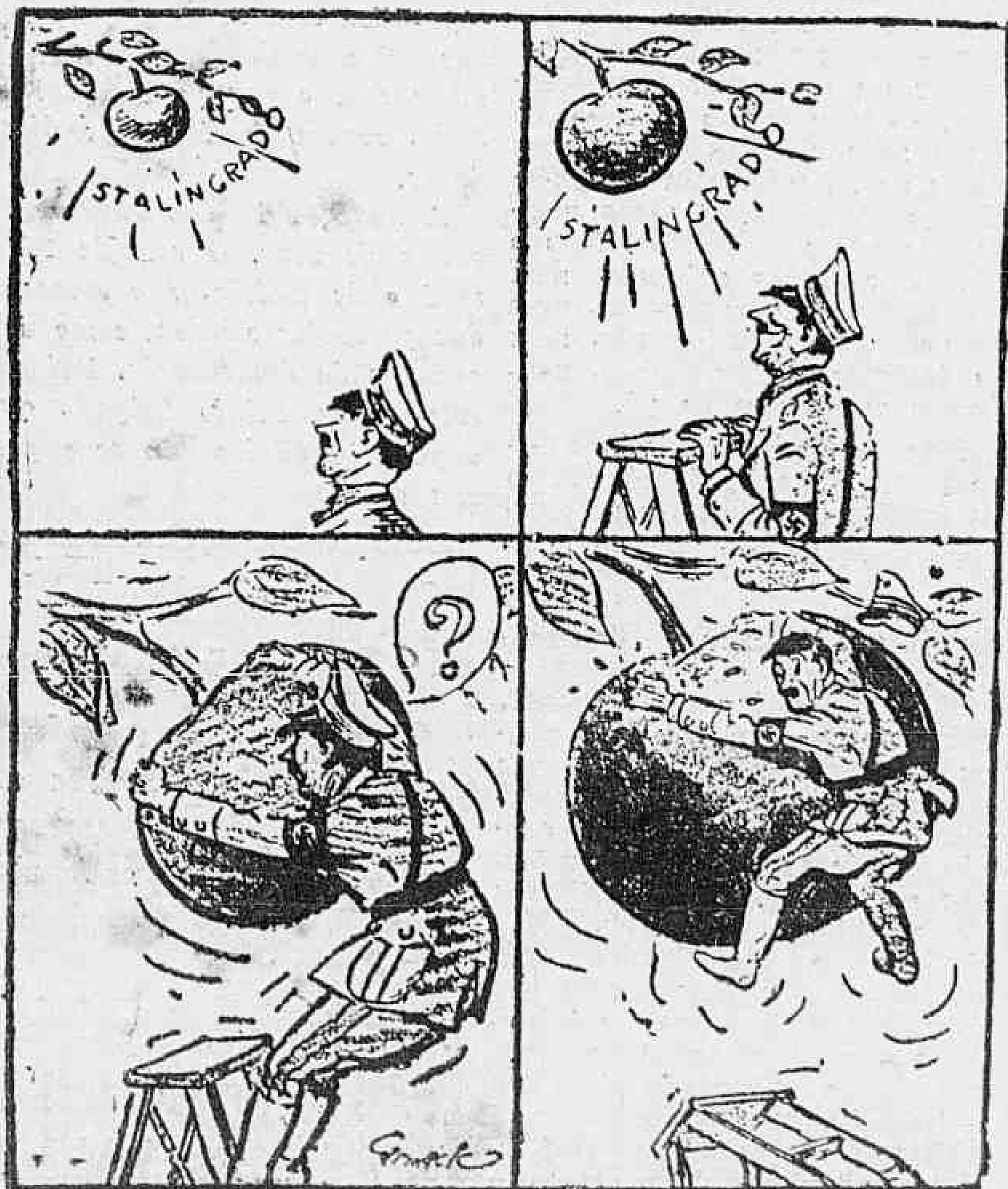
Cada dia se torna mais evidente que a politica de guerra para ser mais eficiente deve basear-se na unidade nacional. Mas unidade nacional não é apenas uma conjugação de vontades mais ou menos dispares, e sim, antes de tudo, a aceitação de um programa de guerra, orientando-se todas as atividades econômicas, politicas e militares para o fim claro e prático de liquidar pelas armas o inimigo. O união não deve existir somente entre as potências que lutam contra o Eixo, mas no seio dos povos, pois que é a liberdade, a independência dos povos que se acha em perigo ante a monstruosa máquina de guerra do imperialismo germano-fascista. A Carta do Atlantico é por si mesma a expressão do desejo da unidade democrática dos povos num plano universal, devendo consequentemente encontrar apoio desde já na solidariedade antifascista no seio de cada nação que participa da guerra contra o Eixo. A estruturação dessa unidade levada a efeito nesta hora, ao calor do conflito, facilitará mais tarde as tarefas da paz democrática, porquanto representa um esforço saudavel no sentido da limpeza do terreno minado pela quinta-coluna, que apesar da repressão policial continúa ativa e renitente.

O Brasil foi arrastado á mais cruel e arriscada das guerras conhecidas na história. Está dentro dela sujeito a todos os males, e a derrota significaria a perda da soberania nacional e da liberdade. Entretanto, é comum entre os nossos comentaristas mais autorizados o observar a guerra como um fenômeno alheio ao nosso país. Tais comentários dão na melhor das hipóteses a impressão falsa de que a declaração de beligerancia da parte do Brasil fôra um simples compromisso formal para com os Estados Unidos ou uma satisfação do governo em face dos protestos populares contra os repetidos e bárbaros afundamentos de navios nossos com a perda das vidas de centenas de patricios indefesos. Sem dúvida essa maneira de encarar a realidade constitúe um dos fatores principais contra a concretização da unidade nacional. Nada, entretanto, mais erroneo e perigoso para a propria defesa do país.

E' necessário insistir nisto: estamos de fato em guerra e não apenas simbolicamente. O sr. Getulio Vargas, em seu discurso de 31 de dezembro, já disse: "As Nações Unidas, e principalmente os nossos aliados americanos, sabem que podem contar conosco". E' uma declaração positiva e que os fatos vão pouco a pouco confirmando. O Brasil se apresta para assumir a responsabilidade que lhe cabe, para desempenhar a tarefa que a honra dos nossos soldados reclama no campo de batalha. Essa é a hora do sacrificio, da luta e, portanto, da união de todos os brasileiros. Ao apelo da pátria em perigo, todos estão dispostos a dar o seu quinhão de esforço na frente ou na retaguarda. Os que acham que nada teem com a guerra e que devemos permanecer parados, fazem claramente o jogo do inimigo e não podem esperar tratamento diferente ao que dispensamos aos quinta-colunistas. Admitamos que ainda possa existir quem se engane, mas devemos desconfiar de tais elementos e mantê-los em vigilancia. Eles perturbam concientemente ou não o esforço de guerra e a formação da unidade democrática do país. Por isso mesmo, não devemos perdê-los de vista.

Despertemos a nação inteira para a guerra e para isto é necessário vigilancia e união.

FRUTO PROIBIDO



AGUSTIN JUSTO

Causou consternação, no Brasil, a noticia da morte do general Agustin Justo. E' bem recente e está na memoria de todos o gesto do bravo soldado colocando sua espada a serviço do Brasil, quando fomos traiçoeiramente agredidos pelos submarinos do Eixo.

O general Justo é bem um simbolo da solidariedade continental. Quando presidente da República Argentina, o general Justo foi combatido por muitas correntes políticas de seu país Então, o mundo não estava em guerra. E nos paises democráticos, as lutas internas, muitas vezes, assumiam carater serio.

Depois da agressão ao continente americano, entretanto, o general Agustin Justo formou ao lado de muitos adversarios de ontem e tomou posição decidida entre os agressores nazi-fascistas.

Na Argentina, como no Brasil, aqueles que, em qualquer esfera da vida pública, divergem dos pontos fundamentais da política de defesa dos paises agredidos ou ameaçados de agressão pelas potencias do Eixo, não representam senão uma seita que se contrapõe ao sentimento geral.

Na Argentina, como em toda parte, o partidario mais fervoroso e abnegado da causa por que se batem as Nações Unidas é o homem da rua. E' este povo que está sempre disposto a dar mais do que lhe pedem.

Mas, ao lado deste povo, apagadas as divergencias antigas, estão, nesta hora, todos os dirigentes políticos, de todas as correntes partidarias, que não se encontram comprometidos com os inimigos da humanidade.

Fora desta política de união nacional, que é a mesma para todos os paises agredidos ou ameaçados pela agressão nazista, só há lugar para os quislings.

"VAMOS FERIR, E FERIR A FUNDO"

O presidente Roosevelt, em sua mensagem ao Congresso norte-americano, disse que "este ano de 1943 verá as Nações Unidas realizar um avanço notavel através das estradas que conduzem a Berlim, Roma e Tóquio". Os aliados chegaram ao fim da estrategia defensiva e agora estão preparados para atacar. "Vamos ferir, e ferir fundo", acrescenta Roosevelt. Estamos apenas no começo do grande ano em que se decidirá a vitória. Mas é interessante acentuar que terminamos 1942 com avanços consideráveis em vários pontos estratégicos da batalha mundial. Tudo faz crêr, portanto que em breve teremos aberta na Europa a segunda frente, que será por certo a chave da vitória sobre o fascismo.

Até agora, Hitler desfruta a vantagem de dispôr de todas as fontes de produção dos paises europeus ocupados pelas hordas do imperialismo germano-fascista. E' necessário agir com urgência para lhe retirar das mãos essa vantagem. Daí, a maior importancia da segunda frente no próprio terreno do dominio nazi-fascista. Ninguem mais tem a ilusão de que será possivel liquidar rapidamente a resistência teuto-italiana com o simples bloqueio. Goering já anunciou que, por maior que seja a penúria dos povos na Europa, e ainda que tenham de verter mais sangue e padecer mais fome, nada irá faltar as tropas nazistas, e a raça "superior" sempre terá o que comer. E' preciso portanto penetrar o território europeu a dentro e arrebatar ao nazi-fascismo essas fontes de suprimento, as minas, as fábricas, os campos. E torna-se urgente a ação com tal objetivo. E' o meio de evitar que a guerra se prolongue, como deseja Hitler, com o sacrificio crescente dos povos. E' o meio de encurtar a carnificina, e apressar o retorno á paz.

Os que desejam de fato a vitória e a paz democrática não podem deixar de almejar para breves dias a abertura da segunda frente na Europa. Os desembarques na Africa do Norte devem ser considerados o prelúdio da invasão do continente europeu. O trampolim está armado e agora esperemos o salto. Os povos dominados pelos bandos sanguinários de Hitler e Mussolini estão psicologicamente preparados para dar a sua colaboração decisiva aos exércitos libertadores. O fermento da revolta anti-fascista encontra-se entre todos os povos escravizados. O que se verificou entre os franceses da Africa, onde as forças expedicionárias anglo-americanas foram recebidas como aliadas e amigas, repetir-se-á na Europa inteira. São favas contadas.

Queremos a paz, mas a paz democrática, expressão politica e social da vitória sobre o fascismo. O presidente Roosevelt disse que uma das questões desta guerra é o conflito entre os que acreditam no povo e os que depositam a sua fé nos ditadores e tiranos. Mas "os povos já acumularam energias e avançam com todo o vigor, sem que nenhuma força, ardil, engano ou violência, possam detê-los". Todos os homens estão ansiosos pela paz, mas para conquistá-la é necessário, antes de tudo, destroçar e liquidar por completo o nazi-fascismo em sua séde, em seu terreno.

A segunda frente nos trará essa conquista, que não beneficiará apenas as Nações Unidas, mas a humanidade. Felizes, então, os que acreditam nos povos.

Não há mais lugar para os céticos e os vacilantes. A guerra total exige resolução. O Brasil terá de participar da segunda frente na Europa e disto já tivemos a advertência pela palavra do presidente Getulio Vargas. "Queremos ser eficientes e, para isso, precisamos dispor de forças completamente treinadas e aparelhadas, aguardando a marcha dos acontecimentos, que determinará a forma e o lugar onde tenham de operar". Queremos tambem que os soldados do Brasil pisem as terras da Europa escrava, ajudem a libertação dos povos que desejam ser livres e, junto com os soldados das demais Nações Unidas, marchem triunfalmente sobre Berlim e Roma.

BOLSAS E MONOPÓLIOS

A bolsa é uma instituição especializada de comercio. Comumente, numa bolsa, negocia-se com um só gênero. Entre os mais conhecidos exemplos mundiais podemos citar as bolsas de algodão de Liverpool, do Havre e de Bremen; a de carvão, de Essen; a de lã, de Roubaix-Turcoing; a de ferro, de Glasgow; Etct. A bolsa é um tipo superior de feira, cuja

função mais interessante é a regularização do preço da mercadoria. E' um instrumento sensivel, pois, funcionando como os nervos de um corpo humano, estimulando, provocando a procura e tornando efetiva a oferta. Por isso mesmo, não pode ser um organismo individual, isto é, manejado por um só comerciante, um único interessado, como uma pequena casa de varejo. Os corretores são os portadores da sensibilidade e do movimento de uma bolsa. O papel desses é tão importante que Balzac o imortalizou no "ilustre Gaudissart".

Por isso mesmo, estranha-se que exista em São Paulo uma Bolsa de Imoveis destoando do tipo universal, agindo como organização particular, divergindo de sua congênere do Rio, que pertence a seus legítimos donos, os corretores de imoveis. Quando uma bolsa é estabelecida nos moldes regulares, torna-se uma instituição oficial ou pelo menos oficiosa. O preço por ela anunciado, tem aceitação rigorosa e indiscutivel. Assim é que muitas pessoas, sobretudo as procedentes do interior, se equivocam quanto á finalidade e a importancia da Bolsa de Imoveis de São Paulo. Ela não é o que parece. Com isso, os corretores, que formam uma coletividade, são, entretanto, prejudicados.

Ainda há pouco, o governo federal baixou um decreto proibindo o uso da denominação de Caixa Econômica por entidades particulares. O ato governamental resultou da tentativa de um individuo no sentido de fundar uma "caixa econômica popular". O caso é semelhante ao da bolsa de imoveis paulista. E por isso mesmo, o último deve merecer atenção e providencia semelhantes. O interesse coletivo não pode continuar estorvado pela iniciativa particular de fundo egoístico evidente. A denominação de bolsa só deve ser permitida áquela instituição que, por sua função caracteristica, seja de fato um dos estalões essenciais da cadeia cada dia mais larga e consistente de corretores e mediadores que, já agora, se extende e abarca produtores e consumidores. Fora disto, é incentivar a formação de monopolios e trusts invariavelmente lesivos aos interesses da coletividade.

ESPECULAÇÕES "SIDERÚRGICAS"

O governo brasileiro está empenhado a sério em resolver o problema siderúrgico nacional com a instalação a concluir da usina de Volta Redonda para o que foi organizada a Companhia Siderúrgica Nacional, da qual é o Estado o maior acionista. No momento, mais do que antes, a indústria siderúrgica, como a do carvão e a do petroleo, merece a maxima atenção oficial, por serem indústrias vinculadas profundamente á defesa da patria. Na guerra moderna, são indispensaveis as maquinas fabricadas com aço e movidas com petroleo, sendo que antes para o preparo do aço é necessario o carvão. Por isso, o carvão, a siderurgia e o petroleo constituem, mais do que quaisquer outras, indústrias básicas de guerra.

Pois bem. Em torno da siderurgia, como aconteceu com o petroleo anteriormente, estão se formando, sob rotulos confundiveis com a Companhia Siderúrgica Nacional, varias companhias objetivando o levantamento de recursos entre particulares, mas não de fato a organização da indústria. Ainda há pouco, aliás, uma nota da Delegacia de Ordem Politica e Social do Estado do Rio revelou a existencia de cavalheiros que, em determinado municipio fluminense, reuniram as pessoas de fortuna locais, as quais desprevenidamente compraram milhares de cruzeiros de ações de uma dessas empresas chamadas siderúrgicas. O fato não se tem verificado somente no Estado do Rio, mas tambem em São Paulo e em outros Estados.

Ora, é claro que essa situação não pode continuar, maximé na emergencia da guerra em que estamos empenhados e sujeitos aos maiores perigos. A siderurgia é, insistimos, a indústria mais importante entre as básicas para o esforço de guerra no Brasil como em todo e qualquer país. A existencia de empresas como as que acima referimos, e antes denunciadas pela policia fluminense, resultará na desmoralização, dentro em breve, de toda e qualquer iniciativa relacionada com a siderurgia, pois a coletividade logo não terá meios de distinguir entre a iniciativa boa e a má.

O caso está recalmando sem dúvida o esforço dos "removedores de esterco', como os ianques denominam os reporteres que tomam a si, com todos os riscos da tarefa, a defesa vigorosa dos interesses do povo, quanto tais interesses são prejudicados por certos grupos de pessoas espertas, porem pouco atentas ás normais usuais de comercio e ás leis em vigor. Nas circunstancias presentes, entre nós, estão em jogo interesses ainda maiores, pois dizem respeito intimamente á propria defesa nacional em face da guerra, que ameaça a soberania e a independencia do país.

JUDAS ESCREVE SOBRE JESUS

Num manifesto que acaba de ser publicado nos Estados Unidos, assinados pelo filosofo Jacques Maritain, pelo sociologo Padre Delos, dominicano, e por Don Luiz Sturzo, fundador do Partido Popular Católico da Italia, lemos o seguinte: "Não há ilusão mais perniciosa que a de imaginar que o totalitarismo possa ser critianizado. Os totalitarismos, que hoje tentam assolar o mundo, não podem triunfar senão sobre as ruinas do cristianismo." Realmnte, assim é.

Lembramos isto para estranhar a presença nas vitrines das livrarias, do livro do senhor Plinio Salgado sobre Jesus. O chefe do nazi-integralismo encontra-se em Portugal desde algum tempo após a intentona sangrenta da madrugada de 10 de maior de 1938. O seu extinto partido é hoje, agindo sutilmente, a espinhha dorsal da quinta-coluna no Brasil.

Qual o intuito do sr. Plinio Salgado publicando o livro sobre a vida de Jesus? Conciliar o totalitarismo verde com o cristianismo? Os homens mais ilustres, os representantes mais autorizados do pensamento católico afirmam que isto é impossivel. O totalitarismo só pode triunfar sobre as ruinas do cristianismo. O intuito do sr. Plinio Salgado deve ser outro. Por exemplo, utilizar Jesus, a sua Igreja, o seu prestigio para manobras politicas perigosas. Uma nova modalidade de tombola tambem. Lembremos que ele em Portugal está mais perto de Hitler do que do Brasil. E' um boneco nas mãos do imperialismo germano-fascista e do seu "fuehrer". Os patriotas católicos devem se acautelar: a traição em Plinio Salgado é caracteristica pessoal, antes de ser necessidade politica; a má-fé no homem da tombola é visceral. Como acreditar nele quando, sendo totalitário, exalta o mestre do cristianismo, a que o seu partido, a sua ideologia, a sua doutrina, os seus interesses conjugados com os interesses do hitlerismo se opõem mortalmente? Judas escrevendo sobre Jesus... Ou se é amigo da humanidade ou dos tiranos; ou se está com o povo ou com os ditadores. Jesus foi crucificado porque quís estar com o povo e a humanidade, contra os tiranos e ditadores.

A hora má dos ditadores acaba de soar. O ano de 1943 será o da vitória, não somente das potências aliadas, como dos povos e da democracia. Deixem estar o sr. Plinio Salgado que o povo brasileiro não se esqueceu dele.

O melhor meio de servir á patria

Por HOMERO DE CASTRO JOBIM **especial para DIRETRIZES**

As mais altas autoridades brasileiras indicaram claramente estar talvez próxima a nossa intervenção armada na guerra mundial, ao lado dos exércitos libertadores.

Esta afirmação, aplaudida por todos os que realmente desejam a derrota do totalitarismo, sugere algumas considerações sobre a maneira por que se preparam moralmente as forças armadas de uma nação.

Há duas maneiras de preparar-se um exército para o cumprimento de sua finalidade que é a guerra.

A primeira é prepara-lo com objetivos profissionais e politicos bem definidos, que são a segurança e a defesa da existência, liberdade e progresso nacionais. E' a maneira militar dos povos democráticos.

A segunda é prepara-lo como uma casta guerreira separada do povo, tendo em vista a realização de uma politica expansionista e de dominação sobre outros povos. E' a maneira militarista do fascismo alemão, japonês e italiano.

Para o militar, o exército é o melhor meio de servir seu país; para o militarista é o melhor meio de servir suas ambições de casta. Para o primeiro, ele é um instrumento necessário á segurança e á defesa nacional; para o segundo, um organismo auto-suficiente, cujas finalidades são intrinsecas.

O exército militarista de um estado totalitário pode vencer batalhas e subjugar povos livres — é sempre um instrumento de expansão e dominio, e suas vitórias são conquistadas ao preço da liberdade.

A glória de um exército democrático, porem, é baseada na decência internacional. Não lhe basta vencer, é preciso fazê-lo a serviço dos altos ideais de liberdade e progresso.

Quanto a nós, brasileiros, temos um passado militar de homens de bem. Nunca fomos militaristas, e nossoo homens de guerra jamais deixaram de ser cidadãos; sua vocação militar foi sempre posta serviço da liberdade e do direito de seus compatriotas e deles próprios.

As guerras pela unidade, pela libertação e pela existência do Brasil — a luta contra as invasões, a independência e a guerra do Paraguai, que fizeram surgir nossos herois militares — são pródigas de exemplos que devem ser imitados.

O branco Vidal de Negreiros, o indio Felipe Camarão, e o negro Henrique Dias — que se cobriram de glórias na restauração de Pernambuco e Baía — não foram por certo militaristas. Animava-os o amor da terra em que nasceram, e na luta contra o invasor holandês foram os primeiros a revelar as qualidades militares da nossa raça em formação.

Duzentos e trinta anos mais tarde, Osório — heroi de Monte Caseros, vencedor de Tuiutí, o melhor companheiro de seus soldados, o homem que reuniu todas as qualidades do guerreiro nacional — detestou o militarismo e escreveu com orgulhosa sinceridade: *"O dia mais feliz da minha vida seria aquele em que me dessem a noticia de que os povos civilizados festejavam sua confraternização, queimando seus arsenais."*

E Caxias — o maior vulto militar da nossa história, o pacificador de São Paulo, Minas e Rio Grande, o vencedor de Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Angostura, o ministro e conselheiro de Estado — jamais teve em sua carreira de militar e estadista uma atitude onde a mentalidade do militar estivesse em desacordo com os principios do cidadão. As glórias que mereceu, ele não as procurou para si, nem jamais com elas se ataviou. Uma ordem de operações em campanha ou uma proclamação a seus compatriotas desavindos, eram para ele apenas meios de bem servir o Brasil.

Antonio João, o heroi e mártir de Dourados, caiu animado pelo amor á terra e á gente que lhe pertenciam então, como nos pertencem agora.

O sentimento que assim animou Osório, Caxias e Antonio João foi o patriotismo em seu verdadeiro sentido; este sentimento que por si só é quase capaz de fazer um bom soldado. E' a qualidade primeira e fundamental dos que são capazes moralmente de defender o Brasil.

Pelo estudo e a observação simpática das coisas nacionais, o patriotismo se transforma em algo vivo, sanguineo, inseparavel do individuo. Por ele são pautados os minimos atos profissionais e particulares. Quando este sentimento assim se apossa de nós, nossos compatriotas passam a ser irmãos; as coisas da Pátria se tornam objeto de estima inalienavel, os grandes vultos do passado tornam-se espiritos protetores bons e justos, como queridos avós a quem jamais permitimos qualquer ofensa; e a nação em conjunto — a liberdade e o bem estar de seus homens, mulheres e crianças — passa a ser objeto de preocupação e cuidado zeloso e constante, pelo qual não limitamos sacrificios pessoais.

O patriotismo assim sentido é o fundamento e a sintese de todos os demais impulsos altruisticos e sociais, e é tão forte, profundo e constante que nenhum corte, nenhuma separação é possivel.

Não é uma roupa domingueira, vestida em certas cerimónias, nem se manifesta só durante meia-hora diante da estátua de Caxias, uma ou duas vezes por ano. Seus limites não são medidos em unidades de tempo e de espaço.

Naturalmente, este espirito patriótico tambem venera simbolos tangiveis, materiais. Mas a bandeira e o hino valem apenas o que vale a Pátria, cuja existência, liberdade, justiça e grandeza eles simbolizam.

Só um sentimnto assim vivo e entranhado — e não aqueles estimulos falsos que renegam e ofendem nosso passado— é capaz de fazer soldados valorosos e concientes.

A cruz gamada nazista, os fascios italianos, o sol dos niponicos são os totens de castas guerreiras de profissionais da morte, e foram içados na Grécia, na China, na Etiópia e em toda parte onde puderam, como simbolos de opressão.

Entre nós, o militarismo integralista foi a caricatura servil de todos esses militarismos. Agora felizmente, estamos contra todos eles, e nesta luta o nosso exército há-de ser formado de militares tão bons quanto o foram nossos exércitos do passado.

Os aliados americanos, ingleses, russos e chineses — todos os povos que lutam por conservar ou recuperar sua liberdade — vêm dando exemplo de como as multidões de homens livres se transformam em exércitos aguerridos. E essas massa não são militaristas. Não o são os soldados chineses, nem nossos amigos americanos, nem os russos de Stalingrado, nem os ingleses que, sozinhos, souberam manter-se de pé.

Mas os nossos inimigos — tanto as hienas do Japão, como as águias, os chacais e as galinhas de Hitler, Mussolini e Plinio Salgado — formam o militarismo fascista internacional que forjou e desencadeou esta guerra.

Este militarismo arrogante, criminoso e estúpido, está sendo esmagado pelos povos que amam a liberdade, cujos exércitos, formados de homens concientes de todas as profissões, são comandados por militares como Chiang Kai-Shek, Mac Arthur e Timoshenko, cujo passado é uma garantia de que jamais negociarão com o inimigo e que só cessarão a luta quando a liberdade humana deixar de ser ameaçada.

E nós sabemos que Osório, Caxias, Andrade Neves e Benjamin Constant fariam o mesmo.

O BANCO DO BRASIL EM LUTA CONTRA A QUINTA COLUNA

O QUE É O CONSELHO ANTI-EIXISTA DE VIGILANCIA E TRABALHO DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL. — O QUE TEM SIDO O TRABALHO DE PROPAGANDA DO CONSELHO. — O CONSELHO, OS ANTIGOS INTEGRALISTAS E OUTROS ADÉPTOS DO EIXO. — UM GRANDE EXEMPLO QUE DEVE SER SEGUIDO POR TODOS OS ESTABELECIMNTOS SIMILARES. — O CONSELHO ANTI-EIXISTA TRABALHA PARA QUE O BRASIL NÃO SOFRA O MESMO DESTINO DA FRANÇA

Reportagem de JOSÉ LEVENTHAL

Sao dezenas de cartazes, pequenos e retangulares, repetindo para todos as palavras do coronel Alcides Etchegoyen: "Ninguem pode dizer que a 5.ª coluna não esteja agindo sob uma calma aparente" E mais outras, por todas as dependencias do Banco do Brasil, relembrando as palavras do general Manoel Rabelo: "Marchando na vanguarda do movimento nacional anti-totalitario era natural que nos encontrassemos nos postos de combate e que verificada a gravidade da situação nos unissemos num só pensamento e numa só vontade de dominar o inimigo insidioso e solerte, que se infiltra por toda a parte e por toda parte ameaça a segurança, a integridade e a própria vida da nação". E ainda outros, aquí e ali, lembrando as palavras do coronel Estillac Leal: "A França, miseravelmente traída e vilipendiada pelos seus próprios filhos, é o exemplo trágico do quanto pode o maquiavelismo nazista".

Diariamente, passam multidões diante daquelas cartas. E, diariamente, aquelas palavras concorrem para despertar dentro do espirito de cada um a compreensão do momento: o momento é de gravidade, os inimigos da Pátria estão por toda a parte, é preciso que o sentimento anti-fascistas, anti-colunista, não arrefeça no peito de cada um.

Hoje, pode-se afirmar, o Banco do Brasil é uma fortaleza democrática, de fogos acesos, empenhado numa luta sem treguas contra o nazi-fascismo. Os seus cartazes contam isso. Seus funcionarios, todos eles, com exceção sómente daqueles que, remanescentes do fascismo verde, ainda se perdem nas sombras do despistamento, sabem o que querem, sabem porque o Brasil está na luta:

— Somos contra o mundo fascista. Queremos um mundo democrático. Estamos trabalhando pela morte do primeiro e sobrevivencia do segundo.

Nos seus discursos, nos seus boletins, nas suas conferencias e conversas, todos eles dizem isto, repetem sempre, num híno invariavel:

— Sabemos que a vida digna é impossivel num mundo dominado pelo fascismo. Nós queremos viver dignamente, e por isso colaboramos na destruição da brutalidade fascista.

Palavras assim não cansam. Elas devem ser repetidas todos os dias, de tarde, de manhã e de noite. Bem como aqueles cartazes, pregados na parede, que recebe com sua advertencia o funcionario mais madrugador e se despede, á noite, do último a deixar seu trabalho. Sómente os que estão cheios de má fé e más intenções, podem negar que o perigo é real. A estes, interessa, é de sua politica, negar que a "quinta-colúna", "sob uma calma aparente, continúa agindo". Mas, contra tais elementos, verdadeiros componentes da "quinta-coluna" enquistada no territorio nacional, já se levantou, em todo o país, nas fábricas, nas escolas, nas universidades e no seio das multidões, toda uma reação benéfica, reação democrática, desmascarando a ponta de lança que o fascismo, do longa data, tentara infiltrar na vida nacional.

A PONTA DE LANÇA INTEGRALISTA

Quando dos verdes tempos integralistas, o Banco do Brasil, célula das mais importantes na vida econômica do país, foi um dos organismos mais visados pelo integralismo. Desde os inícios da pregação do fascismo nacional, viu-se aquele estabelecimento visado pela propaganda e infiltração integralistas. Não tardava muito, e varios funcionarios eram catequizados pelo credo verde, por ingenuidade ou, muitas vezes, sob a coação de alguns elementos, hierarquicamente superiores, como o sr. Raimundo Padilha, funcionario de categoria do Banco e que ainda hoje, apezar da situação nacional, continúa a ser, no país, um dos mais autorizados porta-vozes de Plinio Salgado, que através dele transmite suas ordens e mensagens aos "camuflados" elementos integralistas espalhados pela nação.

Não tardou, portanto, que se formasse no nosso maior estabelecimento de crédito uma verdadeira célula fascista que passou a constituir, já naquele tempo, um perigo real para a vida do país. Tratava-se de um quisto inimigo no seio de um organismo que era, por assim dizer, uma das principais veias do corpo nacional, já que a ele compete a superintendencia de toda a economia do Brasil

A REAÇÃO

Mas, veio a declaração de guerra do Brasil á Alemanha e á Italia. Neste mesmo dia, os funcionarios anti-fascistas do Banco do Brasil foram ao seu presidente, dr. Marques dos Reis, e disseram:

— Nós queremos, senhor presidente, que o senhor nos dê licença para uma demonstração cívica contra os inimigos do Brasil.

Agora, o dr. Tancredo Ribas Carneiro, um dos fundadores do Comité Anti-Eixista que, imediatamente á declaração de guerra, foi criado no Banco do Brasil, contanos:

— O presidente Marques dos Reis apoiou imediatamente nossa idéia. E levamos á efeito, no salão nobre do Banco, uma grande solenidade cívica com o fim de demonstrar, amplamente, os sentimentos de solidariedade dos bancarios para com o governo do país e, consequentemente, para com a alta administração do Banco, naquela emergencia.

Mais alguma coisa de positivo e prático tinha que ser realizado. Sómente com discursos, com palavras patrióticas, era impossivel combater a quinta-coluna. Os bancarios anti-fascistas conheciam perfeitamente a força do integralismo dentro do Banco. Eles viam, todos os dias, o "chefe" Raimundo Padilha entrar e sair com seus movimentos soltos, cheio de importancia que lhe dava o alto cargo. Era a própria quinta-coluna livre, dentro do Banco, sem vigilancia, livre como o vento.

— Alguma coisa de prático tinha que ser feito, diz-nos Tancredo Ribas Carneiro. E naquela mesma solenidade, magnífica e memoravel sob todos os aspectos, o intérprete dos organizadores lançou a idéia da formação do Conselho Anti-Eixista, idéia essa que foi acolhida carinhosa e interessadamente pelo presidente Marques dos Reis, cujos princípios políticos, em radical oposição ao nazi-fascismo, já eram sobejamente conhecidos por seus subordinados através de suas palavras francas e positivas em inúmeras ocasiões anteriores.

Então, todo um programa de trabalho foi elaborado. O Conselho Anti-Eixista, logo após a sua criação, começou a receber adesões. Eram funcionarios, centenas deles, que esperavam o momento oportuno para reagir contra a ponta de lança fascista encravada no Banco. Estatutos foram elaborados.

— O dr. Marques dos Reis, fala-nos o sr. Tancredo Ribas Carneiro, sugeriu que subordinassemos nossa campanha aos termos de um estatuto. Sem delongas, cheios de entusiasmo, os organizadores traçaram as leis que guiariam seu combate e as submeteram á apreciação do presidente do Banco. Ficou assentado, então, que tais leis ficariam subordinadas ao regulamento e ás autoridades do Instituto, determinando-se, taxativamente, que a sua ação externa se verificaria de acordo com as leis e por intermédio das autoridades governamentais e das instituições devidamente licenciadas.

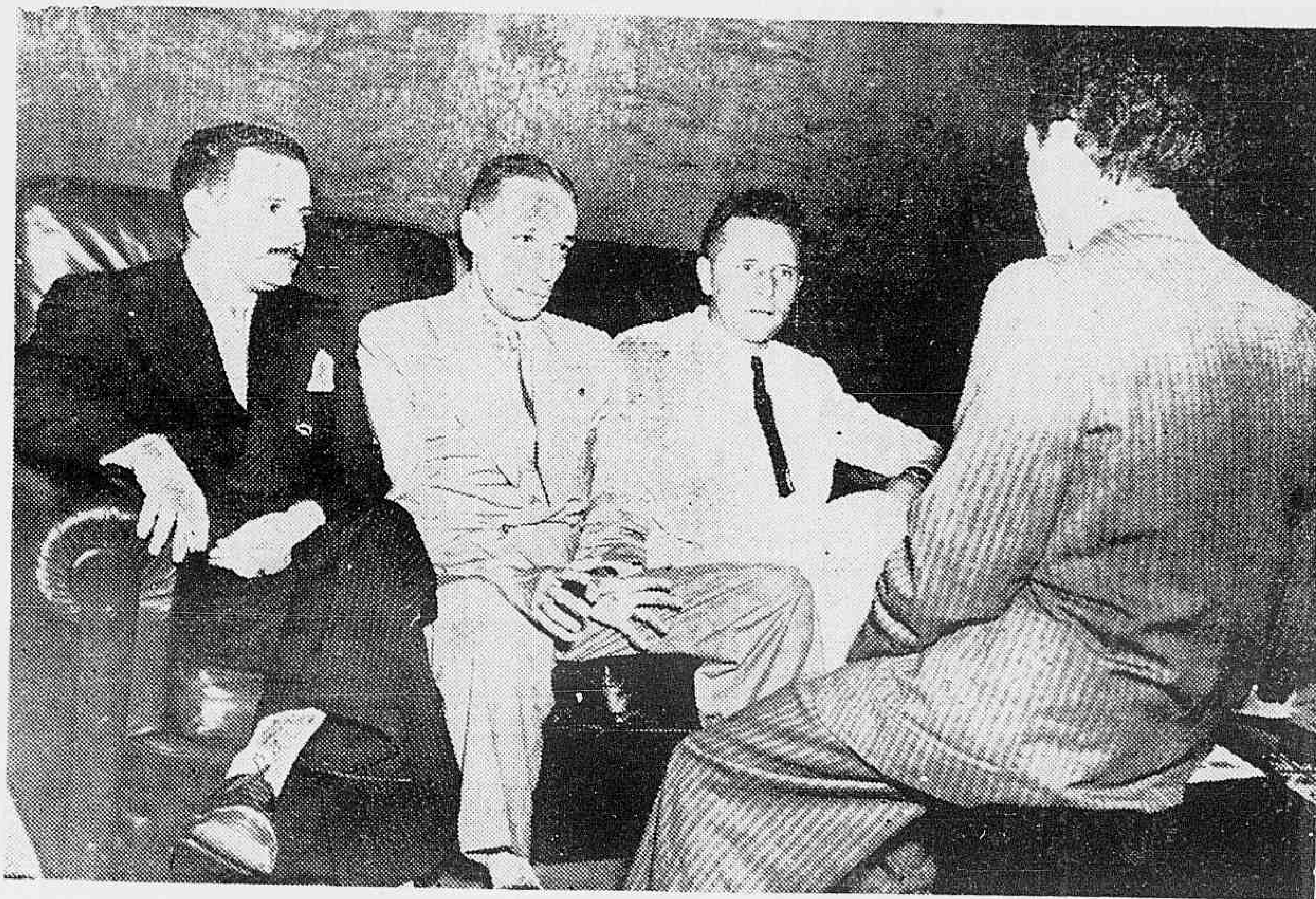
SURGE O CONSELHO ANTI-EIXISTA

Criado o Conselho Anti-Eixista, a primeira preocupação dos seus idealizadores foi dar-lhe uma direção eficiente, uma diretoria capaz de guiá-lo pelos trilhos lançados através dos estatutos. Não interessam aos organizadores prender em suas mãos as linha de direção, a não ser que a maioria dos funcionarios com isso concordassem. E como bem diz o sr. Tancredo Ribas Carneiro:

— Não, não poderia ser assim. Nunca desejamos reter em nossas mãos a direção do Conselho. Com o mais alto senso democrático, e de acordo com os estatutos, foram realizadas a eleição dos vinte e e oito elementos que integrariam o Diretorio, composto de três membros, e as cinco comissões de cinco conselheiros cada uma.

Estamos numa das salas do Banco do Brasil, num dos seus andares superiores. O barulho de mil máquinas — máquinas de escrever, máquinas de somar, centenas delas — chega, amortecido, lá de baixo. E' todo um coração pulsando. Os números dansam no ar. Veia imensa, por onde flúe um sangue poderoso, o sangue do país. Aos poucos, o nosso grupo vai aumentando. Em redor do dr. Tancredo Ribas Carneiro, reunem-se agora outros elementos do Diretorio do Conselho

(Conclue na pág. seguinte)



Membros do Diretório do Conselho Anti-Eixista do Banco do Brasil, entre os quais o sr. Tancredo Ribas Carneiro, quando eram entrevistados por DIRETRIZES

Anti-Fascista. O sr. Caio Pedro Moacir fala das eleições com entusiasmo. Elas representaram o primeiro grande sucesso do Conselho Anti-Eixista:

— Sim, foi a primeira grande vitoria. Realizadas no dia 16 de setembro do ano passado, com a colaboração eficiente da administração do Banco, as eleições alcançaram a maior repercussão. Fugiram pelas janelas do Banco, ganharam a cidade, foram comentadas no país inteiro. Não se discute, as eleições representaram a primeira grande conquista do Conselho.

O sr. Ribas Carneiro explica-nos como se procedeu o escrutinio:

— Da forma mais democrática possivel. Cada grupo de dez funcionarios, ou mesmo fração desse número, elegeu um representante de sua confiança. O pleito fo apurado publicamente por escrutinadores escolhidos em assembléia.

Lá em baixo, as pesadas portas do Banco do Brasil já estão fechadas. O expediente externo terminou. Mas, o sangue não deixa de correr por esta veia. As máquinas martelam a sua conversa numérica. Centenas delas, pac, pac, metralhadoras invisiveis. Agora é o sr. Helio Pires Ferreira quem fala.

— Assim, cento e sessenta representantes de esmagadora maioria de funcionarios, elegeram, por sua vez, vinte e oito conselheiros, escolhidos entre si mesmos, razão pela qual póde hoje o Conselho afirmar que representa a vontade dessa maioria, democraticamente manifestada.

Tancredo Ribas Carneiro:

— E estes vinte e oito conselheiros elegeram, então, o seu Diretorio.

PROPAGANDA E VIGILANCIA

Agora era desmantelar a quinta-coluna, vigiar os seus passos, olhar de frente para todos elementos suspeitos conhecidos, olhá-los dentro dos olhos, nunca os deixar esquecidos. Como num milágre, o Banco do Brasil acordou uma manhã com suas parêdes repletas de cartazes. Frases patrióticas avisavam que o inimigo era poderoso, solerte, terrivel. "Cuidado com eles". Cuidado, muito cuidado. Por sobre o quadro negro, que revelava as alterações do cambio e o valor inalteravel da libra, Manoel Rabelo gritava: "O inimigo é insidioso e solerte, e se infiltra por toda a parte e por toda a parte ameaça a seguraaça, a integridade e a própria vida da nação". As palavras se misturavam com o ritmo das máquinas. Incansaveis como as próprias máquinas. Pac, pac, pac. Diante das máquinas e dos cartazes, passam milhares de pessoas, todos os dias. Pac, pac, pac. Era a grande veia distribuindo o sangue, o sangue forte do país.

A intensa campanha de propaganda, levada á efeito pelo Conselho Anti-Eixista do Banco do Brasil só podia dar os melhores frutos. Sobre ela, assim nos fala o sr. Helio Pires Ferreira, outro componente do Diretorio do Conselho:

— Estamos convictos de que temos sido felizes nesse empreendimento, do qual já colhemos alguns frutos.

Não é uma propaganda dispersiva. E' propaganda inteligente, direta, bem como explica o senhor Caio Pedro Moacir:

— A qualidade de nossa propaganda, apresentando um caráter incisivo, enérgico mas sereno e elevado, vem merecendo os melhores louvores por parte de todos: dos chefes, dos colegas e até do público que frequenta o Banco.

Um dos motivos do pleno sucesso da Campanha de Propaganda levada á efeito pelo Conselho Anti-Eixista reside, sem dúvida, na ampla colaboração que á mesma deu a administração do estabelecimento. O testemunho do sr. Tancredo Ribas Carneiro dá-nos ciencia da completa identificação da administração do Banco com o programa do Conselho. Diz-nos ele:

— A alta administração do Banco tem contribuido, irrestritamente, para o sucesso dessa Campanha, quer facultando ao Conselho, por todos os meios, a emissão de circulares e boletins e a impressão de discursos e trabalhos, quer prestando o seu apoio moral com o comparecimento ás varias sessões civico-patrioticas realizadas na séde. E é oportuno frisar que todas essas solenidades, sem exceção, teem sido presididas pelo dr. Marques dos Reis que nunca se furta a acrescentar a essas festas o brilho de sua palavra benquista, autorisada e respeitada.

Os boletins de propaganda, mimeografados, são distribuidos por todos os funcionarios do Banco. Falam uma lingua clara, incisiva, sem rodeios, uma linguagem que diz, por exemplo:

"Depois que as divisões "panzer" e a "Luftwaffe" de Hitler inflingiram aos exércitos franceses a rápida e espetacular derrota de 1940, o mundo, perplexo, principiou a conhecer as razões de tão desconcertantes e inacreditaveis sucessos. Por todos os países começaram a circular, em forma de livros, os depoimentos uniformes daqueles que presenciaram os horroros do drama e que acompanharam, de perto, os antecedentes da catástrofe.

Uma das causas geralmente apontadas como geradora do tremendo desastre foi a falta de preparo psicológico do povo francês para o conflito inevitavel.

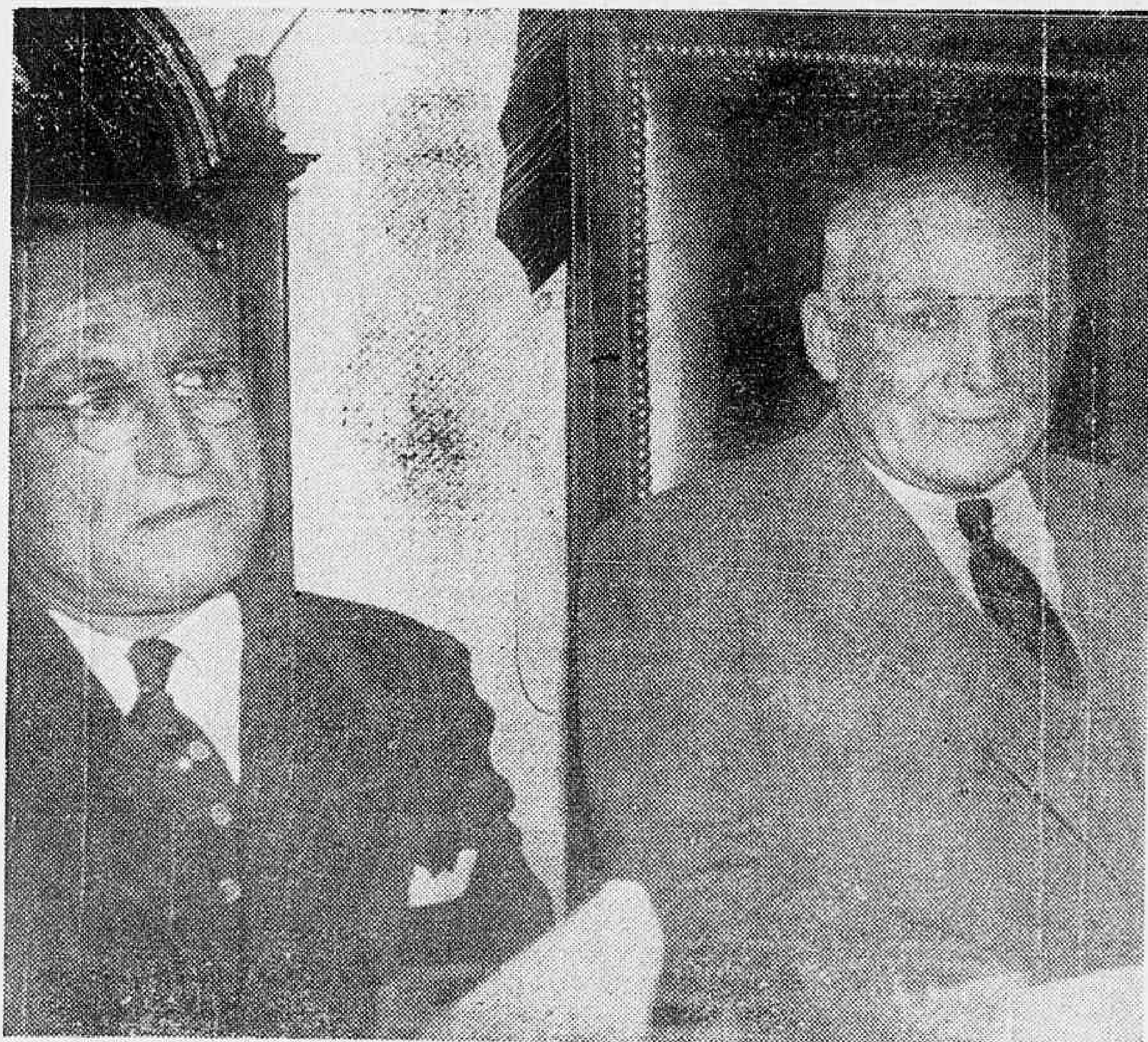
Os responsaveis pela defesa nacional, surdos ás advertencias honestas, não cuidavam de adextrar o espírito público para a luta que se esboçava; e, trabalhando em sentido negativo, os fascistas franceses — alguns por interesse pecuniario, muitos por ambição de mando, outros, finalmente, por pura inconciencia — faziam o jogo do inimigo. Propagavam coisas fantásticas sobre a excelencia dos regimes totalitarios e sobre pretensos intúitos de amizade leal da Alemanha e da Italia, para com a França; repetiam o velho "slogan" de que o nazi-fascismo era necessario, pelo combate que movia no espantalho bolchevista: obscureciam, em suma, os verdadeiros e tenebrosos propósitos do pangermanismo milenar e da megalomania do "Duce"."

A quinta-coluna visa, principalmente, a desagregação do esforço nacional. E os boletins advertem sobre isso, citando o caso trágico da França:

"O Brasil está hoje em guerra com a Alemanha e a Italia. Cumpre que os nossos civis e os nossos soldados não se deixem minar pelas mesma idéias que conduziram a França ao desastre irreparavel.

Há bem pouco tempo, jornais fascistas brasileiros — como o "Meio-Dia" e a "Gazeta de Noticias" — faziam, em escandalosas "manchettes", o elogio das vitorias alemãs e das doutrinas totalitarias. Até bem pouco tempo, adeptos do partido ingrelista (sucursal brasileira do nazi-fascismo) atacavam publicamente as instituições democráticas — pelas quais estamos em luta — celebrando, com ironias e "chopps", o afundamento dos nossos navios. Até bem pouco tempo, os prosélitos do "sigma" recriminavam e ridicularizavam, sem rebuços, em qualquer parte, os nossos aliados de hoje.

E' claro que agora, com o Brasil na guerra, esses nipo-nazi-fascistas indígenas modificaram suas atitudes, antes ostensivas e claras. Hoje, fazem profissão de fé patriótica e proclamam que são brasileiros. Mas, é forçoso que tenhamos cautela contra essa transformação subitanea e quase mágica, a qual, talvez em noventa por cento dos casos, não corresponde a uma efetiva metamorfose de convicções."



O general Manoel Rabelo ao lado do sr. Marques dos Reis, quando de sessão inaugural do Conselho Anti-Eixista criado pelos funcionários do Banco do Brasil

O CONSELHO E O ESFORÇO DE GUERRA

Desde os seus primeiros dias de existencia, o Conselho Anti-Eixista do Banco do Brasil alistou-se ao esforço de guerra do Brasil. Não podia ser de outra maneira, diz-nos o sr. Tancredo Ribas Carneiro:

— Não podia. Levamos á efeito as campanhas do metal, da borracha e do ouro; arregimentamos o voluntariado para a defesa passiva e trabalhamos em favor da Cruz Vermelha Brasileira; e agora já temos em andamento um trabalho á respeito da organização da defesa passiva no edificio do Banco e outro que visa facilitar aos funcionarios a obtenção do "brevet" de aviação civil.

Isso significa que, como organismo de combate a quinta-coluna e de defesa da nacionalidade, o Conselho Anti-Eixista do Banco do Brasil póde hoje ser citado como um agrupamento modelar. Bastaria que em cada núcleo de trabalho do Brasil fosse criada uma sociedade congenere, e a quinta-coluna nada poderia fazer, com seus passos seguidos e seus gestos vigiados. Seria assim organizada a vigilancia popular — a mais eficiente das vigilancias — contra os traiçoeiros inimigos da Pátria.

LUTA E BOICÓTE

Mas, como se processa, dentro do Banco do Brasil, a vigilancia orientada pelo Conselho Anti-Eixista? Eis uma pergunta que levavamos conosco. Desejariamos conhecer os métodos que estariam sendo usados contra a quinta-coluna, a maneira pela qual a luta sem espalhafato se desenrolava, luta surda, sem quartel. O senhor Tancredo Ribas Carneiro a respeito, assim nos falou:

— E' lógico que não podemos revelar os nossos métodos. Isso seria alertar o inimigo e preveni-lo. De qualquer maneira, posso acrescentar que o Conselho conta com a cooperação de todos os colegas para a vigilancia necessaria em época de guerra. Os estatutos proibem que sejam consideradas as denúncias anonimas, e assim, qualquer fato que por acaso seja constatado, para seu encaminhamento á administração do Banco, requer, inicialmente, que o denunciante assuma a responsabilidade diréta do ato. Evitamos, com tal preceito, a confusão e as possibilidades de se deturparem os nossos elevados objetivos. Temos a impressão de que estamos em condições de evitar, reprimir e anular possiveis manifestações da quinta-coluna, auxiliando, com os nossos recursos, a alta administração do Banco.

Mas, apesar de todas as medidas tomadas contra si, a quinta-coluna ainda não entregou inteiramente os pontos. Mesmo dentro do Banco do Brasil, sua ação desagregadora se faz notar através de um boicote manhoso contra as atividades do Conselho Anti-Eixista.

— Mas, isso é inevitavel, — diz-nos o sr. Tancredo Ribas Carneiro.

Mas, de que maneira se processa tal boicote? Explica-nos o nosso entrevistado;

— Por meio de abstenções sistemáticas, inutilização de cartazes e outras manifestações clandestinas.

Mas, pouco adianta. Um cartaz rasgado inspira a divulgação de três outros. Todas as dependencias do Banco do Brasil acordam e adormecem com suas parêdes repletas deles. Nesta luta firme, tenaz, sómente a quinta-coluna é que está levando desvantagem.

E OS ANTIGOS INTEGRALISTAS?

Uma outra pergunta nossa:

— E os antigos elementos integralistas? Será que eles continuam agindo, como parte integrante da quinta-coluna infiltrada no Banco?

A resposta do sr. Tancredo Ribas Carneiro é laconica:

— Provavelmente.

— E o Conselho é de opinião que, entre os antigos adeptos do fascismo nacional e do Eixo em geral, se encontrem alguns que ainda possam se transformar em bons brasileiros e bons americanos?

Assim nos responde o nosso entrevistado:

— A trágica experiencia sofrida por outras nações agredidas pelo nazismo, não nos autorisa, de um modo geral, prognóstico simpático nesse sentido, sobretudo no que se relaciona aos doutrinadores, propagandistas e agentes da ideologia totalitaria.

— Então, seria conveniente que cada um deles demonstrasse, de público, que abandonára o antigo credo?

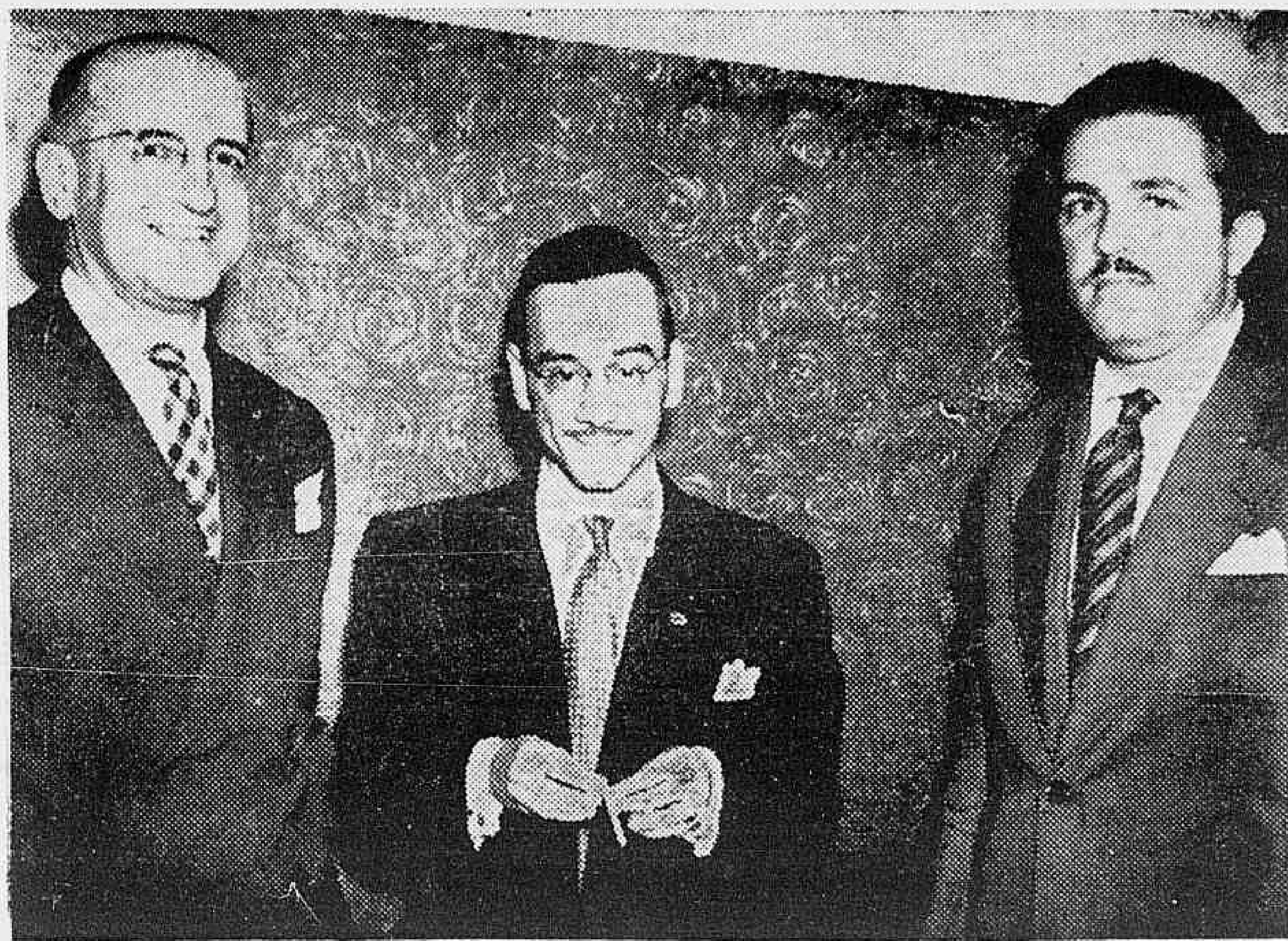
— Sem dúvida. Principalmente quando muitos deles foram vistos

(Conclue na 22.ª pág.)

A GUERRA JÁ INFLUIU EM SUA VIDA?

AS MODIFICAÇÕES QUE O CONFLITO VEM OPERANDO QUEM DEIXARÁ DE SOFRER SUA INFLUÊNCIA?

"ESTA GUERRA INFLUIU EM MINHA VIDA PARA QUE EU ME CONSIDERE IRMÃO DE TODOS OS QUE LUTAM CONTRA AS TIRANIAS FASCISTAS", DIZ, EM SUA RESPOSTA, O MINISTRO OTAVIO TARQUINIO DE SOUZA, O BIÓGRAFO NOTAVEL DE FEIJÓ. O ESCRITOR AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA E O PREÇO DO PAPEL QUE ESTÁ PELA HORA DA MORTE. UMA "RESPOSTA SIBILINA" DO CRÍTICO ELOY PONTES. A GUERRA E OS ESTUDANTES. "SOU, HOJE, UM ESTUDANTE QUE VIVE MENOS PARA SI DO QUE PARA A GUERRA". NASSARA E AS AVENTURAS DO DANUBIO AZUL. UM JORNALISTA E AS MUDANÇAS DA GUERRA. MARIO FILHO DECLARA QUE ANTES DA GUERRA A COISA MAIS IMPORTANTE DO MUNDO ERA O — — — — — — — — — — —"SUPER FLUO" — — — — — — — — — — —



Aurelio Buarque de Holanda, o contista de "Dois Mundos", e o sr. Otavio Tarquinio de Souza, biografo de Feijó, que responderam á nossa "enquete". Ao centro, o escritor Marques Rebelo

Um pergunta que se faz todos os dias e que reflete a realidade do mundo sofrendo, através da guerra, incessantes modificações. Os povos se acham há três anos em função da guerra, mudam-se os seus hábitos, o acontecimentos se sucedem cada vez mais imprevistos e parecendo até inacreditáveis. Os bombardeios, o drama do racionamento, o perigo de todos os lados, o alto preço da vida, os novos aspectos de vida constituem mudanças profundas na vida de um povo, na existência de um homem. Por isso a guerra influe em todo o mundo.

Com o Brasil em armas contra o nazi-fascismo é muito oportuno colher algumas respostas a essa pergunta constante: a guerra já influiu em sua vida? — que anda nas livrarias, redações, escritórios, armazens, nos lares e nas ruas.

Uma pergunta que nos acompanha sempre e nos faz encarar as dificuldades, compreendê-las e aceitar as contingências atuais porque se trata de vencer a guerra, aniquilar o nazi-nipo-fascismo e obter a paz, uma paz justa e digna em que os homens possam mudar, sim, mas para melhor.

"DIRETRIZES inicia esta "enquete" e já recebeu algumas respostas que passamos a publicar neste número.

O Ministro Otavio Tarquinio de Souza, o escritor que escreveu a estraordinaria biografia de Feijó, foi procurado por DIRETRIZES e deu á nossa enquete estas nobres e tão espressivas palavras:

"Em que vida de homem a guerra não terá influido? Influiguera não terá influido? Influiu e influe nos aspectos mais rotireiros e quotidianos, nos habitos de cada hora, embora a guerra propriamente dita ainda não tenha chegado á nossa terra a não ser nos infames afundamentos de nossos navios mescantes pelo banditismo nazi-fascista.

Mas a guerra, esta guerra em cujo bojo se processa uma imensa revolução, foi para mim o ensejo para uma verdadeira revisão de valores.

Muitas cousas que antes tinham a meus olhos grande importancia, pouco valem hoje. Se á primeira vista o conflito sangrento de que somos partes e testemunhas pode parecer uma divisão, uma separação, quando mais atentamente o considero sinto que todos os homens livres do mundo estabelecem laços de solidariedade que desafiarão o tempo. Esta guerra influiu em minha vida para que eu me considere irmão de todos os que lutam contra as tiranias fascistas. E influiu para desligar-me de um passado que explica todas as desgraças de hoje. Encaro o futuro com uma confiança que não possuia aos vinte anos, rapaz que fui de uma geração cética, cujos mestres nos ensinaram a sorrir e a duvidar".

COMO RESPONDE O ESCRITOR AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA

Aurelio Buarque de Holanda que acaba de fazer sua estréa publicando o livro de contos "Dois Mundos", de tão viva repercussão em nossos meios literarios, respondeu á nossa enquete com as seguintes palavras:

"Estou quase a dizer-lhe que a pergunta é ociosa. Não haverá ser humano sobre quem esta guerra não tenha exercido influencia — sempre má, e tantas vezes a mais desgraçada possivel. Mesmo a alguns que, porventura, dela estejam tirando proveito, chegará cedo o dia em que lhe conhecerão os efeitos dolorosos.

A cada momento, em cada fáto — desde os mais importantes, os vitais, até os mais corriqueiros — estamos a sentir as consequencias da catastrofe. Veja, por exemplo — você jornalista — o preço atual do papel dos jornais e o papel em que eles se publicam — o mesmo papel em que rabisco esta resposta — pessimo e pela hora da morte.

Para que referir-me aqui aos horrores, ás miserias conhecidas por toda a gente? Para que bancar o ator ante espectadores que conhecem o drama tão bem como eu?"

A RESPOSTA DO CRÍTICO ELOY PONTES

O conhecido escritor Eloy Pontes, autor de "A vida inquieta de Baul Pompeia" e outros livros, criticos do "O Globo", enviou-nos a seguinte resposta:

— A guerra influiu poderosamente na minha vida, pois alterou as idéas, opiniões e simpatias, por um lado, fortalecendo-me a segurança de que não andava muito equivocado, por outro. Minha vida é um fenomeno exclusivamente espiritual. Esta resposta sibilina merece demonstrações que não posso formular aqui.

A RESPOSTA DE MARIO RODRIGUES

Mario Filho recebeu-nos no "Jornal dos Esportes" após ter jogado uma partida de futebol de salão, um novo jogo movimentadissimo em que tomam parte dois pares movendo bonecos no campo que é uma pequena mesa.

Não se fez esperar a sua resposta quando lhe perguntamos se a guerra havia influido em sua vida de jornalista e de sportman.

— A guerra atingiu-me como atingiu todo o mundo. Eu, naturalmente, pago o imposto sem estrilar. Antes de 22 de Agosto eu morava na Gavea, acordava um pouco tarde. Era longe, muito mais longe do que agora. Agora eu tomei um apartamento ali na Gloria. Ao invés de sentar-me em um automovel de boas mólas e mandar tocar, eu trepo em um estribo de bonde, venho pendurado, todas as manhãs, até o Taboleiro da Bahiana.

— Foi só isso que influiu, Mario Filho?

— Naturalmente que só. Como jornalista eu me divido em duas partes. Sou o cronista e o proprietario do jornal. O cronista acha que está fazendo alguma coisa ajudando a encher os estadios. O football e o cinema tambem ajudam um pouco. Não se pode passar vinte e quatro horas pensando em guerra. E' preciso o desabafo de um grito de "goal". O inglês não abandonou a Taça da Inglaterra e nem por isso luta com menos vontade. O football, o entusiasmo de um estadio, a liberdade sem limites do torcedor estabelece um contraste violento com a guerra, com o campo de batalha. O inglês tambem está defendendo na Libia, na fronteira da Tripolitania, o direito de assistir um match, o direito de gozar os weeks-end, de ir aos courts de tenis, aos campos de cricket e de foot-ball.

— E o outro Mario Filho, o proprietario?

— O outro Mario Filho pagava o papel a noventa centavos. Está pagando o papel a dois cruzeiros e cinquenta centavos. O outro Mario Filho, o que trabalha para viver, este aprendeu a passar sem o superfluo. E antes da guerra, eu acho que não estou exagerando, a gente só vivia pelo superfluo.

Mario Filho repete: Antes da guerra a coisa mais importante do mundo era o superfluo. E acrescenta: — "Entretanto, se para mim, como individuo, as restrições aumentam, mais forte é o meu desejo de luta contra o nazismo".

RUI SANTOS, O CONHECIDO CINEMATOGRAFISTA, RESPONDE Á NOSSA ENQUETE

Procuramos Rui Santos, o conhecido cineasta brasileiro que tem produzido magnificos documentarios para o cinema nacional.

"Como poderia deixar de influir? — pergunta Rui Santos ao nosso reporter.

E explica:

— Uma guerra que desloca os problemas básicos da vida não deixa nenhum homem de fora de sua influencia direta. E' certo que muitos homens ignoram e ainda muitos outros se desinteressam por essa relação de seus destinos com os da humanidade, o que não impede que ela exista cada vez mais intensamente. Porque esta não é uma guerra de avanço de tanques apenas, mas, principalmente, de avanço de conciencia. A conciencia despertada numa guerra que ainda nos custava cara, pode bem, desafiada por esta guerra de carater nitidamente social, transformar as suas conquistas lentas numa grande vitoria consolidada. O homem desta guerra vai para a luta sabendo já porque vai. O homem de um amanhã bem próximo, talvez, negar-se-á a outra guerra, sabendo já porque se nega. E é só por essa paz que os povos livres estão empenhados na gigantesca luta contra o nazismo, em defesa da cultura. Nenhuma trincheira do capitalismo conterá o avanço da civilização, desde que este seja comandado pela cultura. A Russia, os Estados Unidos e a Inglaterra, estas principalmente, são nações que defendem e delineam por muitos séculos os novos destinos da humanidade, dentro de uma nova cultura.

Uma guerra assim, como poderia deixar de influir em cada um?

RESPONDE O PRESIDENTE DO INSTITUTO DOS BANCÁRIOS

Ouvimos tambem o sr. Ader-

bal Novais, advogado e presidente do Instituto dos Bancarios.

Ele é de opinião que a guerra influiu de certo modo na vida privada dos brasileiros.

— Com a guerra — explica o sr. Aderbal Novais —é claro que houve mudança. No setor onde trabalho sei que a situação dos funcionarios se torna mais dificil com referencia ao custo da vida, que se elevou em desproporção com os salarios. Com o afastamento de funcionarios que foram servir ao Exército, o trabalho no Instituto exigiu maior esforço por parte dos que ficaram, sem haver por isso alteração na marcha regular das atividades, sabendo-se que a hora é de sacrificio e decisão para a defesa do Brasil.

Não tem havido, porem, uma alteração mais profunda na vida do carioca. O peso da guerra não se fez ainda sentir tão profundamente. Quanto á minha vida, pela minha condição de solteiro e pelo meu salario alto, tenho tido maiores encargos sem que isso me transformasse o ritmo normal da existencia, com exceção do transporte. No sentido espiritual, tenho cooperado pela mobilização do esforço de guerra. Dirijo um instituto que se acha integrado no espirito da guerra, pronto a enfrentar todas as contingencias, eficientemente aparelhado como um orgão de mobilização da retaguarda.

A entrada do Brasil na guerra foi uma resultante dos nossos compromissos assumidos em função da solidariedade continental e como imperativo de nossa indole sempre hostil á opressão que tenta conquistar e escravizar os povos. Varias vezes temos demonstrado a nossa capacidade de luta contra invasores que quizeram se apossar do nosso país. Agora nesta guerra a nossa posição está decidida. E isso, é claro, influe vivamente em nossa vida de brasileiros.

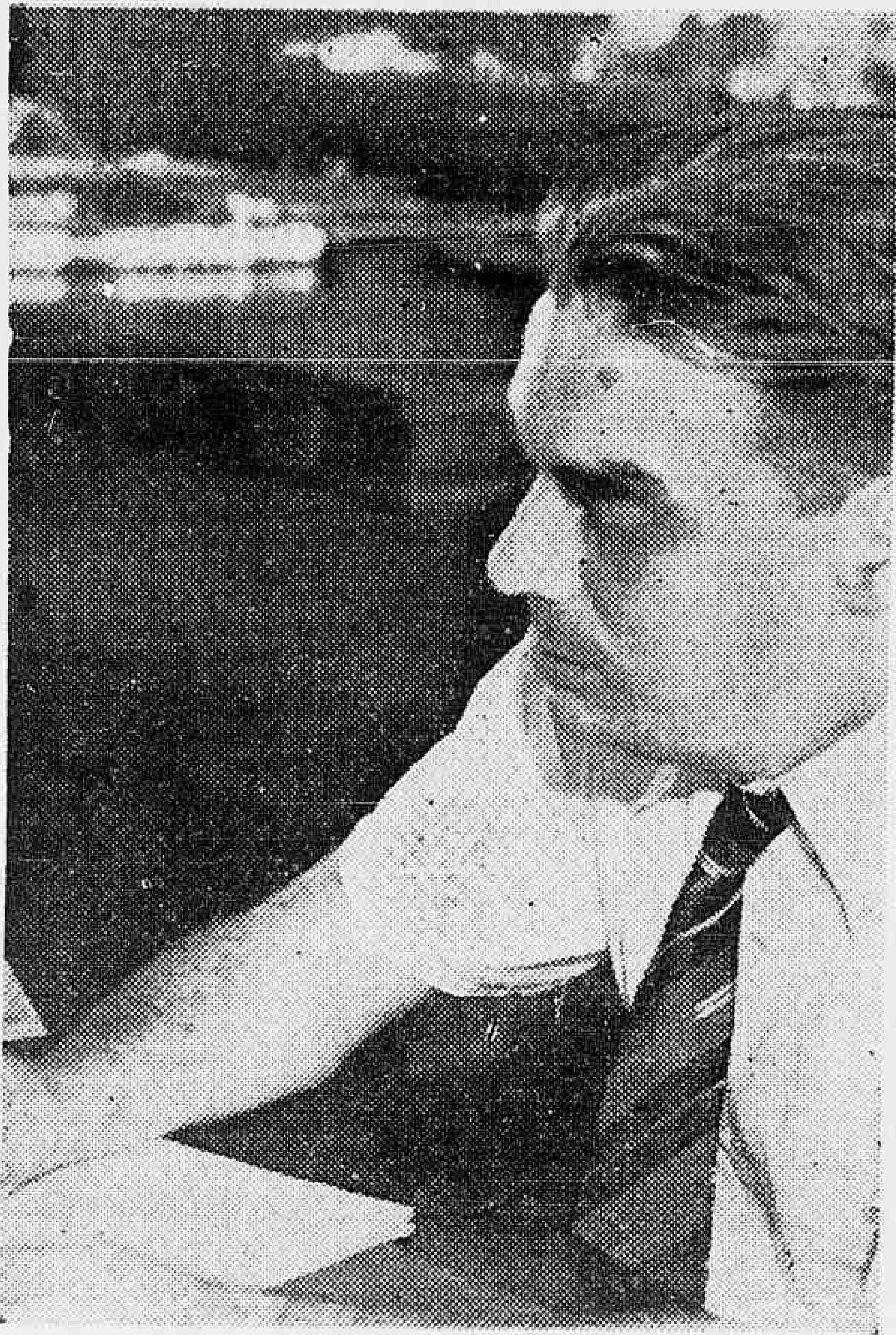
Teófilo de Barros, diretor artístico da Tupí, respondeu-nos imediatamente:

— A guerra influiu intensamente em minha vida porque influiu no meu trabalho aquí na Tupí. A nossa P. R. G-3 está na vanguarda da campanha anti-nazista. Por ocasião dos torpedeamentos, em agosto, a Tupí saiu á rua, falou diretamente ao povo, participou da indignação e da vibração civica dos brasileiros. Nssos programas são agora dirigidos no sentido de expressar cada vez mais a nossa conciencia anti-nazista, e nosso desejo de servir ao Brasil nesta guerra, porque a Tupí é um grande porta-voz do entusiasmo e do civismo e todo o seu esforço associa-se tambem ao esforço de guerra. Por tudo isso a vida mudou e mudou para melhor.

RENATO MURCE, DIRETOR ARTÍSTICO DA RÁDIO CLUBE DO BRASIL, PENSA QUE NÃO HÁ UMA SÓ PESSOA QUE NÃO TENHA SENTIDO A INFLUÊNCIA DA GUERRA

Renato Murce, que tem sido na sua existencia uma grande voz anti-nazista, respondeu assim á nossa enquête:

— "Penso que não há uma só pessoa que, desta ou daquela forma, não tenha sentido no curso de sua vida, ultimamente, a influencia de hecatombe que envolve o mundo. Sob o ponto de vista material, acontece comigo o que deve acontecer com todos aqueles que não teem "negocios" ou interesses ligados á guerra: uma influencia prejudicial, acarretando transtornos e dificuldades que, no entanto, são contornados e vencidos com animo forte e com o bom humor que reputo a melhor arma contra o pessimismo. Quanto ao aspecto moral, a tremenda lição que ora aprendemos e que nos faz estarrecer ante a ilimitada barbarie dos hunos modernos, tem servido para nos caldear o espirito e fortalecer nossas convicções, ensinando-nos que devemos lutar á qualquer preço, durante a guerra e depois da da guerra, para que se implantem no mundo de maneira sólida e para todo o sempre os princípios sãos de liberdade e democracia, com os quais possa o homem cumprir o maior e o mais sublime de todos os mandamentos, o mandamento que envolve todos os demais: "Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos"."



A guerra tambem influiu na vida de Mario Filho, o conhecido cronista esportivo

A GUERRA E A VIDA DOS ESTUDANTES

Ouvimos o estudante de medicina Antonio Gonçalves, que nos falou sobre a influencia da guerra na vida dos moços que estudam.

— A vida mudou — diz o estudante Antonio Gonçalves — e a influencia da guerra nesta mudança é cada vez maior. Como estudante, sinto que o custo da vida determinado pelas condições atuais do mundo, aumentou desesperadamente. Pago mais oitenta cruzeiros de pensão, os livros estão carissimos. Influencia total da guerra na economia do estudante pobre. Por outro lado, como moço e reservista, posso á qualquer hora ingressar no quartel e servir, como soldado, de armas na mão, o Exército, o meu país. Sou, hoje, um estudante que vive menos para si do que para a guerra, na qual empenhamos todo o nosso esforço afim de que possamos aniquilar o nazi-fascismo e restaurar em todo o mundo os regimes democráticos.

O estudante de hoje não é um pequeno ser solitario que se preocupe, apenas, com seus estudos e com a obstinada obtenção de um diploma.. Não há paz suficiente para isso. Estamos em plena guerra. Hitler tem ódio aos estudantes. Lembrem-se das universidades de Praga... Eis porque a guerra influe e influirá em nossa vida até que os exércitos das Nações Unidas possam entrar em Berlim, Paris e Roma.

A OPINIÃO DE LUIZ ARANHA MACIEL

Luiz Aranha Maciel, que acaba de concluir o curso de Direito, foi um dos mais ativos dirigentes da União Nacional dos Estudantes.

Ele tambem respondeu á nossa "enquête":

— Sob variados aspectos — começa Luiz Aranha Maciel — eu poderia traduzir a grande influencia que o conflito atual originou em minha vida. Porém, á DIRETRIZES, creio que interessa mais escutar o reflexo da guerra, do ponto de vista social.

Aliás, foi, principalmente, sob este aspecto, que mais repercutirá em mim, a tragédia que o nazi-fascismo criou para os povos. E' que a um homem moço, que tem feito sua vida girar no conjunto dos interesses populares, a guerra se apresenta como um dos males mais nocivos ao progresso da técnica e ao equilíbrio social, cuja tendencia se acentua mais e mais, no sentido de igualitar os homens na órbita do direito e da justiça.

Fugindo o nazi-fascismo á tal ordem de coisas, necessario se torna que seja derrotado em todos os campos de batalha, para que no seio dos povos os homens possam encontrar o caminho que os conduzirá á satisfação de suas aspirações.

Foi, portanto, sob tal aspecto que a guerra mais influiu na minha vida, visto que já agora quando os acontecimentos forçaram a retirada das cortinas que encobriam coisas e causas indispensaveis á vida em comum, nós, os moços, estamos habilitados a prestar no futuro o serviço que é um dever de cada um para com a coletividade onde vive e trabalha.

A PALAVRA DE UM JORNALISTA CARIOCA

Oliveira Santos é um velho militante da imprensa democrática e exerceu funções públicas de relevo como médico, sendo uma das figuras expressivas de sua classe. Seu longo tirocínio na imprensa e na carreira de médico autoriza-o a responder se a guerra influiu na sua vida, no seu destino de quem conheceu tambem os dias da primeira grande guerra e viveu épocas de tranquilidade e de tumulto. Eis a sua resposta:

— Sim, evidentemente, a guerra já influiu em minha vida. E muito antes do Brasil haver sido torpe e traiçoeiramente agredido. Sendo esse um conflito diferente dos que até então convulsionavam a terra, ninguem lhe poderia escapar á influencia nefasta. Não se trata de uma luta entre paises mas sim de violenta eclosão de um tumor maligno que ameaça destruir todas as células vivas da Humanidade. Sendo sua nocividade consuntiva especificamente dirigida contra os tesouros culturais, que a democracia permitiu se acumulassem no mundo — o da liberdade de conciencia, acima de todos — quem de nós poderia considerar seu destino livre de tão grande e grave perigo?

AS AVENTURAS DO DANUBIO AZUL

Nassara, caricaturista e compositor popular, forçosamente sentiria a influencia da guerra em sua vida particular.

Procurado para responder á "enquête" de DIRETRIZES, assim se expressou:

— Deixei de fazer caricaturas pelo puro amor ao humorismo. O nazismo como caricatura é um tema inesgotavel. O trágico dessa caricatura é que ela se tornou sanguinaria, domina a Europa e tem á sua frente aviões, tanks, canhões. Temos que pôr abaixo a sua máquina de guerra e reduzi-la ao que ela é. Minha vida recebeu influencias poderosas da guerra porque trabalho pensado no meu esforço para a guerra contra Hitler. Embora pequeno, sei que o meu trabalho não é inútil. Como compositor, acabo de escrever para o povo, o meu grande povo do qual faço parte e que se mobilisa contra o nazi-nipo-fascismo, uma marcha democrática que conta a historia do Danubio Azul e suas aventuras...

A OPINIÃO DO REDATOR-CHEFE DO "IMPARCIAL", DA BAÍA

A guerra influiu profundamente na vida particular do jornalista Wilson Lins, redator-chefe do "Imparcial", da Baía.

— A guerra — diz ele, respondendo á DIRETRIZES — já influiu no meu destino e de maneira radical: — de literato inconsequente, perdendo tempo com mensagens faceis e trocadilhos infames, passei a jornalista, combatendo diariamente a intolerancia e a violencia da canalha internacional do nazi-fascismo. Não fosse a guerra, eu ainda estaria metido com os romances inúteis, com a poesia fragil e a filosofia que nada resolvem de sério, de prático, de definitivo. Deixando a literatura pelo jornalismo, sofri uma bruta influencia da guerra, desta guerra que muito mal tem feito aos homens, mas que salvará o mundo em futuro próximo.

A GUERRA EM 1942

CONQUISTA JAPONESA DUMA "AREA VITAL" NO PACÍFICO". — A ESTRATEGIA RUSSA SOBREPÕE-SE Á ESTRATEGIA ALEMÃ — OS NORTE-AMERICANOS INTERVEM NA AFRICA PARA QUE SE ABRA A 2.ª FRENTE

NEMO CANABARRO

O ano de 1942 foi aquele em que a iniciativa da guerra deixou de ser um monopólio totalitario, para principiar a repartir-se entre as forças dos dois blócos de nações que se defrontam pelas armas. Foi, paralelamente, o ano em que principiou a produção bélica norte-americana em massa e o que comprometeu quase toda a America ao lado dos Estados Unidos, pela ruptura de relações ou pela declaração de guerra ao Eixo totalitario.

Os armamentos de fabricação norte-americana afluiram em quantidades substanciais nos diversos "fronts" das Nações Unidas, graças á concretização dum programa segundo o qual se construiram até dezembro 60.000 aviões, 45.000 tanks, 20.000 canhões anti-aéreos, 8.000.000 de toneladas de navios mercantes e "outras cifras análogas para uma multidão de outros elementos de guerra", como dizia a mensagem de janeiro de 1942, que o presidente Roosevelt leu perante a 77.ª sessão do Congresso dos Estados Unidos. Então, o presidente afiançou que para 1943 o nivel da produção bélica seria elevado a 125.000 aviões, 75.000 tanks, 35.000 canhões anti-aéreos e 10.000.000 de toneladas mercantes, citando-se unicamente as armas e equipamentos colocados nos quatro primeiros lugares da ordem de necessidades das democracias. Entre os 60.000 aviões de 1942, havia 45.000 aparelhos de combate (bombardeiros, bombardeiros de mergúlho e caçadores), e entre 125.000 de 1943 haveria 100.000 outros aparelhos de combate.

O programa se executou cabalmente, pois, que na parte das construções de navios produziu cerca de 9.000.000 de toneladas. Alguns estaleiros chegaram a construir cargueiros de 10.000 toneladas em menos de 3 dias. As novas fábricas e usinas, montadas para satisfazer as encomendas do governo, provaram ter um rendimento muito superior ao que fôra previsto.

Ativando a organisação dum exército de 5.000.000 de homens e da frota de 2.000 navios para dois oceanos, que se concluirá em 1945, os dirigentes estadunidenses enviaram para os teatros do Ocidente e do Oriente um total de 1.500.000 de homens. Com estas remessas de expedições e os suprimentos que fizeram aos seus aliados, converteram a Australia numa base capaz de sustar transitoriamnete o expansionismo nipônico, e intervieram na batalha contra a coligação do Reich em forma efetiva.

Os sucessos oriundos da arregimentação norte-americana para a luta, só se materialisaram depois da ofensiva japonesa que dominou o Pacífico central e ocidental, bem como depois da ofensiva germano-fascista que se esfacelou de encontro ás defesas sovieticas de Stalingrado e do Cáucaso.

A OFENSIVA JAJONESA

No conjunto das ações militares de 1942, destacam-se nitidamente dois períodos, em cada um dos quais, pouco á pouco, foi pesando a contribuição dos Estados Unidos, que há de ser vigorosa no correr do ano atual. Um dos períodos é o que se preencheu com a ofensiva que os nipões iniciaram a 7 de dezembro de 1941, e com a primeira ofensiva de inverno russa. O outro é o da ofensiva germano-fascista que durou de junho a meados de novembro, em cujo interregno ocorreram os contra-ataques norte-americanos das ilhas Salomão, disputando o Pacífico sul aos japoneses, e a intervenção norte-americano-britanica na Africa Francesa, por cuja influência o Eixo se convenceu de que de agora em diante a Frente Ocidental voltará a ativar-se.

A ofensiva dos nipões foi um típico e certeiro golpe de mão sobre as possessões européias e norte-americanas do Pacífico. Estes territorios parcamente guarnecidos, não resistiriam a uma neutralização de Pearl Harbor e á anulação de Singapura, a chave britanica do Extremo Oriente. Em sua qualidade de associados da Alemanha e Italia no Pacto Anti-Komintern e, por fim, no Pacto Totalitario (Tripartite) e mais ainda por suas velhas ambições quanto á "Grande Asia", os industriais e chefes militares do Sol Nascente premeditaram, e amadureceram, um pulo de onça, que desarvorasse o poderio norte-americano-britanico estabelecido em águas do Pacífico e do Indico.

Era praticavel uma reprodução do episódio de Tsu-Shima, aquele que conferiu ao Mikado, em 1904, a acendencia sobre os russos, de que eles não se livraram até a derrota final em Mukden. Os britanicos estavam atarefados no Atlantico. Os americanos tinham menos experiência que estes. Ambos se encontravam distantes dos pontos vitais a descontrolar ou abater.

Montado o golpe, sob a atmosfera de desprevenção que o embaixador Sabura Kurusu arquitetou em Washington, os norte-americanos se deixaram surpreender na base aero-naval de Pearl Harbor, com sua frota de fogos apagados e os aviões nos hangars e campos de pouso, ao passo que os britanicos estavam sem aviação para escoltar a divisão naval fundeada em Singapura.

A frota de Pearl Harbor perdeu encouraçados, cruzadores de batalha, porta-aviões e destroyers, durante o ataque repentino e insuspeitavel que lhe moveu uma poderosa formação naval e aérea dos japoneses. Foram tais as suas perdas que por muitos meses ficaria incapacitada para socorrer os postos das Filipinas, Wake, Guan e outras ilhas.

A divisão da esquadra britanica em sobreaviso na base de Singapura, levantou ferros com destino á Hong-Kong ou ás Filipinas, afim de reforçar os norte-americanos, mas, foi interceptada não longe da costa malaia por aviões-torpedeiros do Japão que afundaram o moderno encouraçado "Prince of Walles" e o cruzador de batalha "Repulse". Assim, os britanicos tambem se privaram dos meios de proteção ás suas comunicações com Hong-Kong e o Sarawek (Bornéo).

Os japoneses puderam atacá-los isoladamente na penúltima destas posições, fazendo o mesmo com os norte-americanos nas Filipinas. Tropas que haviam sido concentradas em Formosa, Hainan, na Indo-China Francesa e Thailandia, desembarcaram quase a um tempo nas ilhas de Luzon e Mindanáo (Filipinas), em Hong-Kong e ao norte dos Estados Malaios (peninsula de Malaca).

As invasões da Indo-China e da Thailandia prepararam a ofensiva contra Singapura, através de Malaia, inutilizando as defesas costeiras do bastião do Extremo Oriente, porquanto os seus fortes se orientavam para o mar, visando um inimigo marítimo.

As concentrações das ilhas de Formosa e Hainan, que pareciam utilizaveis contra a China do Sul, obedeciam á justa medida duma invasão de Hong-Kong e das Filipinas. Conheciam-se em detalhe, no Estado-Maior Imperial de Tokio, os efetivos das forças de cada uma destas possessões. Além do mais, os súdito japoneses e os amigos do Japão residentes em suas cidades prestariam um valioso auxílio ás expedições invasoras.

Todos os requisitos de superação e esmagamento dos defensores estavam, de antemão, concatenados. A campanha teria um desfecho rápido. Durante o seu primeiro mês, sucumbia a resistencia de Hong-Kong, com 20.000 prisioneiros e as armas e materiais da fortaleza. A resistencia do exército americano-filipino (uns 100.000 homens), ás ordens de Mac Arthur, comprimia-se no pequeno territorio da peninsula de Bataan e da ilha do Corregidor. Os norte-americanos estavam inteiramente isolados de suas fontes de abastecimento, não podendo recorrer á ajuda dos britanicos. As divisões niponicas disponiveis em Luzon e Mindanáo se transladavam para a Malaia, onde engrossariam o exército que baixava da fronteira da Thailandia, com a missão de submeter a fortaleza de Singapura.

O controle da base de Davão, no sul do grupo das Filipinas, ampliou o campo de ação dos conquistadores amarelos, dando-lhes margem para se apossarem dos portos estratégicos de Bornéo, das ilhas de Abbes, das Malucas e da Nova Guiné, com o que armaram o cerco de Singapura pelas terras circunvizinhas de léste e sudoéste. Entrementes, o exército thailandês foi expurgado da oficialidade leal á nação, e posto sob comandos aderidos á "Nova Ordem", encorporava-se ás divisões niponicas que investiam pelo sudéste da Birmania, em direção a Rangoon, de molde a aferrar as tropas britanicas que o general Wavell decidisse transladar para Singapura, em reforço de corpo de exército que se rebatia sobre a ilha-fortaleza, pelejando de linha em linha, desde a fronteira meridional da Thailandia.

Em 15 de fevereiro, dois meses após a ruptura das hostilidades baqueava a praça forte britanica do Extremo Oriente. Depunha as armas o corpo da Malaia, e 60.000 soldados indús, australianos, malaios e ingleses caiam prisioneiros, em vez de ir reforçar as guarnições da Birmania ou de Java. A ofensiva japonesa se condensava sobre esta riquíssima ilha das Indias Holandesas, com a ala setentrional enfiando-se pelo sul da Birmania, enquanto a ala meridional tateava a Nova Guiné e os arquipélagos de Bismarck e Salomão, por meio de desembarques em seus portos e ilhas principais.

As operações de cerco á Singapura aproveitaram para a submissão de Java, o reduto dos holandeses no Extremo Oriente e tambem o territorio mais defendido dessa vasta área insular, através de cujos estreitos se comunicam os oceanos Indico e Pacífico.

De 15 de janeiro a 27 de fevereiro, montaram-se bases de assedio na ilha de Amboina, nas Celebes, em Bornéo, Biliton, Banka e Sumatra. Submeter Java era, antes de mais nada, uma questão de pôr o pé nas bases holandesas de Amboina e Soerabaia. A primeira delas foi dominada. E o desembarque de uns 100.000 japoneses em quatro locais distintos da Java, resolveu o problema de sua submissão, em 12 dias (8 de fevereiro). Um exército batavo-javanês de cerca de 120.000 homens, depôs as armas, fragmentado e impotente, após o sacrifício da frota holandeza nas batalhas navais de Bali e Soerabaia, que, aliás, custaram 42 navios de guerra e mercantes aos nipões.

Conquistando Java, as forças do Sol Nascente executaram o lance que lhes restava para se estabelecerem em todas as terras compreendidas entre a Malasia e a Australia. Os aliados, britanicos, norte-americanos e holandeses, embora tivessem adotado um comando único sob o general Wavell, desarvoraram-se desde o primeiro golpe recebido e não mais conjugaram as suas forças, nem as pouparam duma destruição por partes, nem lhes ampararam com reforços, constituindo uma área vital em redor de Singapura e Soerabaia, donde irradiassem, futuramente, afim de libertar os territorios de mais difícil defesa.

O exercito norte-americano-filipino não tinha escapatoria, salvo se os Estados Unidos lhe mandassem, conforme externou o presidente Roosevelt, um socorro de 1.000 navios, carregados de tropas e os materiais com que o governo norte-americano desejaria ampará-lo. Mas os 70.000 homens que se bateram na Malaia podiam ter retirado para a Birmania e os 120.000 holandeses e javaneses que foram tão eficientes em Batavia, Roembang e Soerabaia seriam, sem dúvida, duma eficiencia muito mais produtiva na Australia, lado á lado com seus camaradas australianos e norte-americanos, naqueles momentos inquietantes, em que tanto se receou pela sorte da derradeira base dos aliados, para a reconquista do Pacífico.

Felizmente, o Estado-Maior de Tokio hesitou entre a Australia e a Birmania, e optou por invadir a esta possessão inglesa, que sendo um trampolim contra a India, era a zona de travessia da rôta de suprimentos aos exércitos da China Livre.

Numa campanha bastante rápida para os entraves do terreno e as longas distancias a vencer um destacamento de exército nipônico e tailandês apoderou-se sucessivamente de Rangoon, Mandalay e Lashio, ocupando toda a Birmania até fins de maio, mas sem aprisionar os seus defensores, como nas Filipinas, em Hong-Kong, Singapura e Java.

Distante, num período de seis meses conquistaram todas as terras do Extremo Oriente, situadas

(Conclue na página 19)

Poemes de Guerre de Beatrix Reynal

ÁLVARO MOREYRA

De Gaulle e os Franceses Livres tinham mostrado já que aquilo de Vichy não é a França. Será, quando muito, uma sucursal deteriorada de Baden-Baden, como Montecatini e outras aguas que absolutamente não servem para lavar.

Diante do livro de Béatrix Reynal estou me lembrando do Estudante Alsaciano:

"Aqui dentro, aqui dentro é que está a França!"

Era no coração do filho da terra roubada. E é agora nestes poemas que trazem o ritmo, triste mas forte, com que o sangue da raça dos humanos continúa marcando a sua eternidade, no intervalo entre os brutos.

Bem certo: temos duas pátrias: a nossa e a França. Junto da França, mais do que nunca, combatendo o mesmo inimigo, com ela imploramos pela voz de Béatrix Reynal:

Sainte Liberté! derniére espérance
Des peuples en deuil, en ces mauvais jours!
Écoute les coeurs gémir de souffrance
Et des opprimés viens vite au secours!

Sainte Liberté! Sauve encor le monde,
Et malheur á ceux qui croient te bannir.
Car, pour te garder, nous saurons mourir."

E a Santa Liberdade salvará ainda o mundo. Define-se a vida, quando começa, com a velha expressão: ver a luz. De alguem que morreu se diz: fechou os olhos para sempre. Em plena luz, de olhos bem abertos, queremos existir para a frente, sentindo e pensando e compreendendo que é o amor a vocação do mundo, onde o odio sempre foi imposto — criação artificial para um fim inconfessavel.

Todos os que se uniram e vão vencer pela idéia da independência o instinto do cativeiro, estão formados nos poemas de Béatrix Reynal, que ela chamou de guerra, e que são poemas de paz, porque o anseio da paz estremece em cada verso e cada palavra deixa uma ternura boa:

"Au Nord, au Sud, partout, la victoire est certaine,
Et ta gloire, ô Brésil! grandira chaque jour,
Car, pour notre bonheur, tu détruiras la haine,
Pour nous donner enfin l'espérance et l'amour."

Surgem as asas inglesas:

"Dans un bruit infernal, á travers les alarmes,
Nous sommes tour émus, dés qu'on les voit venir;
Leurs victoires, bientôt, feront cesser nos larmes,
Car ils savent se battre et vaillamment mourir"

O Tommy:

"Hier comme aujourd'hui
Porteur d'espérance"...

Os Americanos:

"Nos enfants serons fiers d'apprendre
Votre lutte pour les sauver"...

Ela acredita com certeza:

"Je crois aux lendemains qui suivront nos malheurs,
Ainsi qu'á la Bonté des hommes sur la terre;
Je crois aux doux printemps qui naitront dans les coeurs,
Aprés le sang versé, quand finira la guerre."

Ela reza por todos, por todos os que foram, por todos os que ficaram:

"...pour que, demain, l'unité fraternelle
nous apporte ici-bas lá lumiére et l'amour.'

Poesia da França. Poesia universal. Simples, clara, direta. Vem do fundo da terra. Anda da sombra para o sol. Imagem e voz. Voz de Racine e voz do povo. Béatrix Reynal fala e do que fala fica ecoando em nós, como um embalo, uma caricia de som, uma ressonancia de sonho — a esperança, a mais bela rima da França...

"O France malheureuse au tragique destin!
Bientôt vous brillerez á la place premiére,
Et montrerez alors aux hommes leur chemin"

Um livro assim dá vontade de ir para a praça pública fazer o arauto: "Escutai! E' a mensagem dos dias melhores..."

ESCLARECIMENTO

Em minha nota da semana passada escapou-me uma frase que pode se prestar a tal ou qual-entendido. Foi a seguinte: "Os homens de Vichy não estão subjugados por Berlim tanto quanto simulam estar". Vamos esclarecer melhor o que eu quís dizer com isto.

Devemos desde logo deixar bem claro que "os homens de Vichy" são uma coisa e a França é outra. Os homens de Vichy — Pétain, Laval & Comp. — absolutamente não representam a França, nem se acham tampouco a serviço da França. Eles trairam a França, quando assinaram o armisticio de 40, e desde então toda a sua política de peseudo-resistência, de colaboração disfarçada ou de colaboração aberta com o inimigo tem sido apenas o desenvolvimento, por etapas, da traição inicial. Não póde haver mais nenhuma dúvida a este respeito.

A França foi traida pelos homens de Vichy e por eles entregue ao jugo de Berlim. Quer dizer: a França está realmente subjugada por Berlim. Mas os homens de Vichy, não tanto. Porque eles são os instrumentos dóceis de que se serve Berlim para subjugar a França. Na realidade, eles estão tambem sujeitos ao jugo de Berlim — mas docilmente, voluntariamente, como instrumento dóceis e voluntários. E por que se tornaram eles instrumentos dóceis e voluntários a serviço do inimigo da própria pátria? Eis precisamente a grande questão: porque são partidários do nazifascismo. São homens que pretendem implantar na França o regime nazi-fascista e assim levar a França a entrosar-se no sistema europeu nazi-fascista, isto é, na chamada Nova Ordem hitleristica. São os mesmos homens que diziam, nas vésperas da guerra, preferirem a França governada por um nazista alemão do que por um comunista francês.

Reparem na linguagem dos homens de Vichy. Pétain só fala em "honra", em "velha tradição francesa", em "revolução nacional"; a mesma terminologia da propaganda fascista e nazista. Terminologia pela qual se exprime a ideologia nazi-fascista. Em toda a parte do mundo, os individuos e os regimes imbuidos dessa ideologia se exprimem de modo sempre semelhante: é "revolução nacional", é "tradição nacional", é "solução nacional para os problemas nacionais", etc., etc. São sempre as mesmas expressões, que exprimem, muito naturalmente, o mesmo modo de pensar e de sentir.

Coisa idêntica podemos observar na legislação de Vichy: anti-democrática, anti-representativa, anti-eleitoral, anti-semita. Legislação totalitária, tipicamente nazi-fascista: sindical-corporativista, autárquica, hierárquica, baseada toda ela na concepção da autoridade emanada do chefe e não do voto popular, da autoridade estabelecidade de cima para baixo e não de baixo para cima. Como em Berlim, em Roma... e alhures.

ASTROJILDO PEREIRA

O CONCURSO INTER-AMERICANO DE ROMANCE

FALA-NOS, A RESPEITO, O ESCRITOR OSVALD ANDRADE

Osvald Andrade, o romancista de "Serafim Ponte Grande", e "Os Condenados" e o teatrólogo de "A Vela", obteve com Jorge Amado o primeiro lugar na escolha de romances, feita pela comissão julgadora brasileira e que vão concorrer ao grande premio do Concurso Interamericano, a realizar-se nos Estados Unidos.

"Marco Zero" foi o romance de Osvald Andrade escolhido. DIRETRIZES procurou em São Paulo o consagrado escritor nacional para ouvir-lhe as impressões a respeito da decisão do juri.

Disse-nos o romancista:

— Estou mais que satisfeito. Jorge Amado escolhido comigo constitue orgulho. Ele é o grande sucessor de Castro Alves. Toda a miseravel campanha feita contra ele não podia prevalecer. A honestidade do juro de seleção foi posta á prova. Dele faziam parte Manuel Bandeira, e Prudente de Morais Neto. O proprio voto do sr. Alvaro Lins foi muito interessante, pois lembrou com justiça o romancista nordestino José Lins do Rego, cuja importancia social é das maiores e cuja força de narrador é mais que conhecida.

PÁ E ENXADA PARA OS QUINTA-COLUNAS

A AÇÃO DRÁSTICA DA POLICIA ALAGOANA CONTRA OS ELEMENTOS DO EIXO. — OS INIMIGOS DO BRASIL ESTÃO SENDO APROVEITADOS NO SANEAMENTO DO SOLO

A INSOLÊNCIA DO PROFESSOR NAZI-INTEGRALISTA LUIZ OITICICA. — UMA DECLARAÇÃO QUE SOMENTE UM BRASILEIRO NEGOU-SE A ASSINAR. — GUERRA AOS ESPECULADORES E AO "SINDICATO DA MORTE". — FALA À "DIRETRIZES" O SR. ARÍ PITOMBO, SECRETÁRIO DO INTERIOR E JUSTIÇA DAQUELE ESTADO NORTISTA



O sr. Arí Pitombo, secretário da Justiça e Interior de Alagôas, um dos mais ardorosos combatentes anti-fascistas do norte do país

O dr. Ari Pitombo levava um programa para Alagôas: desmantelar a quinta-coluna, astuciosa e forte, que andava livre por lá, agindo de todas as maneiras. Poucos dias depois de sua pósse no cargo de Secretario de Segurança Publica, o trabalho foi iniciado. Fôra antes do torpedeamento dos navios. Apenas o Brasil havia rompido suas relações diplomaticas com as potencias do Eixo. Mas ninguem falava ainda na guerra, apezar de se saber que ela estava no ar, como coisa de amanhã. Apezar disso, o dr. Ari Pitombo começou a tomar suas precauções: os lideres integralistas foram presos bem como figuras eixistas proeminentes. Suas casas rebuscadas. Camisas verdes, material de propaganda, retratos do "fuehrer" nacional e do "fuehrer" germanico, tudo isso foi enchendo uma sala especial da policia alagoana.

Era o começo da profilaxia. Um dos detidos nessa ocasião foi o dr. Mario Marroquim, chefe integralista alagoano, e figura mais ou menos conhecida nos meios intelectuais do nordeste, onde vem atuando com intensidade, sempre num sentido negativo e anti-popular.

EIXISTAS PARA O O SERVIÇO CONTRA A MALÁRIA

Como o covarde atentado nazista de agosto do ano passado, a campanha contra a quinta-coluna ganhou em Alagôas um novo e grande alento. Como inicio o dr. Ari Pitombo prendeu todos os suditos do Eixo, na capital e no interior. A ação policial se desenvolveu com grande eficiencia. Ninguem escapou. Ricos, pobres, gente importante e gente sem importancia, todos tiveram seus passos e gestos vigiados de perto. Mas que fazer daquela turma toda, daquela pequena multidão? O dr. Ari Pitombo já tinha o seu plano. O logico era aproveitar aquela gente num trabalho util ao Estado. O Serviço da Malaria, na região de Bebedouro, estava precisando de gente, de braços fortes para o serviço de saneamento. O dr. Ari Pitombo não teve duvidas. Mudou todos os suditos do Eixo para lá, e lá eles suaram, durante noventa dias, cavando a terra, limpando o terreno, compensando, embora de uma maneira bem modesta, os prejuisos materiais que as potencias fascistas haviam causado ao Brasil. Os jornais do Rio tiveram ocasião de publicar alguns flagrantes dos súditos eixistas, de pás e enxadas nas mãos, calças arregaçadas, cavando o chão, e saneando. Entre os eixistas que foram mandados para Bebedouro, se encontra o nazista Manfredo Bostelmann, ex-chefe de um ramal do Nacional Socialismo em Alagôas, cavalheiro muito rico e muito conhecido. Bostelmann é um dos dirigentes da importante firma Bostelmann & Cia.

UMA DECLARAÇÃO SEM MEIAS-TINTAS

Noventa dias depois de trabalho intenso e produtivo, seguindo a orientação do Presidente da Republica, que mandava que os suditos do Eixo ha muito tempo no Brasil e que aqui já tivessem construido familia numerosa, fossem libertos e aproveitados no esforço de guerra, o dr. Ari Pitombo procedeu a uma seleção. Os individuos considerados não perigosos, foram todos soltos. Os demais, nazistas cem por cento e integralistas convictos e atraentes, continuaram de pá e enxada, exercitando os musculos desacostumados sobre o chão de Bebedouro.

Mas, antes de serem libertos, os eixistas tiveram que assinar uma declaração. Declaração incisiva, sem meias tintas, escrita do próprio punho do dr. Ari Pitombo

— A declaração tinha que ser bem forte — diz-nos, agora, o Secretario do Interior e Justiça de Alagoas, que se encontra no Rio a serviço do seu cargo. — Assinando-a, os eixistas se comprometeriam para o resto da vida.

Um trecho da declaração diz o seguinte: "Nós, abaixo assinados, declaramos que não estamos solidarios com os atos da barbaria dos monstros Hitler e Mussolini, estas duas bestas humanas, mais sujos do que a lama da sarjêta, que procuraram, num ato de covardia, afundar navios brasileiros carregados de crianças e mulheres brasileiras". No final, a declaração pedia guilhotina para o "fuehrer" e para o "duce".

Todos os eixistas libertos assinaram a declaração, sem vacilar. Mas houve um cavalheiro que se negou terminantemente a deixar seu autografo naquele documento tão significativo. Um eixista? Nada disso: um mau brasileiro, um integralista. Trata-se do bacharel Luiz Oiticica, cujas convicções fascistas veem de longe. Sem o menor escrupulo, o integralista Oiticica declarou ao dr. Ari Pitombo:

— Não assino esta declaração porque considero Hitler e Mussolini dois grandes homens!

O bacharel Oiticica continua detido, portanto. Entrementes, está correndo um processo contra esse nazi-verde no Tribunal de Segurança.

Oiticica sempre foi um integralista ativo. Antes da declaração de guerra do Brasil ao Eixo, era ele quem recebia, em Alagôas, as ordens do "fuehrer Plinio Salgado e as transmitia aos seus companheiros de crédo.

Outra coisa: alem da declaração que tiveram que assinar, os suditos do Eixo libertos foram obrigados pela policia a usar, na lapela, o V da Vitoria com as côres nacionais. Outro cavalheiro perigosos que foi detido pela ação drastica de Ari Pitombo: o alemão Frederick Hendel, nazista convto, engenheiro e tecnico da Companhia das Aguas de Maceió. Hendel já foi remetido aqui para o Rio. Reside atualmente na Ilha das Flores.



A propaganda anti-fascista é realizada em Alagôas através da própria publicidade comercial, como se pode ver no cliché acima, detalhe de um anuncio de armazem

A 5.ª-COLUNA FOI DESMANTELADA

— Posso agora afirmar — declara o dr. Ari Pitombo — que a quinta-coluna foi inteiramente desarticulada em Alagôas. Todos os elementos suspeitos e perigosos, integralistas e fascistas dos outros diversos ramais, estão presos, trabalhando para o Estado. Meu programa, aliás, encontrou desde o principio todas as facilidades para o seu desenvolvimento, pois que contei com o apoio do povo. O povo, quando assumí a chefia de policia do Estado, foi completamente mobilisado para a campanha anti-fascista. Em seguida, foram organizadas conferencias na Capital e no interior sobre o nazismo e os metodos de sabotagem da quinta-coluna. Tais conferencias realizadas pelo professor Antonio dos Santos, visavam alertar a massa popular contra os inimigos da Pátria, despertando-a para um esforço comum no combate ao fascismo. Hoje, todo o Estado vibra num unico fervor anti-fascista. Tal sentimento se entremostra nos menores detalhes, até nos anuncios das casas comerciais. E' uma campanha intensa, viva, espontanea, na qual autoridades e povo se confundem e se identificam completamente. O governo do Interventor Ismar de Góes Monteiro, um governo jovem e idealista — acrecenta o sr. Pitombo — tem prestigiado todas as manifestações populares contra o fascismo, e o resultado é esta esplendida demonstração civica que Alagôas póde apresentar aos olhos do país.

E o dr. Ari Pitombo argumenta:

— A ação da policia alagoana, sob minha orientação, contra os inimigos do Brasil, foi, sem du-

(Conclue na 22.ª pag.)

MOVIMENTO CULTURAL

CASTA E CLASSE

ARTHUR RAMOS

Em 1915, começou a grande migração para o norte, dos negros do Sul dos Estados Unidos. Atingiu ao seu máximo em 1917, cessou em 1920, por causa da depressão econômica para recomeçar em 1922. O panico de 1929 fez cessar aquela ansia de evasão que havia empolgado a massa negra dos Estados sulinos.

As causas econômicas desse exodo são perfeitamente conhecidas: a industrialização crescente do "middle-west", a necessidade de braços determinada pela guerra, as inundações e outras causas cósmicas prejudicando as colheitas no sul agrário, etc..

Psicològicamente, corria entre os negros que havia chegado a sua oportunidade de serem livres e felizes. Não eram outros os "slogans" publicados pelos anúncios das grandes companhias empregadoras do norte. Os agentes se distribuiam no sul, contando aos negros as excelencias da vida que os esperava no norte. E todo aquele mundo de côr ansiava pela hora da sua evasão.

Essa hora chegou realmente para muitos. Para centenas de milhares. Mas a felicidade que eles procuravam tornou-se mais precária do que nunca. Desapareceram realmente os "Jim Crow car". O negro podia entrar pela frente da porta das casas e receber o tratamento de "mister". Podia negociar, acumular dinheiro, possuir bancos e ser independente do ponto de vista econômico. Como nas palavras de Shakespeare, reproduzidas por Van Deusen, o negro podia comprar, vender, falar, encontrar-se com o branco, mas, não podia comer, beber ou rezar com ele.

A sociedade branca encolheu-se num inesperado movimento de defesa. A segregação, embora não sancionada nas leis, continuou por varios meios indiretos. O negro foi obrigado a viver em áreas separadas nas grandes cidades: Harles, em Nova York; South Side, em Chicago; Seventh Ward, em Filadelfia; Hill District, em Pittsburgh; St. Antoine Street, em Detroit; Central Avenue, em Atlanta; secção de Northwest, em Washington.

Na realidade, o negro tornou-se mais infeliz do que nunca. Porque, abandonando a sua posição de subordinação no sul, onde recebia do branco um tratamento "paternal", herança da etiqueta escravocrata, mas, de qualquer modo cordial e mesmo afetuosa, ele iria tornar-se, agora, no norte, conciente da sua condição de casta e animado do desejo agressivo de mudar esse estado de coisas.

Foi esse espírito que encontrei no negro, nas minhas experiencias no norte. Depois da quase brandura e acessibilidade do negro sulista, o contácto, agora, era agressivo e áspero. O negro da rua reagia sistematicamente ao contácto do branco. Fiz essa experiência varias vezes. Muito raramente, o negro responde á pergunta que se lhe faz, a um encontro casual de rua, ou o faz de uma má vontade bem evidente.

Jámais me esquecerei daquele domingo de Páscoa em que entrei numa igreja negra do South Side, em Chicago. O pastor negro pregava na ocasião. Como nos sermões dominicais do negro, falou sobre varios assuntos, sempre com aquele "pathos" emocional que vai crescendo, á medida que o sermão avança. Falou sobre a guerra e os males deste mundo. Meteu o páu em Hitler e Mussolini. Mas, falou principalmente sobre o destino do seu povo. Parecia um velho profeta judeu clamando contra a adversidade.

Ao notar a minha presença, o tom do sermão tornou-se mais áspero. Parecia agora dirigir-se a mim. Começou a increpar os defeitos de uma sociedade de onde ele julgava eu devia provir. E á certa altura, interrompeu bruscamente a sua falação, para perguntar-me se eu era cristão realmente e que é que tinha vindo fazer naquela igreja.

Não sei como tive presença de espírito para me levantar calmamente e responder, não a ele só, mas, a toda a gente negra da igreja, anjos batistas, e funcionarios do altar, a enorme assistencia de fiels do adro, que eu tinha vindo do Brasil. Não sabia o que aquilo significava para eles, mas, isso exprimia tudo. Vinha do Brasil, uma terra onde não havia preconceitos de raças etc.. Estava alí não para me divertir á custa deles ou para apreciar-lhes apenas os "spirituals" mas, para procurar compreendê-los e amá-los. Na minha terra, as igrejas acolhiam indistintamente brancos, negros, individuas de todas as classes e castas, sem separação de qualquer categoria. Creio que, emocionado, disse muita coisa mais, que deve ter agradado sinceramente ao pastor iracundo que fez côro com as palmas que abafaram minhas últimas palavras.

Esta experiencia repetiu-se em outras ocasiões, como na minha passagem pela universidade negra de Howard, que relatarei na próxima crônica.

Já sentia naqueles meus contactos, em 1941, que as mudanças que a próxima guerra iria desencadear, já se estavam processando, embora lentamente. Nos meios universitarios, o progresso era enorme. E em mais de uma oportunidade, tive ao meu lado, nos refeitorios das universidades, ou mesmo, nos lares de varios professores, negros ilustres que comiam e bebiam juntamente com os brancos, contrariando o sentido da frase de Shakespeare. E eles falavam sobre assuntos e problemas comuns, os problemas de uma geração responsavel por tantos erros, um dos quais e talvez o maior, era a separação da humanidade em linhas estanques, de privilegios econômicos e segregação de castas.

Legião Brasileira de Assistência

Por ocasião da solenidade da instalação da Legião Brasileira de Assistencia, em Pernambuco, o sr. Jarbas Maranhão pronunciou o seguinte discurso:

"No estudo de qualquer fenómeno social três questões fundamentais preocupam a inteligencia humana. Qual a sua gênese? Qual o seu objetivo ou finalidade a atingir?

Tratando-se de um fenômeno de natureza patológica devem os homens estudar a terapêutica de sua debelação ou de sua regeneração. Como devem, no caso de ser o fenômeno saldavel, favorecer-lhe o desenvolvimento, dar-lhe toda amplitude e buscar-lhe a perfeição nessa ansia do espírito em atingir o perfeito.

Respondendo á primeira daquelas interrogações, a propósito da Legião Brasileira de Assistencia — que tem em Pernambuco, a dirigir-lhe os destinos, a senhora Antonieta Magalhães, essa alma tão cheia de entusiasmo, arrebatamento e modestia na execução de trabalhos e obras sociais — digo-vos que a Legião é um produto do nosso atual estado de guerra.

Concebeu-a o espírito bondoso da senhora Darcy Vargas, impressionado, talvez, na recordação da cena em que Heitor se despede de sua mulher Andromaca e de seu filho Astyanax. Ou, ainda, quem sabe? rememorando aquele outro trecho de Homero, com certeza o maior genio descritivo de todos os tempos, e em que ele diz:

"Gemendo, ele tombou então, e a sombra da morte o envolveu. Caiu pesadamente sobre o solo, mordendo a poeira com os dentes. Nunca mais uma esposa querida o tornará a ver, nem o filho, balbuciando ainda, ele terá nos braços".

Foi esse pensamento nas familias dos nossos soldados, convocados para a defesa da honra e dos direitos da patria; essa lembrança de mães e esposas brasileiras distanciadas de seus filhos e seus maridos, entregues ao cumprimento do dever; essa imagem de crianças longe das atenções e afetos paternos; foi esse pensamento cristão que gerou esse ato de amor: A Legião Brasileira de Assistencia.

Sob esse angulo, a guerra deixa de ser, unicamente, um monstro que se alimenta de dor, ou uma peste tresandando a sangue. Não é só destruição e morte. Carnagem e deshumanização. E' vida e criação, bálsamo e amor. Não só segrega odio e violencia. Estimula a virtude humana: desde a bravura normal ao heroismo do sacrificio da propria vida. Por isso, os gregos já o diziam: a guerra é o pai de tudo. Se, enquanto destruição, ela gargalha feliz no estrondo dos canhões e seus olhos num gozo cruel iluminam-se ao faiscar das granadas (ainda assim ela nos oferece o espetáculo do belo-horrivel) que de monumentos imperecíveis não lhe deve a humanidade? O que não lhe devem a pintura, a escultura, a escultura, a arquitetura, a poesia, todas as artes em inspiração e criação? Que seria do estro de Schiller? Da tragedia de Eschylo? Dos cantos magnificos de Homero? Como esquecer que esses outros genios nela se inspiraram e por ela atingiram os mais altos planos da criação artística?

Mas se não vos desejo dar da guerra uma visão puramente sombria e angustiante, não vos venho trazer uma visão estética da guerra. Desejo frizar que se justifica quando cimentada em causas legítimas, atingindo, então, as culminancias da beleza, da verdade e do amor. Quero acentuar que alimentada em um ideal nobre ou de justiça, ela levanta monumentos formidaveis de grandeza humana. Um monumento assim, opulento de beleza moral, de arquitetura ditada pelo patriotismo e alicerçado no sentimento de piedade que o sofrimento da guerra faz brotar, é a Legião Brasileira de Assistencia. Corpo gerado da caridade e do patriotismo, do pensamento da Patria em perigo como realidade geográfica e espiritual. Corpo saudavel, util, legítimo, de vez que fecundado em nossa guerra justa. Justa, porque em legítima defesa da honra nacional, da nossa independencia e soberania interna, em legítima defesa dos nossos ideais, de nossa cultura e de nossa civilização, hoje, ameaçados pelos que querem alucinadamente o dominio do mundo e a imposição de uma forma de vida em que os elementos naturais predominam sobre os elementos culturais da civilização, onde a raça e o sangue valem mais que o homem e o espírito e da qual foi banido o direito, a justiça e a liberdade. Justa, principalmente, porque não impressiona á conciencia nacional nenhuma ambição mesquinha, nem imperialismo de qualquer ordem.

Aspiramos é a uma paz justa, viva e fecunda. Queremos é que o mundo de amanhã, este mundo que está se renovando e se salvando pela dor, pelo sangue e pela guerra, desconheça os erros de sua propria civilização e não tenha lugar para os crimes dessa civilização fundamentalmente materialista que se quer impôr ao mundo. Nem essa forma de darwinismo que é a injustiça social do liberalismo capitalista, nem o terrenismo dos totalitarismos da esquerda e da direita, da dialética marxista e do néo-paganismo racista. Queremos uma civilização que tenha por centro de gravidade o homem com sua eminente dignidade, como seu valor supremo na escala dos valores temporais, a pessoa humana em toda a sua realidade ontológica. Queremos que não morra a liberdade do Homem — a liberdade que "dá á pessoa a consagração suprema da sua dignidade" — para que possa viver a liberdade da Patria. Queremos uma civilização, que no plano filosófico alcance a unidade de pensamento que nos salvará do caos em que mergulhamos; que no plano político e social, realize pela justiça temperada na caridade a harmonia dos direitos do individuo com os da sociedade, o equilibrio entre o bem pessoal e o bem comum; que no plano econômico e do trabalho, faça do homem "o fim ou a razão de ser e não o objeto ou instrumento da economia"; e que no plano das relações interna.

(Conclue na pag. 17)

EXPEDIENTE
"DIRETRIZES"

Propriedade da
EMPRESA EDITORA
DIRETRIZES LTDA.
Direção de
SAMUEL WAINER
Secretaria de
JOEL SILVEIRA
Gerência de
AFRANIO DE FREITAS
BRUZZI
Publicidade
AGUINALDO FREITAS

Redação
ALCEU MARINHO REGO,
ALVARO MOREYRA,
DALCIDIO JURANDIR
FRANCISCO DE ASSIS
BARBOSA
Artes Plásticas
CARLOS CAVALCANTI
Música
MURILO DE CARVALHO
Rádio
NASSARA
Crônica Internacional
HERMES LIMA
CRONISTAS
Economia e Finanças
TEÓFILO DE ANDRADE
Crônica
ASTROJILDO PEREIRA
Medicina e Saúde
DR. LINCOLN DE FREITAS
FILHO
Paginação de:
AUGUSTO RODRIGUES
Ilustrações de
IRENE E ARTEOBELA
Redação e Administração:
RUA 1.º DE MARÇO, 7
(8.º and.) — (Entrada pelo
Beco dos Barbeiros)
Telefones: 43-8570 e 43-8598
Direção e Redação: 43-8570
Gerência e Publicidade:
43-8598

SUCURSAIS
SÃO PAULO
ALFREDO GALIANO
Praça do Patriarca, 26
2.º andar

SANTOS
ROBERTO SILVA
Palácio da Bolsa, 2.º andar

BELO HORIZONTE
DR. JOSE' OLIMPIO DE
CASTRO F.º
Avenida Afonso Pena, 774
2.º andar

RECIFE
ANTONIO FREIRE
Rua do Imperador, 309 —
2.º andar

PORTO ALEGRE
A. B. FONTOURA
Rua Uruguai, 91

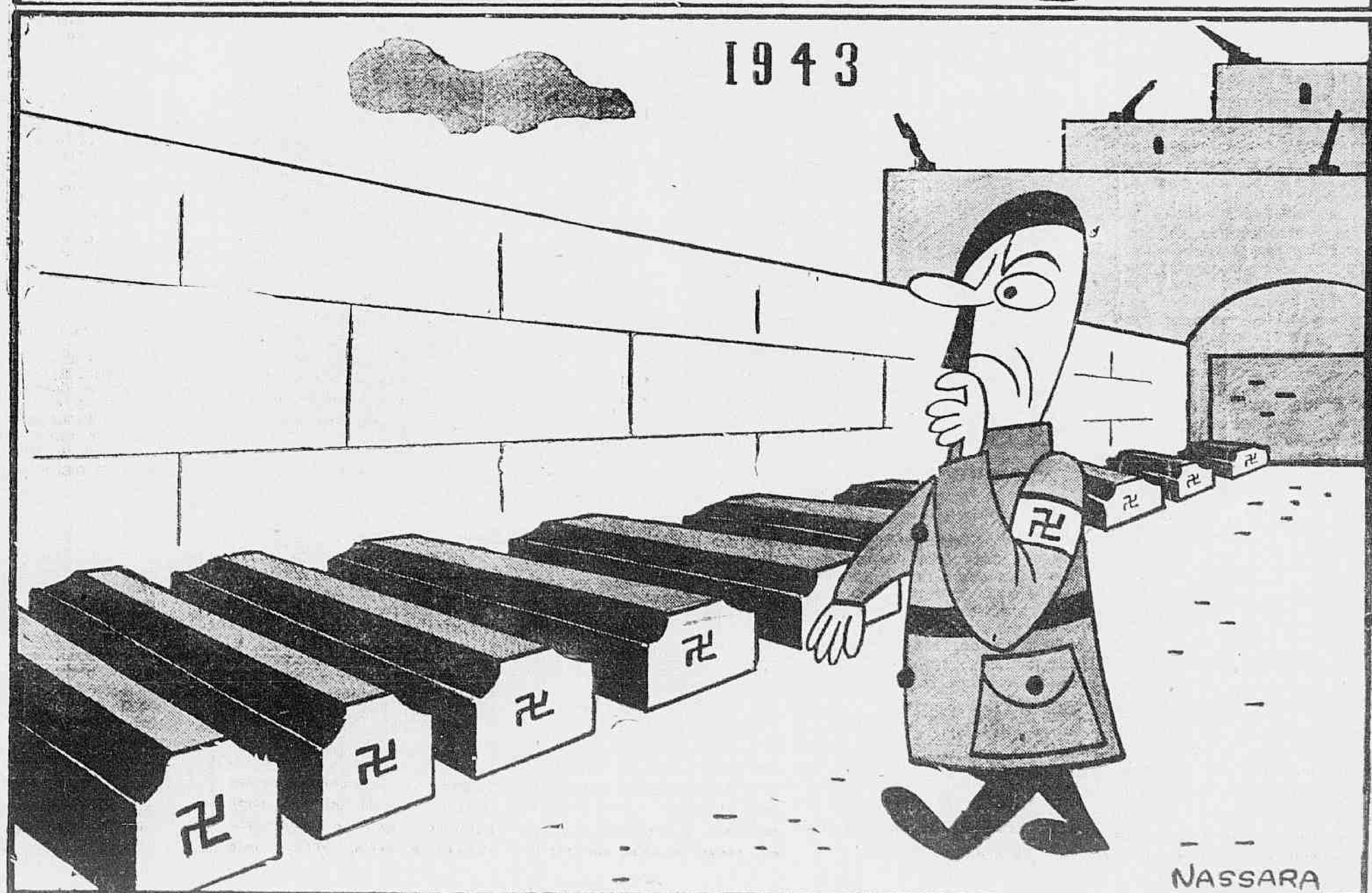
CURITIBA
GOMES ROSA
Rua Carlos de Carvalho, 571
VITORIA
A. G. VELLOZO
Rua Duque de Caxias, 127 —
1.º andar — Caixa Postal, 48
CORRESPONDENTES EM
TODAS AS DEMAIS
CAPITAIS

REPRESENTANTES
para a venda avulsa e assinaturas em mais de 400 municípios do Brasil
PREÇOS
Número avulso . . Cr.$ 1
Número atrazado . . Cr.$ 2
Assinatura anual . Cr. $50
Aassinatura semestrar Cr $25
Para venda avulsa em todo o
Brasil dirigir-se á
DISTRIBUIDORA
INTERNACIONAL
Rua do Rosario, 129 - 4.º and.
RIO DE JANEIRO
Representante em B. Aires
INTER-PRENSA
Flórida 229 - Tel. 33-9109
BUENOS AIRES

A MARCHA do TEMPO

Charge de **NASSARA**





O paraninfado de um verdadeiro movimento de União Nacional e Continental

O que foi a viagem do general Manoel Rabelo a São Paulo — Consagração de um homem e uma idéia — Três discursos de grande oportunidade — União nacional, combate á quinta-coluna, cooperação com as Nações Unidas, participação da luta nos campos de Batalha — Os fins da Sociedade dos Amigos da América correspondem aos verdadeiros anseios do povo brasileiro

Naquela manhã de 6 da janeiro, logo que o general Manoel Rabelo surgiu á porta do trem que entrava na Estação do Norte, saudado pelas aclamações de uma enorme massa popular, ninguem mais tinha o direito de duvidar que a visita do Presidente da Sociedade dos Amigos da America a S. Paulo se transformaria num acontecimento que empolgaria a capital bandeirante, como já empolgou o Rio e todas as outras capitais do país.

Há muitos anos que nenhum acontecimento em S. Paulo se caracterizou pela mesma intensidade e vibração popular que nos foi dado assistir durante os cinco dias da permanência do general na grande capital industrial do Brasil. Homens e mulheres de todas as classes e todo o partidos, operário, estudantes, intelectuais, professores, funcionários públicos, artistas, industriais, acorreram espontaneamente á estação. E desde aquele momento formaram uma verdadeira guarda de honra que cercou o general de atenções excepcionaiss. Consagraram, dessa forma, não só a idéia, mas tambem o homem que tão digna e corajosamente a representava. Os paulistas manifestaram-lhe irrefutavelmente o seu insopitavel anseio de congraçamento nacional, a sua ferrea disposição de lutar contra todos aqueles, estrangeiros ou nacionais, que empenhados em sua obra quinta-colunista, se opõem á união de todos os brasileiros. A palavra de ordem — sem união nacional não pode haver união continental — foi perfeitamente compreendida pelo povo de S. Paulo. E por isso a Sociedade dos Amigos da América passou a ser realidade, após o primeiro contacto do general Rabelo com a terra paulista.

A missão do fundador e presidente da novel Sociedade ultrapassou assim, os limites que marcam as simples visitas protocolares. Seu objetivo inicial, que era o de paraninfar os 271 alunos do Instituto de Ciencias e Letras, que naquele dia concluiam seu curso, transformou-se, em verdade, no paraninfado de um empolgante movimento democrático que agora se vincula definitivamente com o coração e o cerebro do povo de S. Paulo.

Na Estação do Norte, ao lado dos representantes do governo e das forças armadas, as delegações das associações de classe e estudantís, alem de uma vasta massa popular, exprimiram através os seus oradores o efetivo desejo de São Paulo de participar, com todas as suas forças nesta guerra em que o Brasil se empenha hoje, ao lado dos povos livres do mundo. Perante os olhos do general Rabelo traçaram eles um nitido quadro da disposição guerreira de S. Paulo e fizeram-lhe sentir que a sua palavra, como presidente da Sociedade Amigos da América, encontraria profundo eco na alma paulista, tradicionalmente contraria a todas as manifestações de força, a todas as usurpações indevidas do poder, a todas as formas de opressão e obscurantismo.

E manifestações idênticas se repetiram em todas as partes em que surgia a figura varonil do general Manoel Rabelo. Desde o momento em que entrou, a até hora em que saiu do hotel onde se hospedou, não cessou o desfile de individuos e delegações, trazendo-lhe sua solidariedade e colocand-se á disposição da Sociedade Amigos da América para levar avante os bons e belos combates que a independência da Pátria impõe a todos os homens que amam a liberdade.

Durante todas as solenidades a que o general compareceu, desde a brilhante cerimonia promovida pelo Instituto de Ciências e Letras até a histórica reunião organizada pelo Centro XI de Agosto, na Faculdade de Direito de S. Paulo, a sua voz foi ouvida com respeito, as suas afirmações foram reforçadas por calorosos aplausos, o seu programa foi referendado unanimemente, porque é um programa que visa antes de mais nada unir o povo brasileiro, estimular nele o espirito de guerra, a solidariedade continental, a vigilancia contra a quinta-coluna, a cooperação cada vez mais estreita com as nações nossas aliadas e, finalmente, levar os soldados do Brasil aos campos de batalha em que se decide tambem a nossa independência.

Não poderiamos, mesmo que dispuzessemos de todas as suas páginas, decrever numa só edição as minucias dessa gloriosa viagem. Limitar-nos-emos a publicar alguns dos discursos proferidos e ouvidos pelo general Manoel Rabelo em S. Paulo, pois todos eles constituem documentos que precisam e devem ser divulgados por toda a nação, tal a oportunidade e a utilidade dos seus conceitos. Parece-nos que esse é o melhor roteiro através o qual poderemos transmitir aos nossos leitores uma visão panoramica da viagem rápida, mas fertil em boas consequências, do general Manoel Rabelo a S. Paulo.

FOI PARA FORTALECER A NOSSA POLÍTICA DE GUERRA QUE SE ORGANIZOU NO BRASIL A S. A. A.

Perante uma multidão que superlotava o grande salão do Cine Odeon, "Ssala Vermelha", pronunciou o general Manuel Rabelo o seguinte discurso, dando os 271 alunos do Ins- sob a direção do conhecido edu- tituto de Ciencias e Letras que, cador paulista, prof. Umberto A. Puce, tiveram a feliz inspiração de convidar o presidente da Sociedaĉe Amigos da América, para paraninfar a turma:

Meus jovens amigos.

Vim a São Paulo, em atenção ao vosso delicado convite. Não poderia, de forma alguma, recusar-me ao vosso desejo. Aquí estou, confuso e emocionado, para receber a homenagem espontanea da vossa simpatia. O apelo, que me fizestes com tamanha generosidade, tocou profundamente o meu coração de soldado.

Sei que os estudantes sempre colocam os ideais acima das conveniencias, a conciencia da liberdade mais alto que todos os formalismos. Lembrando o meu modesto nome, pretendestes, sem dúvida, reverenciar a tradição liberal, que é o belo apanagio do Exército Brasileiro, visando, por outro lado, prestigiar os principios que venho defendendo em entrevistas na imprensa, em discursos nas reuniões públicas, em pareceres do Supremo Tribunal Militar.

Vossa homenagem se dirige mais á preservação desses principios que a mim mesmo, pois nada mereço. E pensando assim não hesitei em aceitar o honroso encargo, que me conferistes, de paraninfar a turma de bacharelandos de 1942, do Instituto de Ciencias e Letras, educandario que tão alto eleva a missão de ensinar em nosso país.

Venho dizer-vos algumas palavras muito sinceras e amigas.

Estando o Brasil em guerra, é mais que provavel que dela não participarão nas trincheiras os jovens que hoje abandonam os bancos ginasiais. A catástrofe será finda, felizmente, graças aos esforços da geração de moços que precede a vossa. A vitoria já se prenuncia, com a derrota completa dos inimigos da Humanidade.

Mas, se é provavel que os da vossa idade não chegarão a participar da luta, é certo que haveis de participar da reconstrução do mundo de após guerra. Quero, assim, principalmente, advertir-vos que o vossa missão, em futuro próximo, se revestirá de uma soma enorme de responsobilidade.

Aos da nova geração caberá uma parte consideravel na tarefa de reconstruir politica e socialmente um mundo combalido pela hecatombe que enche de sofrimento e angustia milhões de seres humanos. E' necessario que os moços de todas as nações, desde já se capacitem da imensa responsabilidade que cairá sobre os ombros de cada um.

A guerra que os ditadores eixistas deflagaram contra os povos civilizados ficará na historia como o mais torpe atentatdo á Liberdade e á Dignidade do homem. São inimigos do gênero humano esses celerados, nazistas e fascistas, que vestem camisas pardas, negras ou verdes.

Por intermedio da mais ignominiosa das propagandas, porque obstinadamente mendas, os doutrinadores do nazi-fascismo transformaram os jovens alemães em pobres seres autômatos, que marcham de olhos vendados para o matadouro das estepes russas e dos desertos africanos, onde são imolados, na campanha ingloria, para satisfazer a megalomiania do fuehrer e a leviandida do duce.

Um escritor norte-americano, Gregor Zoemer, que residiu durante longo tempo em Berlim, conta-nos, em livro que resulta em terrivel libelo aos métodos da educação nazi-fascista, a via crucis das irianças alemãs que tiveram a desventura de nascer sob o signo da swastica.

Ainda no ventre materno, o sêr humano começa a sofrer o controle das autoridades do III Reich. Ao estado alemão só interessam os homens fortes, possantes máquinas humanas, super-homens que sejam tambem super-máquinas.

As futuras mães recebem lições da odiosa ideologia nazista cujo bordão, a custa de tanto repetir-se, acaba, por fanatizar os espíritos fracos:

— "Dai a Hitler a criança desde que comece a falar e a pensar. O seu filho pertence a Hitler".

Nada mais incrivel, mais injusto, mais repugnante, que este fanatismo.

Aos seis anos, o menino entra para o partido nazista. Vestem-lhe um uniforme: sapatos pretos, meias curtas pretas, calça tambem curta e preta, uma camisa parda com a cruz "swastica" no braço e uma capa. A maquinasinha começa a trabalhar.

mesmo. Aos 14 anos, meninos
Com as meninas, acontece o
e meninas entram para a Juventude Hitlerista. "Hitler e seus instrutores — observa o autor de "Educando para a morte" — conhecem a psicologia infantil. Desse modo, procuram dirigir todos os seus impulsos naturais, todas as suas emoções, apenas depertadas no sentido que lhes convem e que ficará eternamente gravado em suas almas".

A educação nazista se processa no sentido de sobrepôr a força bruta á inteligencia: o corpo ao espírito; os jogos esportivos aos esforços intelectuais.

E por que, perguntará alguem, existe na Alemanha semelhante sistema educativo?

E' que os ditadores, como Adolf Hitler e Benito Mussolini. Temem a formação de homens livres, capazes de agir e pensar por si proprios. Na Alemanha nazista e na Italia fascista não há lugar para aqueles que se recusam a seguir, como carneiros, a cartilha do Fuehrer e do Duce.

Os métodos tradicionais do ensino, no Brasil, em nada se assemelham aos que são praticados na Alemanha ou na Italia. Muito pelo contrario. Os desvios que apresenta o nosso sistema educativo não teem a gravidade terrificante dos excêntricos e corruptos métodos alemães e italianos, que destroem os sentimentos humanos no coração da mocidade, reduzindo a mentalidade juvenil a um automatismo brutal. O resultado atingido é o que se sabe: formam-se, naqueles paises, verdadeiras máquinas de matar, feras humanas, individuos sangui-sedentos, inimigos mortais do gênero humano.

No Brasil, o panorama educativo permite a moços, como vós, que apenas entrais na adolescencia, a efervescencia do ardor cívico, do amor á liberdade, que enobrecem os impulsos e preparam autênticos e lídimos heróis.

* * *

O imperialismo nazi-fascista, que pretendeu conquistar o mundo, estendeu as suas garras aduncas até o Brasil, enviando para cá os seus agentes indesejaveis, que depois se guindaram como os mais eficientes elementos da "quinta-coluna".



Toda a população democrática paulista esteve presente ao desembarque do general Rabelo e sua comitiva

Andaciosos e perspicazes, o doutrinadores nazi-fascistas iniciaram a sua atividade nas escolas estrangeiras, espalhada pelo territorio nacional, principalmente nos Estados do sul onde é maior o contingente d população italo-germanica.

A propaganda nazi-nipo-fascista introduziu-se como intrusa no seio das escolas estrangeiras do sul do Brasil. Grande parte dos jovens nascidos no Brasil, de origem alemã ou italiana, deformaram-se ao contacto corrosivo dos processos-educativos desses lobos vorazes. Por felicidade nossa, o fechamento das escolas, onde se ministravam abertamente os principios do nazi-nipo-fascismo, veio a tempo de impedir que os seus maleficios assumissem maiores proporções. Todavia, a perigosa experiencia nos ensinou que tais escolas não passavam de fábricas de espiões e de traidores.

* * *

Esses fatos são bem conhecidos. Foram debatidos ampla e profundamente pela imprensa, que divulgou diligencias e relatorios das autoridades policiais. Ficou demonstrado que a rede de espiões e traidores se estendeu de Sul a Norte, motivando a prisão não só de súditos do Eixo, arianos ou amarelos, como tambem de elementos nacionais, "quislings" encrustados cinicamente em meios oficiais e semi-oficiais.

Da primeira fase da campanha contra a "quinta-coluna" no Brasil, passarão á Historia dois documentos impressionantes: o livro do tenente-coronel Aurelio Pí, destemido chefe de Policia do Rio Grande do Sul; e a conferencia do ilustre sr. Coelho de Sousa que, na qualidade de secretario da Educação desse mesmo Estado, realizou o expurgo dos professores nazi-fascistas das escoal gauchas.

Mas todos nós sabemos que a "quintacoluna" continua a agir, mais cautelosamente, é verdade, o que torna a sua ação ainda mais nefasta e perigosa. Os bandidos não escolhem meios. E' preciso não esquecer que os traidores apunhalam sempre pelas costas. Devemos por isso mesmo, estar atentos ás maquinações subterraneas de que visam enfraquecer a união da nossa Patria, a cada hora, a cada minuto, a cada instante.

* * *

O Brasil assumiu uma atitude definida na guerra contra os paises do Eixo, declarando o estado de beligerancia com a Alemanha e a Italia e rompendo suas relações diplomáticas com o Japão. Dentro do nosso territorio, porem, ninguem poude impedir o alastramento da "quinta-coluna", gerada, principalmente, no seio das colonias alemãs, italianas e nipônicas.

Nenhum brasileiro digno poderá pôr em dúvida o propósito do governo de combater o nipo-nazi-fascismo, dentro e fora das nossas fronteiras. Foi justamente para fortalecer essa politica de guerra, que se organizou no Brasil a Sociedade "Amigos da América".

Que fique bem claro esta nossa disposição: a Sociedade, que se instalou no dia 1.º, em meio aos aplausos unanimes do povo, não possue a mais leve intenção de fazer oposição aos poderes constituidos, o que seria, de resto, impatriótico.

Que desistam de procurar abrigo á nossa sombra os oportunistas, os aproveitadores, os decaídos da Velha República.

A Sociedade "Amigos da América" tem outros objetivos, outras finalidades, expostas nos estatutos, aprovados de antemão pelas autoridades competentes. Nós nos limitaremos ao trabalho da mobilização espiritual do povo, para a criação

ovimento

Audaciosos e perspicazes, os doutrinadores nazi-fascistas iniciaram a sua atividade nas escolas estrangeiras, espalhadas pelo territorio nacional, principalmente nos Estados do sul, onde é maior o contingente da população ítalo-germanica.

A propaganda nazi-nipo-fascista introduziu-se como intrusa no seio das escolas estrangeiras do sul do Brasil. Grande parte dos jovens nascidos no Brasil, de origem alemã ou italiana, deformaram-se ao contacto corrosivo dos processos educativos desses lobos vorazes. Por felicidade nossa, o fechamento das escolas, onde se ministravam abertamente os principios do nazi-nipo-fascismo, veio a tempo de impedir que os seus maleficios assumissem maiores proporções. Todavia, a perigosa experiencia nos ensinou que tais escolas não passavam de fábricas de espiões e de traidores.

* * *

Esses fatos são bem conhecidos. Foram debatidos ampla e profundamente pela imprensa, que divulgou diligencias e relatorios das autoridades policiais. Ficou demonstrado que a rede de espiões e traidores se estendeu de Sul a Norte, motivando a prisão não só de súditos do Eixo, arianos ou amarelos, como tambem de elementos nacionais, "quislings" encrustados cinicamente em meios oficiais e semi-oficiais.

Da primeira fase da campanha contra a "quinta-coluna" no Brasil, passarão á Historia dois documentos impressionantes: o livro do tenente-coronel Aurelio Pí, destemido chefe de Policia do Rio Grande do Sul; e a conferencia do ilustre sr. Coelho de Sousa que, na qualidade de secretario da Educação desse mesmo Estado, realizou o expurgo dos professores nazi-fascistas das escoal gauchas.

Mas todos nós sabemos que a "quintacoluna" continua a agir, mais cautelosamente, é verdade, o que torna a sua ação ainda mais nefasta e perigosa. Os bandidos não escolhem meios. E' preciso não esquecer que os traidores apunhalam sempre pelas costas. Devemos por isso mesmo, estar atentos ás maquinações subterraneas de que visam enfraquecer a união da nossa Patria, a cada hora, a cada minuto, a cada instante.

* * *

O Brasil assumiu uma atitude definida na guerra contra os paises do Eixo, declarando o estado de beligerancia com a Alemanha e a Italia e rompendo suas relações diplomáticas com o Japão. Dentro do nosso territorio, porem, ninguem poude impedir o alastramento da "quinta-coluna", gerada, principalmente, no seio das colonias alemãs, italianas e nipônicas.

Nenhum brasileiro digno poderá pôr em dúvida o propósito do governo de combater o nipo-nazi-fascismo, dentro e fora das nossas fronteiras. Foi justamente para fortalecer essa politica de guerra, que se organizou no Brasil a Sociedade "Amigos da América".

Que fique bem claro esta nossa disposição: a Sociedade, que se instalou no dia 1.º, em meio aos aplausos unanimes do povo, não possue a mais leve intenção de fazer oposição aos poderes constituidos, o que seria, de resto, impatriótico.

Que desistam de procurar abrigo á nossa sombra os oportunistas, os aproveitadores, os decaídos da Velha República.

A Sociedade "Amigos da América" tem outros objetivos, outras finalidades, expostas nos estatutos, aprovados de antemão pelas autoridades competentes. Nós nos limitaremos ao trabalho da mobilização espiritual do povo, para a criação de uma mentalidade anti-eixista, limpando a atmosfera contaminada pelos perdigotos dos pregadores estrangeiros e nacionais, dos espiões alemães italianos e japoneses, dos remanescentes do integralismo.

Aí está, em breves palavras o programa da Sociedade "Amigos da América". Nossa campanha não se circunscreverá, entretanto, ao nosso país. Com a criação de agremiações congêneres, os "Amigos da América" se espalharão por todo o continente. Prestigiada, como vem sendo, não só por grandes figuras nacionais, mas por elementos de alta representação na politica do Hemisferio, constituiremos uma federação de sociedades "Amigos da América", que terá, certamente, um papel preponderante no mundo de após-guerra.

Nada nos deterá, portanto. Representamos a propria causa da Humanidade. E a conciencia do nosso dever impõe que prossigamos na luta em que somos iluminados pelo clarão da liberdade, que já se anuncia nas terras sacrificadas pela tirania nipo-nazi-fascista.

* * *

Jovens bacharelandos!

Falo-vos, com o pensamento voltado á toda a mocidade brasileira, que representais, neste momento. Tenhais fé no futuro. Confiai na certeza de melhores dias.

Seja qual for o destino do Mundo, pois não há força humana capaz de deter a marcha dos acontecimentos, a verdade é e será sempre uma só: e nada prevalecerá contra ela.

A vossa missão, meus jovens amigos, reside em assegurar o triunfo da verdade sobre o tumulto e a confusão das idéias, sobre as ambições sem freios sobre o delirio do mando, sobre a injustiça, sobre a opressão.



Instantaneo do momento em que o general Manoel Rabelo pronunciava o seu discurso, na instalação, em São Paulo, da Sociedade Amigos da América

PARA MARCHARMOS PARA A GUERRA, É PRECISO GARANTIR A RETAGUARDA

A sala "João Mendes Junior", da Faculdade de Direito ed São Paulo, foi pequena demais para acolher a multidão de estudantes, professores e homens do povo que para alí acorreram, afim de saudar o general Manuel Rabelo.

Sob a presidencia de Oscar Augusto Bresane, presidente do tradicional Centro XI de Agosto, promotor desta reunião, teve ela inicio. Foi a seguinte a oração do general Manuel Rabelo:

Meus senhores:

Os estudantes da Academia do Largo de São Francisco esmpre estiveram na vanguarda dos grandes movimentos civicos da nossa Historia. Geração e gerações, que deixaram os bancos desta casa, formaram entre o pugilo de homens que garantiram o Brasil a preservação dos principios de Liberdade e Justiça.

Batalhastes, no passado, pela Abolição e pela Republica. Eu vos conclamo hoje para cerrar fileiras em torno da Sociedade "Amigos da America", reunido num só pensamento todos os brasileiros dignos, que outra coisa querem senão participar, pela pensamento e pelas armas, na guerra contra os inimigos da Humanidade.

A patria precisa de vós. Não serão poucos os que se chm neste recinto que já receberam ou vão receber a convocação militar. Ao lado dos soldados das Nações Unidas deveis seguir para as trincheiras. Não de olhos vendados, como os pobres jovens alemães, italianos ou japoseses. Deveis seguir, conscientes do vosso papel, certos de que lutareis por uma causa, que não é apenas nacional, mas de todo o continente, de todo o mundo. Deveis seguir para acabar de vze com todas as tiranias e as opressões. Deveis seguir para defender a vossa casa, o vosso pas, para defender a vós mesmos.

Eu venho expôr, muito crara e sinceramente, aos estudantes paulistas a ardua e dificultuosa tarefa que cabe á Sociedade "Amigos da America". Nosso objetivo é alertar os povos, levartar-lhes o espírito combativo, dar unidade a sua ação e fazer convergir todas as energias patrioticas para arrebatar ao inimigo a iniciativa, transtornar-lhes os planos, inutilisar-lhe os processos insidiosos, e po fim vence-lo e domina-lo.

Sabemos de que natureza são esses processos e por que engenhosos artificios eles chegaram a formar uma verdadeira teotria da maldade, a sistematisar todos os impulsos do egoismo, todas as tendencias perversas do homem, para emprega-las como meio de guerra, como elemento de dominação dos povos livres visado pela sua cupidez, pela sua ansia de conquista, pela imensa fome de que eles chamam "espaço vital" que, em sintese, nad mais do que a scravisação dos povos, a absorção de seus patrimonios, a conquista de seus territorios.

O Brail, com suas imensas riquezas, pela vastissima extensão dos seu dominio, pela dificuldades de sua preservação, é naturalmente umadas nações mais visadas pelo conquistador inescrupuloso e voraz. Os planos para a sua conquista foram de há muito traçados e são conhecidos pelas revelações jactanciosas e cínicas dos filosofos da guerra total.

O Eixo mandou os seus espiões para o Brasil, que se infiltraram por tida parte como meros agentes comerciais, como simples sacerdotes católicos, como pastores protestantes, que durante muito tempo agiram perniciosamente, propagando os seus credos dissolventes, procurando destruir a nossa unidade nacional e diluindo a coesão da massa popular.

Espiões e traidores organizaram-se abertamente e na propria Embaixada Alemã estabeleceram o quartel general nazista chefiado pelo audaciosa General Miedenfuhr que, na qualidade de adido militar, penetrava nos quarteis, observava as falhas da nossa organização militar, abrindo até a cultra dos canhões, para verificar o seu desgaste, tomando as suas notas, aproveitando-se enfim de todos os elementos que a nossa imprevidennecia colocava ao seu alcance.

Si os planos de conquista do Brasil não foram executados a tempo e si o nosso territorio não foi ainda ensanguentado; si não foram ainda talados os nosso campos e destruidas as nossas cidades, devemos á resistencia da Inguaterra, á energica reação da Russia e á poderosa ação dos Estados Unidos, que não permitiram que a revolta interna, cuidadosamente preparada, fosse secundada pelo ataque vindo do exterior, que seria levado a efeito pelos paraquedistas germanicos, lançados sobre as nossas bases do Nordeste.

Se ainda não vimos o sangue brasileiro correndo aos borbotões é porque a oportunidade premeditada ainda não chevou; é porquee as hostes de Timossencko têm atraido para as estepes russas o grosso da Wehrmatch; é porque a ocupação da Africa do Norte, especialmente de Dakar, afastou o perigo que nos ameaçava sem contudo extingui-lo, por completo.

Sabemos, pela observação dos fatos, que esse perigo ainda persiste. E que a qualquer momento pode corporificar-se numa revolta da "quinta-coluna", que procurará conquistar o poder e fazernos cooperadores forçados da hedionda politica nazista.

Para marcharmos para a guerra, como exige a nossa honra, é preciso garantir a retaguarda contra os botes traiçoeiros da "quinta-coluna" e limpar o ambieite nacional dos boateiros, dos derrotistas, dos despistadores, ao serviço do Eixo que procuram localizar o inimigo em toda a parte, menos onde ele realmente está.

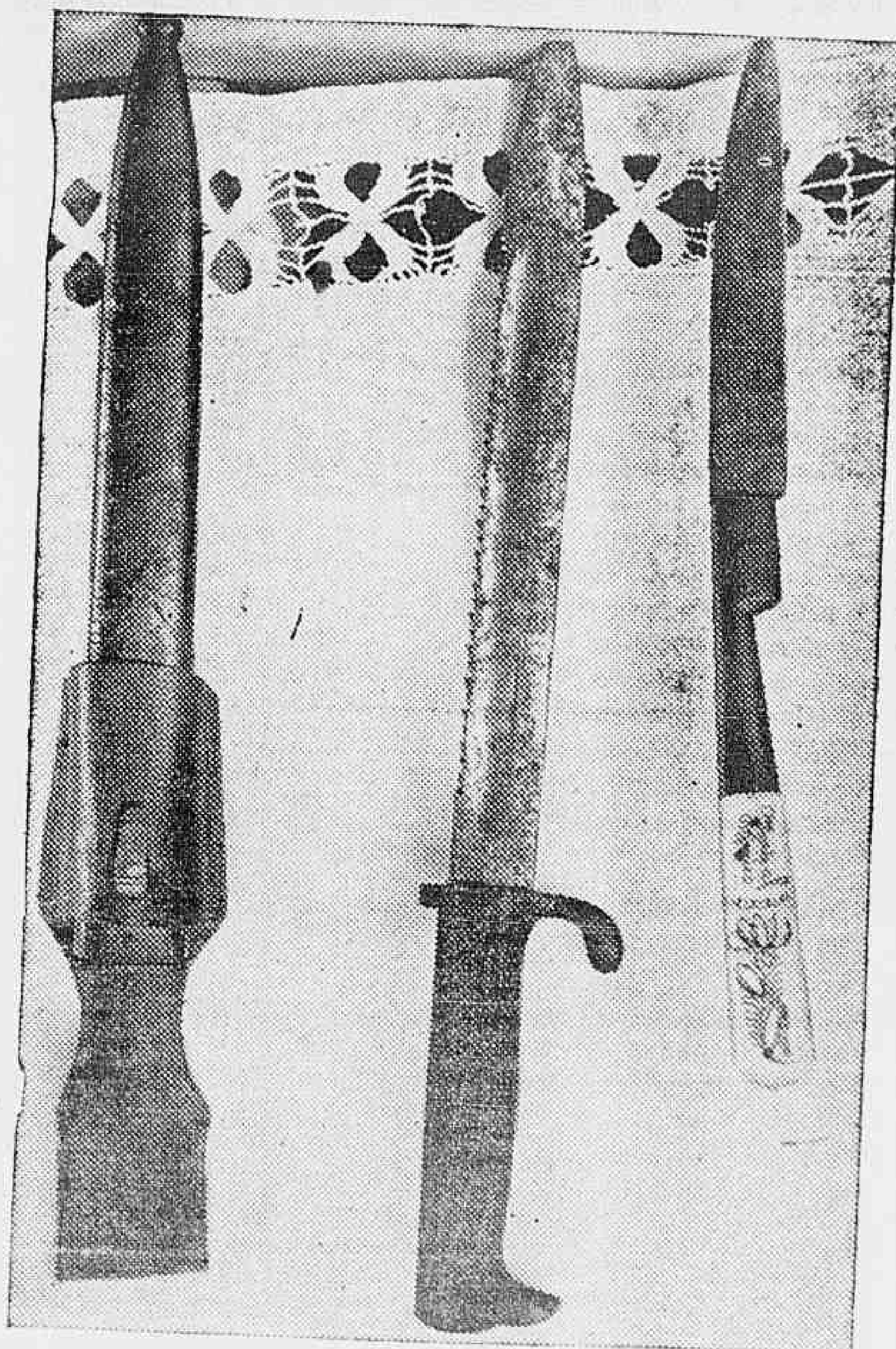
Oaei,REut, RRR mn sau..etnfnng

O espantalho mais em voga é o comunismo, duente imaginario, preparado para distrair as atenções e deixar-nos desprevenidos contra o inimigo real, que está aqui mesmo, acotovelando-se conosco, instilando veneno em nosso sangue e a desordem em nossos espiritos.

Os que estão vendo o perigo, os que se esforçam por conjura-lo, os que contrariam os negros designios do traidor nazista são taxados de comunistas para que se possa elimina-los, com uma certa complacencia do publico, portanto, do fantasma comunista.

Como comunista está sendo sacrificada na França a fina flor dos patriotas franceses, justamente os mais ardorosos e inflamados contra as desgraças da Patria. Querem usar entre nós esse mesmo processo já muito conhecido e desmoralizado, para impedir que se forme a corrente oplañe anti-nazista, distraindo assim a

(Conclue na 20.ª pag.)



Armas diabolicas, aprendidas nas mãos de nazi-integralistas do interior de Santa Catarina. O punhal é a arma tipica do fascismo

ANO 1939

ARQUIVO

ABRIL, 14

Chega ao Rio um cavalheiro de nome Ugo Sola. Nome feio, o cavalheiro tambem é feio, com sua caréca e seus grandes óculos. Trata-se do novo embaixador da Itália no Brasil. Fascista só ele. Recebeu os jornalistas, ainda no "deck", com uma saudação tipicamente facciosa e grande sorriso grudado no rosto.

— Meus planos ? Gostar do Brasil, em primeiro lugar. Depois, estreitar as relações, profundas relações existentes entre minha pátria e este país. Conseguirei as duas coisas com facilidade.

Entrementes, vem aí tambem o Heinkel He 115, que já partiu da Alemanha. O Heinkel não é um submarino, é um avião. Que vem fazer ele aquí? Nada de importante, apenas bater o record mundial de distancia. Afirmam os circulos germanicos desta capital e do mundo inteiro que o Heinkel é a última palavra a respeito de aviões rápidos e potentes. Por isso o colocaram a serviço da propaganda nazista.

ABRIL, 22

O dr. Clementino Fraga deve estar muito satisfeito: acaba de ser eleito para a Academia Brasileira de Letras. Depois disso, que quer ele mais? Agora é descansar, ilha venturosa cercada de glórias por todo os lados. Quanto ao sr. Menotti del Picchia, o mais tradicional e constante dos candidatos ao "Petit Trianon", continúa de fóra, no "sereno". Mas acabará entrando, não se discute. O sr. Osvaldo Orico não entrou ?

ABRIL, 23

Enquanto Hitler chega a Memel e as tropas húngaras invadem a Slovaquia, o pitoresco rei Emanuel, da Italia, pronuncia um discurso na abertura das Camaras dos Fascios e das Corporações. Que disse ele ? Ah ! ninguem escutou. Fale alto, rei, que o barulho é medonho.

Outros que vão discursar: Mussolini e Daladier. São discursos importantes, aguardados com ansiedade. Afinal de contas, para que lado penderão os 16 milhões de baionetas de Mussolini ?

De volta dos Estados Unidos, onde assinou o trato econômico-comercial entre o Brasil e a democracia do Norte, chega ao Rio o ministro Osvaldo Aranha. O ministro foi saudado no porto pelo embaixador Afranio de Melo Franco.

ABRIL, 24

O Departamento Nacional de Saude revelou a população exata da Capital Federal. Não é tanto quanto eu pensava, nem tão pouco quanto você pensava: o Rio tem precisamente 1.847.549. Aliás, 1.847.550, se a gente contar o Interventor da Baía, dr. Landulfo Alves, que chegou hoje aqui

A INTELIGENCIA CONTRA O FASCISMO

OS MOÇOS DA BAÍA FALAM DE GARCIA LORCA E ANTONIO MACHADO

"Seiva", a revista democrática dos estudantes da Baía, foi fundada em dezembro de 1938 em S. Salvador. Desde o seu primeiro número, "Seiva" tem se mostrado uma verdadeira revista popular, uma voz alta e fiel á luta antifascista e seu nome já é conhecido dentro e fóra do Brasil como um "mensagem aos povos da América".

Os estudantes baianos que honram as tradições do dois de julho e o berço de Castro Alves fazem de "Seiva" uma trincheira de vanguarda, um posto de combate implacavel á quinta coluna, aos indiferentes, aos inertes, a todos que, ora nas torres de marfim ou nas cadeiras de balanço, tentam fugir do drama que nos envolve e teimam dizer que essa fuga não é covardia e traição.

O penúltimo número de "Seiva", publicado em novembro, trás notáveis artigos a respeito da campanha anti-eixista e reproduz a grande mensagem do Deão de Canterbury, uma das vozes mais austeras e mais puras do cristianismo, a favor dos que se empenham na guerra santa aos celerados de Roma, Berlim e Tóquio.

O último número saído agora da poderosa revista baiana publica uma reportagem sobre o IV Congresso e Conselho dos Estudantes da Baía, acontecimento importantíssimo nos meios estudantís do Brasil' "Ajudemos os povos livres, os povos que lutam contra o fascismo ! Cada soldado das Nações Unidas é um soldado do Brasil ! Cada homem que sacrifica a sua vida pela causa democrática sacrifica a sua vida tambem pela nossa Pátria". São palavras que sintetizam todo o espírito combativo do Congresso, o clima de guerra, a compreensão dos deveres imediatos que temos a cumprir para afirmarmos a nossa conciência democrática, a nossa fé no futuro da civilização.

"Seiva.', referindo-se á Carta do Atlantico, fala que ainda subsistem no país correntes de "opinião filiada ao muniquismo e á quinta coluna". Os estudantes querem a adesão do Brasil á Carta, cujos oito pontos definem os objetivos da paz que virá para todos os povos, após o aniquilamento completo da barbarie totalitária.

Os jovens do magnífico mensário falam de García Lorca e reproduzem dois poemas de Antonio Machado sobre o grande poeta assassinado pelos fascistas. Nunca o mundo há de esquecer essa morte e Antonio Machado, outro poeta morto num campo de concentração, nos deu a visão trágica, o horror do assassinato:

EL CRIMEN FUE' EN GRANADA

Se le vió, caminando entre fusiles,
por una calle larga,
salir al campo frio
aún con estrelas, de la madrugada.
Mataron a Frederico
quando la luz assomaba.
El peloton de verdugos
no osó mirarle a la ca
Todos cerraron los ojos.
rezaron: ni Dios te salva !
Muerto cayo Frederico
— sangre en la frente y plomo en las entrañas —
... Que fué en Granada el crimen
sabed — pobre Granada — en su Granada...

Ainda é "Seiva" que cita estas palavras do escritor católico José Bergamin: "E' inutil e anti-espanhol tratar de ocultar ou dissimular essa morte e o profundo sentido de seu significado trágico, verdadeiramente espanhol, por popular e universal, e portanto humano. Assassinaram Frederico Garcia Lorca os mesmos que assassinaram a Espanha em seus povos vivos. Os mesmos que, pela traição vil, entregaram-na a bárbaros que, sem eles, não teriam podido invadí-la e destruí-la, dessangrando-a. O poeta Frederico Garcia Lorca, vítima inocente deste crime, é o mais puro e claro exemplo espanhol do martírio de um povo inteiro".

Os moços da Baía falam dos mártires e dos heróis do nosso tempo como, na sua época, falava Castro Alves.

ACONTECEU NESTA SEMANA

— As tropas russas já estão a menos de 100 quilometros de Rostov. Um exercito sovietico encontrou-se com outro, tambem sovietico, na confluencia dos rios Don e Donetz. Isto é muito máu para os alemães e muito bom para os russos, isto é, para nós. Está mais do que provado de que tudo que é ruim para os nazistas é muito bom para nós.

— De maneira que, em redor de Hitler, o negrume é geral. Ele sobe em Berchtsgaden, olha as suas dóces montanhas da Baviera. Mas não ha mais montanhas. Nem na Baviera, nem no norte, nem no sul. Só ha sombras. Sombras pesadas, sombras de outono e inverno. E' impossivel vêr alegria e esperança no meio de tanta tréva. Por isso é que o "fuehrer" está usando oculos. Vocês não sabiam? Pois está. A noticia veiu de Stocolmo, que de vez em quando dá uma dentro. E' logico que os oculos de Hitler não são oculos comum, oculos de funcionario publico ou de intelectual. São, sem duvida, oculos côr de rosa. Ou azuis. Primavera "ersatz".

— Mas não é só da vista que Hitler anda ruinzinho. A caimbra está tomando de todo o seu desgraçado corpo. As pernas já não lhe obedecem muito, o que é fatal para quem está; levando na cabeça e precisa delas. Os medicos acham que o "fuehrer" deve entrar num longo descanso, um descanso bem demorado. E' bem possivel até que um deles já lhe tenha receitado um tiro no ouvido.

— Outro cavalheiro que está em maus lençois: o artista Errol Flynn. Flynn, ha mezes atrás, andou por aí bolinando duas ingenuas mocinhas de Hollywood. Mas parece que ele bolinou de mais, porque as mocinhas acabaram, chorando muito, nos tribunais. As mocinhas contaram horrores de Errol, que é um homem casado, por sinal com aquela senhora vulcanica que se chama Lupe Velez. Errol já está respondendo a julgamento. Espera-se que ele pegue uma boa "cana" ou tenha que pagar uma multa grossa. Assim é o mndo e assim são os seus espinhos, dirá um parnasiano.

— Feliz é o dr. Joaquim Baudilac Pinto, de Portugal, que não precisa mais se preocupar com os espinhos do mundo. Ele acaba de morrer, em Lisbôa, no silencio. Mas o dr. Baudilac vivia sobre espinhos porque queria. Baudilac era um homem muito rico. Quando ele foi medico do infante D. Afonso, ha uma porção de anos, conseguia juntar uma regular fortuna. As coisas depois se transformaram, a monarquia foi embora, veiu a republica, veiu a ditadura, e por mais esforços que fizesse, Baudilac não conseguiu ser o medico do infante Salazar. Desgostoso com isso, recolheu-se a um canto, disse que não queria saber mais de ninguem. Não queria mesmo. Vivia sozinho, dentro do quarto. Então a miseria caíu sobre ele. Não tinha mais dinheiro — é o que todo mundo pensava. Se ele tivesse dinheiro, não vivia assim tão mal vestido, mal comido, coberto de sujo em mulambo. Pobre Baudilac! Já nem pagava a hospedaria. Ontem, depois do enterro, o empregado da hospedaria foi varrer o quarto do ex-medico do ex-infante e enrontrou, bem escondido, um rolo enorme de dinheiro. Precisamente 132.000 escudos que, mesmo sendo dinheiro português, é muita grana. Vejam sól.



— Outro falecimento lusitano: o do coronel Manuel Faria Coelho, que morre com 86 anos. Do coronel Faria não se póde dizer que tenha sido uma celebridade. Apenas foi um dos fundadores do regimem republicano em Portugal, mas isto é coisa que póde acontecer com qualquer um.

— Os russos derrubaram um avião transporte alemão e puzeram as mãos em varias malas de correspondencia. Isto nos permite citar trechos de cartas que os nazistas pretendiam enviar para Berlim. Uma delas dizia assim, entre outras melancolias: "Que não daria eu por um simples naco de pão? Vivemos aqui (em Stalingrado) como féras". Outro contava: "Nunca passei em minha vida um Natal tão triste. Nosso jantar de Ano Novo foi um cavalo morto, que encontramos á beira da estrada". Nem madame Sevigné escreveria com tanta eloquencia e tanto estilo.

— Morreu em Buenos Aires o general Justo, que era um grande amigo do Brasil. Justo seria um dos provaveis cantidatos á Presidencia da Republica Argentina e, tambem provavelmente, seria eleito, pois gosava de grande popularidade no país.

— Apareceu hma nova doença na Dinamarca. Trata-se de uma coisa que dá nos olhos do paciente, cegando-o três dias depois, nada alem. A molestia ataca de preferencia a corea, segundo afirma o "Goetsborgs Handelstidning", que sabe perfeitamente o que diz: Diz mais o "Goets, etc.', que a doença em questão é de origem alemã, tendo surgido na Alemanha, pela primeira vez, em 1939. Doença alemã e nazista, como se vê.

— Anda circulando por esta capital e possivelmente pelo país inteiro, numa edição da editora "Meridiano" de S. Paulo, o ultimo livro do sr. Plinio Salgado, chefe do fascismo nacional. O livro é a biografia de Cristo, que Plinio chama "mestre". Que descarado!

— O sr. Getulio Vargas encontra-se-á com o presidente Baldomir, do Uruguai, na cidade fronteiriça de Rivera. Estará presente tambem, alem dos chanceleres brasileiros e uruguio, Aranha e Guani, o presidente eleito do país vizinho, sr. Amezaga, que será apresentado ao sr. Getulio Vargas.

— Novo embaixador alemão para a Espanha: trata-se, agora, do sr. Hans Adolf von Moltke, que não deve ser bóa coisa. Embaixador ou "gauleiter"?

Ha um ano se reuniam, no Rio, os chanceleres americanos

A SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DO CONCLAVE INTER-AMERICANO. O CLIMA INTERNACIONAL DE GUERRA NO ITAMARATÍ. A UNIÃO CONTINENTAL PARA A MAIS VIVA PARTICIPAÇÃO NA GUERRA AO EIXO

Por DALCIDIO JURANDIR

Em janeiro, precisamente há um ano, reunia-se, no Rio de Janeiro a Conferencia dos Chanceleres. Foi a Terceira Reunião de Consulta dos Ministros do Exterior. O Itamatí tem, pois, uma decidida importancia histórica nos resultados obtidos por essa memoravel reunião em que vinte e um paises deliberaram a respeito da defesa e segurança do contitnente e da atitude dos povos do Novo Mundo em face da guerra. Os debates e pontos de vista discutidos na importante Conferencia, abordaram assuntos de carater fundamental para a vida das Américas, "remediando impasses de ordem econômica, assentando bases para uma defesa conjunta das nações americanas, procurando não contrariar, mas, pelo contrario, obedecer em toda a linha a tradição democrática do mundo colombiano".

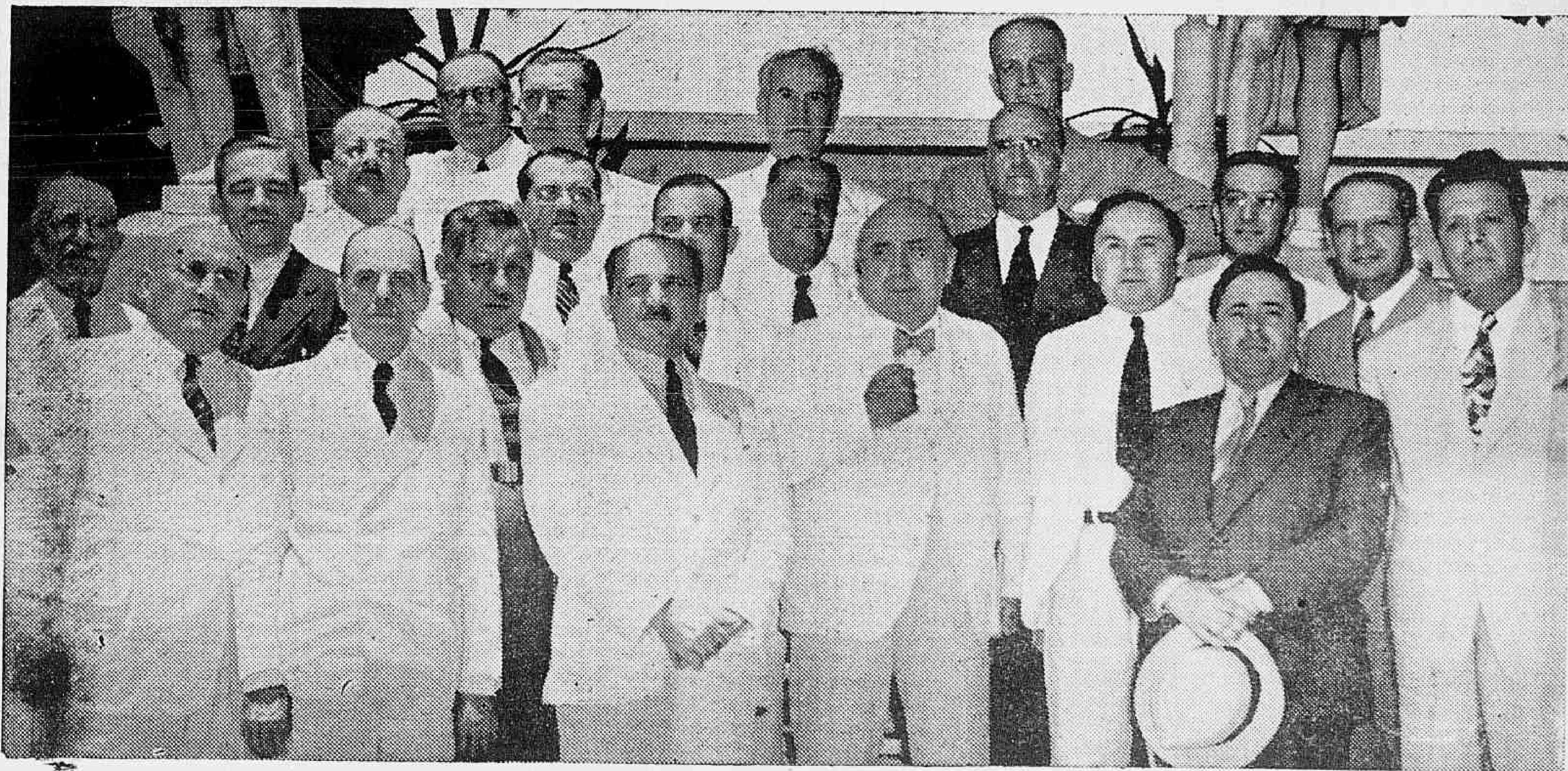
americanos passaram a ser estudados sob orientação mais hormônica e mais ajustada aos problemas da guerra. Tratando de problemas rigorosamente continentais na base de um inter-americanismo dinamico e capaz de se bastar a si mesmo, o conclave dos chancheleres praticou uma obra de mais largo sentido universal, isto é, integrou-se, de modo mais amplo, na órbita das nações democráticas do mundo que enfeixam em suas mãos as duras responsabilidades de vencer a guerra que, contra a civilização, o Facistern se aventurou a deflagrar á custa de traição, mentira e uma alucinada corrida armamentista.

do mundo inteiro no esforço comum de libertar a cultura e o progresso do obscurantismo fascista.

O que se viu no Itamarati naqueles dias memoraveis de Janeiro foi o clima internacional de guerra, foi a presença do mundo inteiro naquelas vozes, naqueles debates, nos atos que dali emanavam e iam fortalecer cada vez mais a conciencia anti-fascista de todos os povos. Na China, na Inglaterra, na Russia, na India, em toda parte, toda a resolução que partisse do conclave no sentido de impedir mais um golpe fascista e desmascarar os intentos diplomáticos e econômicos do imperialismo nazi-nipo-fascista, contribuia para o reforçamento das frentes de combate a Hitler e Hirohito. O encontro dos representantes de vinte e um paises americanos, foi, pois, uma data das mais significativas na historia da democracia e na historia das lutas pela confraternização universal. Acima das divergencias locais, mesmo dos regimes não integrados no verdadeiro clima democrático, pairou o espirito da liberdade que é o que impulsiona os povos á guerra contra a farsa e a opressão fascista. Clima internacional de guerra, pois, foi o que dominou naquela reunião inter-americana e daí nasceu a convicção de que, em todos os paises, em suas bases, isto é, nas profundas camadas coletivas, agita-se o desejo de aniquilar o fascismo e participar de todos os sacrificios por que sofrem outras nações que barram a marcha de Hitler sobre a propria América.

DE ESPECTADORES A PARTICIPADORES

Após o golpe de Pearl Harbor, os Estados Unidos tiveram de enfrentar as tremendas dificuldades iniciais da guerra no Pacifico e todo o continente americano sentiu-se ameaçado pela invasão nipônica. Não se tratava de estar solidario com os Estados Unidos, agredidos em uma das suas beses navais no Pacífico mas de preservar a integridade de cada país americano, de estabelecer, militarmente, uma frente defensiva em toda a América para impedir o assalto da quinta-coluna. Frustrar, sobretudo, as tentativas nipônicas de organizar bases táticas para mover a sua guerra no proprio territorio americano contra os Estados Unidos, arrastando assim todos s povos colombianos á hecatombe. O objetivo japonês não se limitava a guerrear o grande país norte-americano, mas, em assentar as suas esferas de infinencia na América do Sul á caça dos "espaços vitais". Os intentos do Micado foram bem claros. Inundou a América do Sul de agentes amarelos para armar a quinta-coluna e ocupar regiões econômicas e estratégicas á maneira como procedeu na Mandchuria. "O Eixo, contando com o apoio da quinta-coluna, lançar-se-á contra o continente americano", foi a declaração do general Lehman Mullor, adido militar dos EE. UU., por ocasião da Conferencia do Rio de Janeiro, e, numa entrevista dada a "DIRETRIZES", esse oficial norte-americano expressou muito bem, em dados concretos, como poderiam os nipões invadir o continente. Os povos das Américas sabiam, portanto, o perigo que podia causar uma neutralidade diante do conflito mundial. Embora certos governos quizessem permanecer á margem dos acontecimentos, seus povos já tinham tomado a deliberação de apoiar as Nações Unidas. Um dos exemplos se pode ver na Argentina: alí, o governo, ainda que tivesse firmado acordos de mutua colaboração na Conferencia, mantem-se neutro, por circunstancias que não se comentam aquí. No entanto o povo argentino já afirmou, democraticamente, o seu firme propósito de entrar na guerra, assim como o povo chileno. De forma que, de espectadores passamos a ser participantes da guerra. E o reconhecimento dessa afirmativa foi o motivo central da Conferencia dos Chanceleres.



Uma fotografia que já se tornou historica: os chanceleres de todas as repúblicas americanass reunidos no Palacio do Itamaratí, quando da Reunião de Consulta do Rio de Janeiro

SÓ Á DEMOCRACIA PODERÁ VENCER A GUERRA E GARANTIR O FUTURO DOS POVOS

Uma das profundas lições colhidas no conclave de janeiro do ano passado foi a de que só os principios democráticos podem decidir os destinos do mundo. De qualquer maneira, na Conferencia, foi a democracia que se fez ouvir e foi ela que sustentou as bases de uma vigilancia mais vigorosa e de uma ofensiva mais concreta e mais articulada contra o fascismo europeu e asiático.

Os problemas imediatos relativos á economia e á mutua colaboração entre os povos

Por que teria o conclave um sentido universal se as suas finalidades se dirigiam para interesses estritamente continentais, unindo por laços mais fortes os povos colombianos, superando todas as incompreensões ou obstáculos advindos de regimes, culturas e diversidades de costumes políticos? E' que todas as resoluções dos chanceleres tinham sido, na verdade, não somente em função das Américas mas em função do proprio mundo porque este jamais decidiria os problemas da guerra sem a intervenção do mundo americano, ou melhor, o fascismo lograria maiores oportunidades para alastrar o seu virus e alargar a sua invasão se as Américas não tratassem de organizar, em suas linhas gerais, todas as suas reservas democráticas para fazer frente á guerra, ás emboscadas do Eixo e participar da união dos povos livres

A MOBILIZAÇÃO DAS AMÉRICAS

Antes, porem, de uma mobilização política e espiritual, as Americas teriam de mobilizar as suas forças economicas e isso foi um dos temas discutidos na Conferência. Um comentador, por essa ocasião, dizia o seguinte: "A guerra, no presente momento, não é, apenas, um fenomeno militar. E' tambem um fenomeno economico.

Conclue na pag. 17)

LITERATURA E CIA

Front Literário

O ANO DE 1942

Os dias de guerra que atravessamos não podem ser muito favoráveis á literatura mas literatura é vida e por isso, tão necessária como é, participa da guerra e se mostra fiel ao homem que luta ao lado de todas as coisas que nos são essenciais como a liberdade e a confiança no futuro.

O movimento literário em nosso país não foi tão importante mas não pareceu tão ruim. A produção editorial não cresceu como era de esperar apesar da crise do papel. Os livros em português causaram verdadeiros acontecimentos. Romances como "A Guerra e a Paz" de Tolstoi os últimos volumes de "Jean Christoph", de Romain Rolland, Steimbeck e outros autores de renome universal. De todos os livros estrangeiros, porem, que maior impressão causou foi o do Deão de Canterbury que infelizmente não foi ainda traduzido para a nossa lingua.

No momento atual não se pode exigir mais do que fazem os nossos escritores. Lutam com mil dificuldades para trabalhar, pensar, organizar planos e editar seus livros. Alguma coisa que não é imponderavel, por certo, detem os impulsos da criação literária, da crítica, pelo menos determina silêncio, falta de estímulo, medo, longas esperas. Essa coisa imponderavel é ainda o bicho papão de que fala Astrojildo Pereira, que "está impedindo os meninos de fazerem travessuras. Tem que andar tudo na linha, muito comportadinhos, arrumadinhos, penteadinhos, quietinhos". Adiante diz o ensaista: "a arte e a literatura não admitem limitações estranhas nem podem se espandir dentro de estufas: elas necessitam de ar livre, de céu descoberto, de vento, de chuva, de sol, de lua, de estrelas. Elementos essenciais, esses, que não existem na Alemanha, nem na Italia, nem no Japão".

A nossa literatura continúa na porta das livrarias, nalguns cafés, em certos e limitados setores das classes abastadas e médias e serve, ainda, de divertimento ou é o chamado luxo de espirito. O povo não a encontrou ainda em seu caminho. Ignora-a por enquanto. Muitos escritores porem já fizeram alguma coisa digna do povo e que deve ser conhecida e amada pelo povo. Não se trata de literatura populista ou pamfleto. Trata-se de livros que devem, ser na expressão de Manuel Bandeira, gêneros de primeira necessidade. Quando poderemos ver esse dia em que as livrarias não fiquem tão distantes dos milhões de leitores que o Brasil necessita ter para afirmar a sua cultura e ficar conciente de sua força ?

No movimento literário de 42, no Brasil, cumpre registar em primeiro plano, o aparecimento de "Formaçãd do Brasil Contemporaneo", de Caio Prado Junior, obra de história e de investigação social que marcou o seu lugar definitivo entre os livros fundamentais para o conhecimento do Brasil. O livro do escritor Otavio Tarquinio de Souza sobre Feijó é tambem um dos momentos mais altos de 42. A honestidade, a justeza e o equilíbrio são as qualidades desse biógrafo excelente que se coloca entre os verdadeiros escritors contemporaneos do Brasil.

No romance podemos falar n'"O Lodo das Ruas", do sr. Otavio de Faria, que continúa discutido, no "O Louco de Catí" que revela a mesma força d'"Os Ratos", em "Os Interesses da Companhia" de Gilberto Amado que não se discutiu tanto quanto foi discutido "Inocentes e Culpados", "Estrela do Pastor" de Fran Martins", e outros romances menores. Erico Veríssimo surgiu, novamente, como romancista, lançando "O Resto é silêncio".

Marques Rebelo com "Stela me abriu a porta" manteve as qualidades de "Oscarina" e "Três caminhos". Seu pequeno livro infantil "Uma historia de amor", que é um encanto de história, foi escolhida pela comissão julgadora brasileira para tomar parte no Concurso Inter-Américano a ser realizado em New York. Uma estréia de primeira ordem foi a do sr. Aurélio Buarque de Holanda com o seu livro de contos e "retratos", "Dois Mundos" onde há páginas de antologia. O romancista José Lins do Rêgo publicou "Gordos e Magros" que é um forte depoimento literário. Destacamos ainda as atividades do sr. Astrojildo Pereira, que escreveu um lúcido prefácio sobre um livro de Joaquim Manoel Macedo, Guilherme Figueiredo (um livro sobre música), Josué Montelo, um ensaio sobre Gonçalves Dias, Sergio Miliet, Luiz Viana Filho, que, com seu livro sobre Rui Barbosa, causou a inumeravel polêmica entre o autor e o sr. Homero Pires. A Conferência do sr. Mario Andrade é um amargo e vigoroso depoimento de sua geração, a que fez o modernismo. Osvald Andrade reeditou "Os Condenados". Raquel de Queiroz nos deu a terceira edição de "O Quinze". João Alphonsus ressurgiu com "A pesca da baleia", contos, Manoel Bandeira a propósito do centenário de Mallarmée fez uma aguda conferência e lançou a segunda edição de "Breves Noções de História das Literaturas".

Augusto Frederico Schimidt publicou "Mar Desconhecido" em que se sente cada vez mais o poeta em fuga, atrás dos temas clássicos, das velhas imagens e das tranquilas situações poéticas. A publicação das poesias completas de Carlos Drumond de Andrade foi realmente um grande acontecimento literário.

Gilberto Freyre escreveu "Ingleses" e Almiro Holmes estreou

(Continua na pág. 22)

O NOVO LIVRO DE BEATRIX REYNAL

Beatrix Reynal, é hoje um nome integrado na poesia brasileira. Desde a publicação do seu primeiro livro, editado em Paris, "Tendresses Mortes", que tanta repercussão obteve nos meios literarios do país, Beatrix Reynal passou a ser citação obrigatoria nos circulos intelectuais onde seu nome, gradativamente á divulgação de sua obra poetica, foi ganhando um prestigio ascendente.

"Tendresses Mortes", revelou-nos uma poetisa de forte individualidade, dona de um lirismo próprio e de uma maneira original de conduzir os versos e as rimas através dos temas escolhidos, geralmente assuntos e motivos repassados dessa melancolia que representa o pano de fundo de todos os trabalhos poeticos de Beatrix Reynal. As qualidades e a força encontradas pelos criticos, no Brasil e no estrangeiro, no primeiro livro de Beatrix Reynal, foram largamente confirmadas com a publicação do seu segundo caderno de poesias — "Au fond du coeur" — já em edição brasileira. O que antes fôra uma experiencia e uma estréia felizes, transformava-se agora numa forte afirmação poetica. Com a publicação do "Au fond du coeur", Beatrix Reynal conquistou, de uma vez por todas, um lugar seguro entre os bons poetas da atualidade.

De Beatrix Reynal, em elegante edição, chegam-nos agora estes "Poemes de Guerre", muitos dos quais já conhecidos através de sua publicação nos suplementos literarios desta capital.

Destes ultimos versos de Beatrix Reynal extrava-se uma força poderosa: é o seu amôr á França, a sua confiança na França e no povo francês, o grande martir desta guerra. Livro dedicado a todos os que defendem a liberdade, o que ha nela, mais forte do que qualquer outra coisa, - a presença da França, berço tradicional de tudo que de mais digno já foi conquistado para a existencia humana.

"C'est de vous que, demain, reviendra la lumiére,

O France malheureuse au tragique destin!

Bientôt vous brillerez á la palace premiére,

Et montrerez alors aux hommes leur chemin".

Modificando inteiramente o rumo de sua poesia, guiando-a dentro do espirito do tempo, e colocando toda sua força poetica ao lado dos que combatem, no mundo conturbado, as forças maleficas do fascismo, Beatrix Reynal veiu mais uma vez provar que o artista, seja qual fôr a sua arte, não póde se isolar em qualquer torre, longe do torvelinho e das lutas de agora. E vem provar, ainda mais, que o verdadeiro artista, o que de fato possue o dom de criar, só póde formar no rol dos que desejam para os povos uma condição de vida diferente daquela que é defendida, a ferro e a fogo, pelo fascismo internacional.

Bibliografia Estrangeira

"MR. CHURCHILL — A PORTRAIT"
By Philip Guedalla

Robusto, alto, lábios grossos em uma boca rasgada, olhos claros, eis os traços mais fortes do Philip Guedalla, o grande historiador inglês.

Vimo-lo e com ele palestrámos longamente quando aqui esteve e ele nos deu impressão de segurança, força e equilibrio.

Durante sua permanência entre nós em 1939, teve ensejo de nos falar sobre vários assuntos, e de uma feita definiu a biografia como o aspecto mais atraente da História, pois oferecia campo vasto para o desenho, a análise extensiva e as grandes conclusões.

Aliás, sobre tão atraente tema fez belissima conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, quando ali foi recebido como sócio.

Entretanto, apreciando esse angulo da História, não se deixou absorverr completamente, e dentro de sua carreirra de historiador se fez grande em todos os sentidos. E em Phillip Guedalla, homem de gabinete e homem público da Grã Bretanha, a tradição do Império se fez maior e mais expressiva, para que fosse ainda no "climax" de sua carreira chamado de segundo Lord Macaulay.

O respeito supremo á tradição; a conciêencia pura de historiador e a imparcialidade valeram-lhe o respeito da sociedade inglesa, do mundo inglês.

Assim é Phillip Guedalla.

Encontramo-lo agora, face a face com uma figura grandiloquente. Escreve a biografia de uma das tres variações inglesas: WINSTON SPENCER CHURCHILL.

Caso singular: um escritor, um politico, um parlamentar, a estudar a vida de um outro politico, parlamentar e escritor.

São dois titãs que se defrontam; Guedalla, a maior figura moderna de historiador do Império; Churchill, a maior figura de homem público da Grã Bretanha e um dos lideres do mundo contemporaneo.

E' então o mestre do estilo, o burilador de quadros e ambientes, o psicologo fino e arguto que se desenvolve em um trabalho extenso a respeito de Winston Churchill, o combatente intrépido, o incansável homem da confiança na Vitória.

Churchill, nobre, aristocrata, mas apenas e como deseja ser Mr. Churchill para a humanidade toda, é hoje um simbolo nesta luta contra os conspurcadores do respeito humano; contra os agressores nazi-fascistas.

O "prémier" britanico é o homem singular da historia inglesa; é o espirito aristocrata que faz a guerra em defesa dos grandes ideais e principios da humana espécie, saindo de sua aristocracia para falar a tese e o conceito da burguezia. É ele o ardente defensor do grande e do pequeno, e do médio; é, dentro do próprio seio das Nações Unidas, o que sempre foi a sua pátria, a balança do poder.

E nenhuma outra figura de politico poderá conduzir o Estado inglês durante a guerra senão Winston Churchill, cremos nós. Já se assenhoreou ele de todos os segredos e cambiantes do curso dos acontecimentos, e a tudo atende e resolve com meditação, mas com segurança. E' o homem da Vitória.

Pois é essa figura eloquente do mundo contemporaneo que Phillip Guedalla retrata em seu último livro.

E ao dizer o autor de "Wellington" que é um retrato, quer afirmar que a caracteristica de sua biografia é o movimento, é a luz a se derramar em torno aos fatos e o seu "leit-motiv". E então, vamos estudar e compreneder a trajetória de um grande homem descrita e analisada por um grande historiador.

Nessa obra, porem, observamos algumas transformações na técnica do autor.

Até então, em seus estudos e biografías não desprezava os detalhes mínimos do meio e da época, para se lançar a corpo inteiro sobre as idéias gerais. E' o caso da sua obra prima "Wellington".

Como seu último trabalho, passa Phillip Guedalla a desprezar o mínimo em casos tais, para poder esboçar conjuntura geral da biografía com maior expressão. E as idéias gerais a respeito do biografado e da sociedade em que vive tornam-se juizos seguros, tornam-se conclusões precisas.

E é nesse ponto que Phillip Guedalla se distancía e se diferencía de Lytton Strachey. Este é a própria reação dentro da história inglesa. E' a intolerancia, a intransigência. E' um demolidor, e para ele não ha tradição a respeitar.

Mas num ponto ambos se aproximam: na pureza de linguagem. Lytton Strechey era o estilo brilhante, claro, quase alegre, pela adjetivação. Phillip Guedalla é a sobriedade, é o equilibrio. Sua adjetivação é vária e expressiva, mas moderada e discreta.

Estamos, pois, a crer que o retrato de Winston Churchill, por Phillip Guedalla, alcançará êxito enorme, pela importancia, valor e projeção do biógrafo e biografado.

Ha um ano se reuniam...

(Conclusão da página 15)

Só pode lutar com eficiencia quem dispõe de uma usina bem montada e tem de possibilidades de garantir as suas maquinas fornecimento suficiente e ininterrupto de materias economicas. Dentro deste principio, devemos constatar que, se cada um dos paises da América não possue, em separado, condições para movimentar uma usina de guerra, o continente, em seu todo, constitue uma unidade quase autarquica, autosuficiente, capaz de produzir, indefinidamente, todos os engenhos de combate de que tiver necessidade, afim de enfrentar qualquer agressor, ou mesmo, qualquer combinação de agressores". Nesse sentido, os paises americanos tinham de organizar o que se começou a chamar: o arsenal da democracia e tal fato constituiu a primeira ofensiva americana, de larga envergadura, contra o Eixo. Afora os negocios que se fazem ainda com a Espanha, e outros paises, foram fechados á Europa fascista e ao Japão os nossos portos comerciais. O plano de uma unidade economica foi todo um debate, um vasto problema que até já ofereceu os seus primeiros re- agora vem sendo discutido e 'em sultados. Mobilização de infra-estrutura, necessidade básica para a mobilização espiritual e politica, eis o que se esboçou e vem se desenvolvendo a partir da reunião dos Ministros de Exterior de todos os paises do Novo Mundo.

A BASE ECONÔMICA DA DEMOCRACIA

Essa aproximação mais intima dos interesses economicos em nosso continente vem demonstrar que os novos rumos da economia internacional não se delineam á base dos velhos interesses privados da alta finança que determinou, por exemplo, o Pacto de Munique. Mas á base dos interesses dos novos, de seu bem estar, de suas condições de vida e de todas as oportunidades que se possam oferecer para a intensificação das forças produtivas e das trocas de produtos. Esses rumos tão importantes para o desfecho desta guerra representam uma resposta simples e definitiva contra as teorias economicas do fascismo que se aplicavam segundo normas da cubiça imperialista e que resultaram depois num sistema de pilhagens feitas pelos mercenarios mecanizados através da Europa e nos territorios da China. Enquanto na Europa a "Nova Ordem" saqueava e devastava, aqui, na America, se operava uma tendencia a ligações mais vivas e mais justas dos mercados inter-americanos, a uma coordenação economica utilizada para servir os povos, aumentar-lhes a riqueza e proporcionar-lhes maiores, melhores e novas fontes de materias primas. Lá era Hitler e Hiroito legalizando o saque e aqui eram vinte e uma nações dispostas a construir um intercambio poderoso, criando um entendimento que fortalecia a convicção de que o mundo tende a se unir cada vez mais e a desenvolver uma economia com o fim de satisfazer os povos, dignificar o trabalho e impedir a guerra. E mais: com o de fim de restaurar os regimes democraticos que se libertarão de alguns privilégios e preconceitos economicos e opor para sempre uma barreira á anarquia da produção e ao regime de usurpação e de aventuras.

O ROMPIMENTO DO BRASIL COM OS PAISES DO EIXO

O Eixo tomou todas as iniciativas para frustrar a Conferencia do Rio de Janeiro. A quinta coluna agiu de acordo com os planos das embaixadas que, por sua vez, eram instruidas pelos seus chefes de Toquio, Berlim e Roma. No entanto os nazi-nipo-fascistas foram derrotados. Não puderam, por exemplo, evitar que o Brasil tomasse posição ao lado das democracias.

Depois do rompimento com os paises totalitarios, o Brasil caminhou para melhor entendimento com as Nações Unidas. Sua declaração de guerra foi o acontecimento decisivo. O povo brasileiro saiu á rua e mostrou a sua conciencia anti-eixista. O torpedeamento de nossos navios costeiros deu uma prova da infamia e do banditismo dos totalitários. A Conferencia do Rio de Janeiro não foi mais do que uma preparação de todas as medidas de ordem geral que começaram a surgir e estão surgindo em todo o continente contra o Eixo. Estamos ás vesperas do rompimento do Chile com o Japão, Italia e Alemanha. O povo argentino, a toda a hora, demonstra a necessidade que tem a patria de San Martin em declarar guerra ao Eixo. Esses povos não esquecem aquela resolução aprovada por todo os paises americanos em Havana, que é a seguintee: "Todo atentado de um Estado não americano contra a integridade do territorio, contra a soberania ou independencia politica de um Estado Americano, será considerado como um ato de agressão contra os Estados que firmam esta declaração". E em entrevista dada a DIRETRIZES disse o ministro Afranio de Melo Franco, cuja morte recente cobriu de pezar a America inteira: "A reunião dos ministros das Relações Exteriores na cidade do Rio de Janeiro é uma consequencia imediata do ataque japonês á base americana do arquipélago de Hawaii e um desdobramento dos acordos anteriores realizados nas duas Reuniões antecedentes de Havana e Panamá. Essas tres Reunises concretizam o instrumento da consutla intergovernamental americana que foi projetado em 1936, na Conferencia de Consolidação de Paz, realizado em Buenos Aires e aperfeiçoado em 1938 na Oitava Conferencia Internacional Americana, realizada em Lima. "Qualquer ato suscetivel de perturbar a paz na America atinge a todas e a cada uma das Republicas Americanas e justifica o inicio dos métodos de consultas previstas na Convenção para a Manutenção, Garantia e Restabelecimento da Paz, assinada em Buenos Aires, em 1936". Adiante, diz o ministro Afranio de Melo Franco: "A agressão á esquadra americana em Pearl Harbor constitue, pois, uma agressão a todos os Estados do nosso Hemisferio Ocidental. Na Reunião do Rio de Janeiro se tratará principalmente da organização da defesa cooperativa, por um sistema que coordene os recursos de todos os Estados americanos paar o objetivo comum de nossa segurança".

DA DEFESA AO ATAQUE

A partir da ronferencia do Rio de Janeiro todo um processo de arregimentação de forças continentais vem crescendo e forma o espírito de ofensiva fulminante que já falou o presidente Roosevelt em seu ultimo discurso. Passamos da preparação, da defensiva ao ataqde. A guerra é tambem nossa guerra e os americanos do sul, do centro e do norte sabem que é preciso lutar em todas as frentes para que a derrota do Eixo se ipera mais rapidamente e se faça então a paz libertadora a que aspiram todos os povos do mundo. Eis porque a America deve estar na vanguarda da campanha pela segunda frente e da participação de seus soldados nas linhas de combate na Africa ou em qualquer lugar que for necessario.

O CAMINHO QUE A AMÉRICA VEM SEGUINDO

Ha um ano que se realizou a Conferencia e grandes acontecimentos se verificaram no mundo. Com exceção do Chile e da Argentina, toda a America se acha em guerra com o Eixo. As resoluções tomadas no historico conclave tiveram um desenvolvimento conforme foi previsto e culminaram em atos de perfeita coerencia com as tradições democraticas do Novo Mundo, as tradições que vêm de Bolivar, San Martin, Bonifacio, Washington, Lincoln e Juarez. Já o ministro Ezequiel Padilha afirmou em plena Conferencia: "Reunimo-nos não para deliberar qual a causa que a America defende, porque já os nossos antepassados indicaram o caminho que a America deve seguir na contenda humana da Liberdade contra a Tirania. Se nós não criarmos os nossos acordos, com a clarividencia do Futuro, uma Doutrina, uma Fé, uma Esperança pelas quais as multidões americanas se sintam orgulhosas de viver, elas não estarão tão disposta a morrer para defendê-lo".

Estamos, pois, em plena conciencia dessa Fé e dessa Esperança e decerto que só pelos métodos democraticos é que poderemos defende-las, com a decisão livre dos povos em levar a santa guerra ao nazi-nipo-fascismo.

A MAIS JUSTA E A MAIS NECESSÁRIA DAS VITÓRIAS

A Conferencia nos deu diretivas fundamentais para as responsabilidades deste continente em face da guerra. Foi o ponto de partida para a realização da frente econômica, da frente militar e espiritual que necessitames reforçar cada vez mais, até que se possa erguer em favor da democracia um conjunto verdadeiramente gigantesco de viveres, armas, soldados, energias morais, — todo um esforço total de guerra.

Devemos superar as dificuldades que existem, aumentar a vigilancia, procurar, por todos os meios, sem excluir os da faculdade do livre exame e da critica indispensavel, afim de que estabeleçamos uma união nacional ligada ao objetivo de fortalecer a união continental aproximando as correntes politicas, os meios intelectuais para o efeito de real colaboração na qual todos os americanos se sintam, na realidade, concientes de que estão unidos e por isso saberão lutar com mais confiança e melhor êxito.

Insistamos na criação de um orgão especial de repressão á quinta-coluna. Esse orgão teria irradiação em todo o continente com mais eficientes recursos para cercar e aniquilar os redutos da quinta-coluna que ainda persistem, perigosamente. Assim, como é necesario estar na vanguarda lutando, com a mesma intrepidez e o mesmo encarniçamento, com que os nossos aliados lutam, assim tambem devemos limpar, de modo mais prático e organizado, os remanescentes da quinta-coluna em nossa retaguarda, estabelecer uma verdadeira frente interna de guerra contra o Eixo, questão vital para a consolidação e o vigor da frente externa.

Comemorando a data da realização da Conferencia dos Chanceleres vemos que as suas finalidades foram bem compreendidas e aí estão os seus primeiros frutos. E' verdade que há ainda muita coisa a compreender e a realizar.

Há um ano o Eixo mantinha um poderio fabuloso e exibia as suas vitorias relampagos. Agora assistimos o seu enfraquecimento. As democracias marcham para a mais justa e a mais necessaria das vitorias. A América tomou a ofensiva e todos, nós, americanos, bem sabemos que qualquer indecisão ou indiferença, neste momento, vale como uma traição a serviço dos bestiais, sanguinarios opressores fascistas.

LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA

(Conclusão da 10.ª pág.)

cionais construa uma compreensão e uma solidariedade verdadeiras entre as nações ou, no dizer de um grande pensador moderno, um universalismo que tenha por polo não o grande número, tal teoria, tal poder politico ou o dinheiro, mas o Espírito puro, conciente de sua essencia, de sua natureza e de suas responsabilidades. Queremos é a volta ás raizes da verdadeira civilização. Nestes quatro séculos os homens conquistaram um extraordinario progresso mecanico que não logrou, contudo, um acompanhamento paralelo no campo da cultura da conciencia. Ou melhor, em quatro séculos de filosofia e pensamento o que os homens prepararam foi esse nosso mundo de cáos, de dor e de revolta. A revolta que assistimos, diz Keyserling, é a revolta das forças telúricas, a revolta das forças de bas-fond. A crise do mundo moderno não é, assim, uma crise de ordem puramente econômica, como muitos erradamente pensaram. E' uma crise de raizes muito mais profundas. Uma crise de ordem espiritual. E, como pensa André Gros, se o problema é unicamente espiritual, a solução deve ser da mesma ordem. Queremos é uma civilização que se caracterize pelo primado do espiritual. Uma civilização integralmente humanista, que conheça uma concepção da vida e dos seus destinos, que tenha uma doutrina ético-metafísica do homem e de suas finalidades transcendentes.

São esses os nossos ideais, aspirações e pensamentos, nem utópicos nem pessimitas, que devem ser uma conquista de todos os instantes, que legitimam e santificam a nossa guerra e que criaram esse movimento de sabedoria civica e simpatia humana que é a Legião Brasileira de Assistencia.

Foi esta a sua origem. Vejamos, agora, o processo do seu desenvolvimento. Forte foi sua pulsação inicial. Grande o seu impeto de vida. Vem crescendo com essa força de generosidade comum ao coração brasileiro. Cortando os taboleiros do nordeste, campeando nas planicies dos pampas, embrenhando-se nas selvas amazônicas, galgando cordilheiras, seguindo o curso dos rios. Marchando para o oeste, visitando ruas humildes de vilarejos longinquos, rasgando os caminhos futuros da nacionalidade. Invadindo corações, penetrando conciencias, fecundando pelo amor a unidade da Patria, conquistando a alma do povo, a compreensão das elitas, a sanção do governo. Ela, que surgiu como um organismo de emergencia para solucionar problemas e dificuldades internas decorrentes do nosso estado de beligerancia, teve depois suas finalidades ampliadas, cabendo-lhe, ainda, aos periodos de paz, colaborar com o governo como orgão de cooperação e consulta nos serviços de assistencia social.

E se ainda fosse preciso definir o que é a Legião Brasileira de Assistencia, eu diria assim: A Legião Brasileira é Cristianismo. Verdade, justiça, moral, humanidade, beleza e poesia. A Legião é humanismo puro. E' amor que fecunda a vida, vive tudo e faz viver tudo intensamente".

MEDICINA E SAUDE

OS NERVOSOS E A GUERRA

AUSTREGÉSILO FILHO

O DR. AUSTREGESILO FILHO, ilustre docente da Faculdade Nacional de Medicina e chefe do Serviço de Assistência Social da P. D. F., trás novamente sua colaboração e esta página, com o brilhante artigo de hoje, no qual focaliza um tema de incontestavel atualidade e de grande interesse, pelo que, seguramente, a sua leitura atrairá a atenção de todos os nossos leitores.

Quando as paixões e os instintos dominam o homem e lhes obscurece a conciência, crescem a inquietude, a ambição, o desejo do mando; revela-se o selvagem adormecido.

E' a luta de homens, de pátrias, de raças, de doutrinas, na tentativa de realizar a fórmula inatingivel de felicidade coletiva.

E' a guerra ! E a guerra é a guerra, isto é, a mobilização de milhões de homens e a consequente modificação do ritmo de vida dos povos. E' a insegurança e a apreensão dos que nela se empenham.

Entretanto para mobilizar milhões de homens é necessário a força moral e para que esta atinja a sua finalidade é indispensavel que se reduza ao minimo a intranquilidade dos que vão lutar.

Retirado do seio de suas atividades normais, afastado da familia, forçado a seguir as determinações militares, alterado em seu ritmo de sono, de alimentação, de afetividade, o homem diminue a sua capacidade produtiva. A guerra atual exije o máximo de capacidade e esforço.

Na paz, quando não há o ajuste social, o individuo falha na sua produção.

E' indispensavel que a autoridade, tanto quanto lhes permitam as circunstancias, procure diminuir ou afastar as causas capazes de enfraquecer a força do soldado. Uma dessas causas é o desajuste econômico que precisa ser evitado.

Transportado para o Teatro das Operações o individuo sofre uma luta intensa interior, em que são antagonistas o instinto de conservação e a conciência. Um sairá vitorioso: a emoção com o primeiro no neuropata e o "super-ego" com o segundo no homem normal.

Para reduzir as desvantagens resultantes da emotividade, os possiveis neuróticos devem permanecer na impressão que sua vida cotidiana não sofreu modfiicação substancial e que não correm risco iminente de morte. Podem ser aproveitados em serviços auxiliares nos diversos escalões ou na retaguarda, conforme cada caso.

Nas vésperas de estalar a guerra mundial o ministro das Pensões da Inglaterra convocou os diretores dos Serviços Médicos do Exército, da Marinha, das Forças Aéreas e neuropsiquiátras, como Gordon Holmes, Bussard, James Stewart, etc., para informá-lo sobre os principios gerais referentes ás neuroses de guerra. Pois bem, a grande comissão, logo no inicio do seu relatório, fez a seguinte afirmativa — "Durante a guerra passada houve um grande número de neuroses provocadas pelo terror ,pelo esgotamento, pelo esforço físico ou mental, pela falta de sono, pelo "schock", cifra que aumentou rapidamente a partir de 1916.

Os serviços oficiais e a profissão médica não estavam preparados para enfrentar tal situação, o que trouxe como resultado o acúmulo de um grande número desses acidentes e por consequência, uma queda no moral das "forças vivas".

Segundo Desmond Curran e W. P. Mallinson (The Lancet-14 de dezembro de 1940) os casos de psiquiatria na Inglaterra na guerra de 914-18 foram em número de 20.000.

Esses fatos veem demonstrar a necessidade dos médicos serem preparados para procederem ao exame neuropsiquiátrico naqueles que serão deslocados para os campos de luta.

Os especialistas do sistema nervoso podem mesmo prever quais os individuos que poderão adoecer em face dos problemas de guerra. Entre estes estão evidentemente os neuróticos da vida civil, que tenham conseguido compensar a sua enfermidade.

O aparecimento de uma neurose não deve impedir que o individuo preste outros serviços de interesse para a defesa nacional. Competirá ao neuro-pesiquatra orientar em que atividade poderá ser aproveitado o psiconeurótico.

As neuroses de guerra são mais frequentes na retaguarda do que nas linhas de fogo.

A neurose que surge no tempo de guerra não difere, em sua essência, da neurose do tempo de paz, ne mda "sinistrose" ou "traumatose" dos acidentados de trabalho. Apenas os seus fatores, desencadeantes se acham dentro do estado de guerra.

A emoção é um fator fundamental no desencadeamento das neuroses de guerra, mas não único. Assim é, que teem papel importante em sua etiologia e hereditariedade, a sugstão, a concussão cerebral, o extasamento, as intoxicações e toxi-infecções.

Dentro da guerra moderna em que se exige coordenação e rapidez é indispensavel que os neuro-psiquiatras informem os comandos sobre a capacidade de ação de seus subordinados.

Deve haver íntima colaboração entre internistas, neurologistas e psiquiatras.

Os simuladores são individuos nocivos, sobretudo quando os médicos, menos afeitos a certas enfermidades, não estabelecem prontamente o diagnóstico diferencial.

Os simuladores, não devem ser desmascarados em público como frequentemente se tem feito, mas sim, pelo especialista, em seu gabinete de consulta. Desta maneira é provavel que se ganhe um bom soldado.

Os neuróticos só devem ser enviados para a retaguarda em casos especiais.

A psicoterapia firme, afetuosa mas enérgica, cura muitos neuróticos.

A guerra atual é considerada a "guerra dos nervos".

O neuro-psiquiatra tem nela um papel importante.

Há pois vantagem em serem constituidas juntas especializadas. Estas devem existir, não só na retaguarda, como tambem na zona das etapas.

LIVROS NOVOS

"O CUSTO DOS REMEDIOS E A ECONOMIA MÉDICO-FARMACEUTICA — Dr. José Palmerio — São Paulo — 1942.

O livro que o dr. José Palmerio, ilustre médico paulista, vem de publicar, sob o titulo supra, é um estudo honesto, meticuloso e exaustivo, sobre um problema de grande interesse e importancia para as classes médica e farmaceutica do Brasil.

O volume é constituido por uma série de estudos sobre a "economia, administração e racionalisação do trabalho, relativos ao receituário, á farmácia, á indústria e ao comércio dos medicamentos, e aplicaveis aos Intitutos de Previdência Social, ao Seguro-Doença, e ás clinicas coletivas em geral."

Escrito com clareza, em estilo atraente, provido de farto e abundante material bibliográfico, considerados os diferentes e variados aspectos do complexo problema, em suas minúcias e detalhes, com imparcialidade e isenção de espirito, este livro ha de ser, com segurança, da maior utilidade para os que estudam ou são responsaveis pela resolução destas questões em nosso país.

A saude do trabalhador

Atenção operario! Retira os pregos salientes encontrados no soalho ou em taboas soltas, porque terás, ás vezes, de amputar a perna.

(Inspetoria do Trabalho)

Protege, trabalhador, os teus pulmões, com mascara apropriada, sempre que trabalhares em ambiente de poeira.

(Inspetoria do Trabalho)

SANIGRAMAS DO S. P. S.

Deve-se fazer a extração das amigdalas das crianças?

Depende. Se estão muito grandes e apresentam, de vez em quando, pontos de pús, acompanhados de mal-estar e febre, devem ser cortadas. Mas, se não crescerem demasiado, nem se inflamarem com facilidade, é melhor deixá-las em paz.

*
* *

As vegetações adenoides são uma espécie de carnosidade no fundo da garganta, na passagem das fossas nasais para a boca. Se crescem muito, a respiração se dificulta: a criança respira pela boca, fica ás vezes fanhosa, ronca durante o sono. Com essas dificuldades, atrasa-se o crescimento. Nesses casos, é preciso cortar as vegetações adenoides.

CONSELHOS

MELHOR QUE UMA FARMACIA

Use sempre leite, verduras, frutas e ovos e poupará dinheiro em remedios. Com esses alimentos nos supriremos de calcio, de phosphoros de ferro, de iodo, de potassio, de enxofre... indispensaveis todos á boa saude (S. N. E. S.)

DENTRO DO ORÇAMENTO

Um quarto da despesa de nossa alimentação deve ser em frutas, verduras e legumes. Essa importante quota se justifica pelo alto valor que têm os minerais e as vitaminas de que são ricos esses alimentos (S. N. E. S.)

SO' FANTASIA

Não confunda com os verdadeiros alimentos, que dão saude e vigor, as guloseimas inuteis que o homem criou para satisfazer os seus caprichos: assim as balas, os bombons, muitos doces... (S. N. E. S.)





A Nossa Alimentação ...

Como se sabe, saude é a expressão de um conjunto de características, entre as quais: o crescimento ininterrupto até atingir a idade adulta, de acordo com a raça a que pertence o individuo; a alta fertilidade da familia; a baixa mortalidade infantil; a posse de esqueletos e dentes de forma e constituição normais; a resistencia ás infecções e a possibilidade de alcançar idade avançada sem os estigmas da velhice. Ao brasileiro faltam tais características: o nosso tipo étnico é proteiforme; a natalidade é pequena, enquanto a mortalidade infantil é muito elevada; estamos sempre sujeitos ás infecções e á velhice, física e espiritual, chega-nos antes do tempo.

Essas taras e defeitos devem á alimentação erroneamente ser atribuidos, principalmente, orientada que é a nossa, desde os primordios da historia brasileira. O clima e a herança que eram tidos como os principais fatores determinantes dos caracteres bio-sociológicos, estão, hoje, colocados em plano muito inferior ao da alimentação. Esta é, evidentemente, elemento preponderante de eugenização, motivo pelo qual deve ser considerado como de elevado patriotismo, qualquer gesto tendente a orientar o nosso povo para uma utilização racional e inteligente dos alimentos.

No momento que estamos atravessando, este assunto assume importancia excepcional. E' preciso, pois, instituir entre o nosso povo, e em beneficio de todos nós, o hábito do consumo dos alimentos verdadeiramente uteis a saude.

"Medicina e Saude" surgiu em DIRETRIZES" com um objetivo apenas: cooperar com as instituições públicas e privadas na campanha pelo soerguimento do padrão de saude e de capacidade realizadora do povo brasileiro. Eis porque esta pequena secção, que hoje hoje aparece pela primeira vez, encontra plena justificativa. Para usar o clássico lugar comum: veio preencher uma lacuna. A saude já foi confundida num mesmo sentido com a adequada nutrição. Sem conveniente alimentação é impossivel boa saude. Ora, se pensamos em trabalhar para obter o mais alto padrão de higiene física e mental para os nossos patricios, estariamos incorrendo em grave erro se nos esquecêssemos de difundir as boas normas da higiene alimentar. Eis porque nos sentimos a vontade para ocupar este espaço e o precioso tempo do leitor.

DR. FIGUEIROA

A GUERRA EM 1942

(Conclusão da 7.ª página)

entre a India e a Australia, empregando paar tanto uns 400.000 homens do exército imperial, que atuaram sob o comando do general Yamashita, em íntima cooperação com as frotas do almirante Yamamoto. As terras conquistadas, pela variedade e volúme de suas riquezas, pelas suas existencias de matérias estratégicas, pela massa de partidarios da "Grande Asia Oriental" (facismo do Oriente), integram o que os magnatas e generais do Mikado denominaram de "área vital" do Pacífico. Pela sua exploração, que é conduzida sistematicamente, o Mikado não caréce mais de matérias-primas e suas indústrias são perenemente abastecidas, podendo produzir canhões, tanks, aeroplanos, navios, munições, etc., em quantidades inatingidas nas épocas precedentes á sua conquista.

A 1.ª OFENSIVA DE INVERNO RUSSA

Se o expansionismo armado japonês foi o acontecimento culminante da primeira fase de 1942, a ofensiva de inverno russa ocupou

O plano seguinte, dentro da ordem de importancia militar, desde que afastou os alemães para 300 quilômetros de Moscou, desorganizando a base de partida que planejavam equipar durante a estação fria, tendo em mira a ofensiva da primavera, que afinal se postergou para o verão.

A considerar pelo territorio, cidades industriais e regiões produtoras que os germano-fascistas assolaram ou pelas interminaveis destruições de exércitos, com as correspondentes cifras astronômicas de armamentos que a propaganda de Berlim e Roma declarava apresados ou destruidos, os exércitos da União Soviética teriam ficado em tão lamentavel estado de debilitamento que só mesmo o inverno os poupára dum desastre total, nas garras da invencivel Wehrmacht. Esta era a linguagem do Reich e da Italia, da quinta-coluna, dos Quislings ostensivos ou encubados, de toda espécie de reacionarios e traidores que aspiravam ardentemente uma derrota russa, como premissa da vitoria do obscurantismo facista.

Aqueles exércitos que se dizia salvos do aniquilamento, graças ao inverno, nada fariam aproveitando o frio a que estavam aclimatados. E quando raiasse a primavera, receberiam da Wehrmacht o tiro de misericórdia que esteve para ser dado em Moscou.

Os pensamentos deste típo, ainda hoje articulados, por muita gente reputada boa, iam desvanecer-se quais bolhas de sabão, num praso mais curto que o estimado com otimismo pelos adversarios do Eixo. Pois, apenas titubeava impotente a Wehrmacht em Kalinin, Mojaisk e Tula, desencadeava-se por todo o front uma ofensiva que não a soltaria enquanto precisasse descansar e refazer-se. Os exércitos pseudo-destruidos da União Soviética acometeram sem cessar, durante o inverno, e foram além, ocupando a primavera inteira. Atacaram seis meses. Tanto tempo quanto o que a coligação atacou, depois se vêr constrangida a ocupar o verão e o outono com aquela arrancada que havia de durar sómente oito semanas.

Em abril e maio, quando a famosa ofensiva de primavera do exército alemão, longamente alardeada pelo Ministério de Propaganda do Reich, estaria já quebrando os remanecentes das defesas de Moscou, os exércitos russos combatiam quase nos subúrbios de Smolensk, haviam desfeito o cerco de Leningrado e enfiavam uma ponta de faca em Dniepropetrovsk, no baixo Dnieper. Rostov, Kalinin, Mojaisk, Kaluga, Kerch e a costa sul da Criméa tinham sido reconquistados. As bases de Novgorod, Staraya Russa, Rzhev, Vyazma, Bryansk, Orel, Kursk, Kharkov e Tagovrog ou estavam sitiadas ou metidas no fundo de estreitos bolsões.

Desarranjára-se a linha de basos da qual largariam os exercitos germano-facistas para o seu máximo empreendimento, — a conquista do Cáucaso e o isolamento da Russia. A luta constante que os absorveu, na época reservada pelos generais de Hitler para reorganizá-los, impediu que se acumulassem munições e suprimentos, perturbou a montagem da "ofensiva" de primavera", impôs que ela fosse transferida para fins de junho.

A decantada superioridade do soldado alemão, a cujos pés, na linguagem arrogante de Hitler, não chegaria o soldado rússo, não resistiu ao "noves fóra" dos fatos. Os subordinados do Fuehrer provaram não ter o espírito de sacrifício nem a iniciativa dos filhos do país que imprudentemente foram conquistar. As intemperies que os diminuiram, e anestesiaram o seu automatismo e a sua subserviencia a uma disciplina de exclusivo mando, sobrepuseram a estas qualidades as noções de liberdade e civismo dos russos, noções que, aliás, jámais se desprenderam de quem defende concientemente a independência de sua pátria.
peries que os diminuiram, e en-

OFENSIVA GERMANO-FASCISTA DE 1942

Não queremos nos extender em considerações sobre o exército rússo de inverno, os armamentos que revolucionaram a técnica da guerra em terreno coberto de neve ou aquele exército de cavalaria com meio milhão de homens, que tamanha mobilidade e flexibilidade haveria de imprimir ás operações da maior ofensiva de inverno registada na historia militar.

O Estado-Maior rússo, adotando uma estrategia de esgotamento do inimigo, judiciosamente adaptada ás caraterísticas do país, preparára as suas forças quer para o verão quer para o inverno, prevendo a guerra de duração e a guerra rápida.

O Estado-Maior alemão seguira a estrategia da guerra rápida, a "blitzkrieg". Preparára suas forças para campanhas de poucos meses, que se resultavam em teatros limitados, poderiam não resultar nos teatros extensos. Fundára-se, por outro lado, em principios tais como o quintacolunismo e a corrupção, que se tinham aplicações em organismos solapaveis, não a tinham em outros de natureza sadia.

No embate das duas potencias, os russos entorpeceram o impulso germanico e logo converteram a "blitzkrieg" em guerra de longo alento. Aí obtiveram o primado de sua estrategia. Alcançaram a sua primeira grande vitoria. Tão grande que dela proviria a cadeia de fracassos extensivos, por onde se esvái irrevogavelmente o poderio do Terceiro Reich.

Os alemães e sua coligação fracassaram na ofensiva de 1941, fracassaram durante a contra-ofensiva russa de inverno primavera de 1942, fracassariam na segunda ofensiva de verão contra a Russia, como estão fracassando na segunda contra-ofensiva dos exércitos russos.

A segunda ofensiva de verão, aquela que foi esboroar-se á vista do Volga e defronte a Stalingrado, reuniu e muma só direção e contra uma única cidade, a maior massa de homens e meios de que se tem notícia. Hitler, na habitual guerra de nervos com que precede os lances máximos da Wehrmacht, chamou-a "a maior concentração da historia". E não mentiu. Havia concentrado tais elementos que póde atacar ininterruptamente, durante cinco meses. Os exércitos que forçaram os bolsões de Kharkov e Taganrog e a praça de Sebastopol, em junho, operaram dia e noite, uns substituindo aos outros, mas, nunca permitindo descanso ao inimigo, e nesse rítmo se mantiveram, cuidando de extenuá-lo, até que eles próprios se extenuaram em novembro, diante da mais habil e enérgica resistencia com que deparariam. — a épica defesa de Stalingrado.

Na gigantesca batalha da disputa dessa chave do Cáucaso, o Alto Comando germanico-facista inverteu todos os seus triunfos, esgotou os recursos da Wehrmacht e das expedições de acompanhamento rumenas, hungaras, italianas, slovenas e centro-européias. Não venceu porque não póde. As hostes russas lhe tiraram a cisma de que os seus exércitos coligados fossem suficientes para derrotá-los. Convenceram-no de que seguira um caminho errado. Não era através da Russia que deviam os nazis incursionar sobre as Indias e promover a junção com os nipões. Não era só com com o auxílio do facismo europeu que atacariam, vantajosamente, a uma federação de povos que formaram um colossal poderio, e se defender com uma decisão que nenhum outro povo soube exibir, no curso desta conflagração.

Porém, quando abriram os olhos e entenderam de corrigir-se, mediante uma retirada do Volga e do Cáucaso, não o fizeram impunemente e submeteram-se a um castigo exemplar. A' oéste de Stalingrado abandonaram dois exércitos que estão sob sítio, e definham á medida que outros sítios e rendições se sucedem em cada aldeia e cidade do Don ou do Cáucaso.

A segunda ofensiva russa de inverno, isto é, a resposta á ofensiva máxima da coligação totalitaria, embora não tenha ainda dois meses de duração, pôs aos exércitos do Reich e seus aliados ante o grave perigo de serem aniquilados ou deixarem, quem sabe. todo o territorio da União, pagando um excepcional tributo de baixas.

AS BATALHAS NAVAIS DO PACÍFICO

Nesta etapa da luta a coligação do facismo asiático de que o Japão é leader não realizou nenhum intento que pesasse na balanço do conflito, em apoio ao supremo esforço dos comparsas da outra extremidade do Eixo. Não foi conquistar a Australia ou a India. Não foi arrematar o "Incidente Chinês" ou invadir a Siberia Oriental com o milhão de soldados que agrupou na Manchuria, em detrimento da campanha da China. Satisfez-se em organizar as conquistas da Asia Meridional e do Pacífico, extraindo matérias-primas úteis ás indústrias da metrópole e formando exércitos quinta-colunistas nas Filipinas, Indo-China, Thailandia, Birmania e Indias Holandesas. O Mikado conquistára uma região demasiado extensa no curto tempo de um semestre. Optou por consolidar-se, afim de prover futuros assaltos, ou se fortalecer para a época da reação aliada.

Talvez não se registasse nenhuma novidade no Pacífico, se os norte-americanos não provocassem as batalhas aéro-navais de Midway e das ilhas Salomão, que apreciadas com a anterior do mar de Coral, acusam o desenvolvimento duma tática de demolição da potencialidade japonesa no mar.

A fróta norte-americana se recuperou, um tanto dos prejuizos de Pearl Harbor atribuindo outros á sua adversaria. Os comboios que navegam entre os Estados Unidos e a Australia tiveram as respectivas rótas mais desimpedidas, porque a esquadra do Mikado acentuou a sua conduta defensiva. Apesar disso, estes episódios não transcenderam o nível das coisas medianas. A atenção mundial observou-os de largo, sem se desviar das emocionantes ações da frente germano-russa.

OS ESTADOS UNIDOS INTERVÊM NA AFRICA

O único sucesso que logrou atraí-la, para outro teatro, e isto apenas por uma a duas semanas, foi o desembarque anglo-americano em Marrocos e na Algéria, a 7 de novembro, precisamente quando amortecia a ofensiva totalitaria contra Stalingrado.

Fiéis á política de respeitar a soberania alheia, as democracias ocidentais sempre foram avessas ás intervenções armadas, inclusive nos territorios ou países ameaçados de ocupação pelas forças alemãs, italianas ou japonesas.

Aventava-se a questão de Dakar, onde os submarinos alemães se reabasteceriam para infestar o Atlantico Sul. Vichy enviára para a Africa o almirante Darlan, com a incumbência de superintender os trabalhos de asseguramento das suas colonias. Todos os observadores olhavam a base da Africa Ocidental como um ponto de fricção entre os anglo-americanos e a França adstrita ao Eixo. Embora, reconhecessem o valor da Africa Setentrional como base para a ofensiva contra a Europa ocupada, não suspeitavam que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha interviessem nessa região antes que os teuto-italianos a invadissem

Os desembarques de Marrocos e Algeria repercutiram extraordinariamente, excedendo o que se desejava naquele momento, afim de que se debelassem as maquinações totalitarias na Africa Francesa. O desdobramento rápido da intervenção, as notícias de que desembarcavam centenas de milhares de norte-americanos e britanicos, a adesão da Africa Ocidental e as conferencias que derivavam para o Hemisferio Ocidental empolgaram por inteiro ao mundo que sustenta a causa democrática.

A intervenção dos Estados Unidos combinava-se com a derrota do exército teuto-italiano de Rommel no Egito. Era a entrada das forças norte-americanas em fogo na Batalha do Ocidente. Era o reencetamento da guerra em grande estilo pelos ingleses.

O acontecimento foi bafejado por aplausos gerais. Antes de qualquer outra consideração, exprimia um ato preparatorio dos aliados para a abertura da Segunda Frente.

A Algéria, o Marrocos e a Tunisia se ligariam á Lybia e ao Egypto, transformando o Norte da Africa em um imenso trampolim, para o salto anglo-americano sobre a Europa.

A SEGUNDA FRENTE

A Grã-Bretanha fôra, até então, a única base donde se desfecharia a ofensiva aliada, pela qual se obrigará o Eixo a uma guerra em 2 frentes. Não conteria, porém, aos exércitos combinados das duas potencias ocidentais.

Estabelecer uma segunda base, correspondia a uma efetiva resolução de desembarcar nas praias européias.

A opinião democrática reclamára, insistentemente, por espaço de dois anos, em 1941 e 1942, a abertura duma Segunda Frente. O povo inglês vanguardiou este movimento. O povo norte-americano seguiu-o imediatamente. Em diversas oportunidades, quando todo o peso da guerra se descarregava sobre a Russia, ás vesperas da super-batalha de Moscou ou da outra batalha das nações que se elivrou de Stalingrado, perguntava-se na Inglaterra, e tambem nos Estados Unidos: "Não faremos nada em auxílio de nossos aliados russos"?

A invasão da Europa apaixonára aos povvos democráticos. Os governos de Londres e Washington prometeram em maio, quando da visita de Molotov a essas capitais, que a Segunda Frente seria formada até o final de 1942.

Foi isto um conforto. A confiança dos povos que se desprendia dos governos, cobrou um vigor a que se desacostumára. Teria passado por uma grave crise, se a intervenção dos Estados Unidos na Africa não denotasse a sinceridade da promessa anglo-norte-americana, pois que ela não se materialisou até o final de 1942, segundo o declarado em notas oficiais.

(Conclue na 22.ª pág.)

(Continuação da pág. 13)

vigilancia que incomoda e contraria os planos diabolicos dos "quislings".

Não se duvide que taxam tambem de comunista a ação da Sociedade "Amigos da America". As grandes figuras nacionais e americanas, que aderiram ao nosso movimento, provavelmente, a esta hora, estão fichadas pela "quinta coluna", como autenticos comunistas.

Todos os homens de boa vontade, todos os que queiram batalhar conosco, moços e velhos, terão na Sociedade "Amigos da America", o seu posto de combate. Só não aceitaremos os falsos patriotas, que sobrepõem as paixões partidarias acima dos interesses nacionais.

Quando me referi, ontem, em discurso, aos decaidos da velha Republica, dirigi-me especialmente aqueles impenitentes que, diante dos perigos que nos ameaçam, teimam em conservar-se irredutiveis e obstinados, preferindo um nefasto isolamento a emprestar o seu concurso á grande causa da liberdade humana.

Não visamos excluir os representantes de qualquer corrente humana, ameaçados pelos nazi-fascistas.

Se pensassemos de outro modo, não estariamos fazendo obra de fraternidade e de coesão nacional, que é o nosso objetivo e o da Sociedade "Amigos da America".

Não excluiremos da Sociedade sistematicamente, os nossos inimigos e seus asséclas quinta-colunistas, de modo a que possamos promover a confraternização de todos os brasileiros que amam a liberdade e que queiram se congregar para a defesa destes mesmos grandes ideais.

Seja como fôr, não esmoreceremos em nosso propósito, porque um ideal superior nos coloca muito acima das paixões e das intrigas que os tecnicos da felonia procuram acender e espalhar.

ESTUDANTES DE SÃO PAULO! ESTUDANTES DO BRASIL!

A generosa recepção, que venho de receber na vossa tradicional e gloriosa academia de Direito, enche-me de animo, para prosseguir a luta que apenas iniciamos.

Abriu-se-me o coração diante de vós. Não sei como pagar a divida de gratidão, contraida em meio a tão efusivas manifestações de apreço e simpatia.

A minha linguagem de soldado nem sempre é bonita, mas posso vos garantir de que é sempre sincera.

Sinto-me imensamente feliz por ver, com os meus proprios olhos, que a pujante e valorosa mocidade paulista communga os mesmos ideais da Sociedade "Amigos da America".

ESTUDANTES! POVO DE SÃO PAULO! VAMOS PARA A LUTA!

O paraninfado de um verdadeiro...

Falaram tambem diversos estudantes, representando outros centros universitarios de São Paulo. Luiz de Azevedo Marques, representando o Centro Acadêmico XI de Agosto, pronunciou um dos mais belos discursos que aquela casa já ouviu. O prof. Soares de Melo, a pedido dos estudantes, tambem fez um longo discurso, em que a personalidade do general Rabelo foi exaltada como merece.

Infelizmente, não conseguimos obter copias desses dois discursos. Entretanto, transcrevemos aquí as vigorosas palavras de Palanecio Corsori, diretor do Gremio Politécnico, e Victor Konde, representante da União Nacional dos Estudantes, compensaremos em parte este involuntario prejuizo que causamos aos nossos leitores.

UNIÃO NACIONAL É INCOMPATIVEL COM OS OPORTUNISTAS

Assim falou o acadêmico Luiz Corsori:

Exmo. Sr. General Manoel Rabelo.

Meus senhores e minhas senhoras.

Nesta hora magnifica, em que nos agitamos ao sopro ardente de ideais imorredouros, os alunos da Escola Politécnica de São Paulo aqui se apresentam afim de hipotecarem irrestrita solidariedade aos principios e rumos traçados pelo Exmo. Sr. General Manoel Rabelo, figura que se impôs como um exemplo de firmeza, desassombro e dignidade politica.

Suas palavras vêm emolduradas pelo prestigio que lhes empresta um passado pleno de iniciativas e atitudes que lhe marcam a têmpera de soldade impoluto.

Não podia o Exmo. sr. General Manoel Rabelo permanecer á deriva da imensa agitação que vai pelo mundo. A luta que se desenrola trancende o simples significado de choque de povos para se firmar como o embate de duas concepções de vida por si antagônicas e inconciliaveis. De um lado, o "nazi-nipo-fascismo" trazendo no seu bojo a prepotência, os desmandos, a escravização de povos e a intolerancia. Governos que se alicerçam na força, nas gestapos que desrespeitam lares, vasculham conciencias, na ansia incontida de exterminar as discordancias que se radicam nos mais legitimos principios conformadores do homem. De outro lado, a DEMOCRACIA em todo o formidavel conteudo do termo, que se resume na plena vigência das liberdades populares: liberdade de culto e liberdade de palavra. Amplas possibilidades para todos, intransigente defesa da dignidade humana e do direito, com respeito aos inalienaveis atributos das massas e satisfação objetiva e total de suas necessidades de conforto, segurança, estabilidade, elevação artística e apuramento cultural.

Democracia, assim, é o predominio das razões de ordem social, antípodas dos imperialismos, dos privilégios individuais, desse torturante desequilibrio grupal em favor de castas em favor dos acessórios da futilidade e do unilateralismo das elites, fundamentados na desordenada exploração da comunidade. Democracia, assim, não é um mero esquema de vida politica, um organismo plasmado no arcabouço rigido das constituições; será, antes de tudo, a própria expressão, palpitante, legitima e franca, dos interesses dos povos nos seus eternos anseios de justiça, de paz, de fraternidade de cooperação e trabalho livre.

x x x

Esta guerra assumiu caracteristicas eminentemente populares. Dela participam não apenas os soldados da frente, mas tambem as populações da retaguarda, que na grandeza de seu anonimato, forjam as armas da vitoria, por vezes sob o fogo destruidor dos ataques aéreos.

Daí, a imprescidivel necessidade da preparação de uma sólida frente interna. E' preciso, alem do mais, justificar todo o esforço dos homens que lutam. Querem saber porque lutam! E só a certeza de dias melhores, só a segurança de que todo este esforço não será despendido em vão, de que conquistaremos a paz, assim como ganharemos a guerra, (de que advirá um reinado de justiça social efetiva, onde a Democracia não sofrerá as deturpações forjadas pela demagogia oriunda de interesses individualistas, nos farão pairar acima de agruras do presente, numa gloriosa arrancada para o futuro. Só isto explica a épica resistencia das populações da Inglaterra, quando sobre elas desabava a truculencia espasmodica de Goering. Só isto nos dá a comprensão desta inesgotavel capacidade dos russos de se desdobrarem, de subito em imprevistos recursos de defesa, indomavel exercito tantas vezes destruido pela desbragada propaganda nazista e tantas vezes renascendo das próprias cinzas. Só isto explica a luta, a mais gloriosa de todas, desta China heroica, sem armas, inerme, sozinha, suportando durante tantos anos a impiedosa e animalesca agressão nipônica, e estruturando sua consciencia nacional por entre o fragor das batalhas desiguais, e refluindo do seu marasmo milenar para as luzes da civilização moderna. Só isto explica este anseio insopitavel, este reavivar de impetos democraticos que vai pelo Brasil afora, este imenso rumor que ecôa de Norte a Sul, modulando-se em polifonias desde as plagas amazonicas até as coxilhas gauchas; este inusitado fervor democratico que agita o cerne da nacionalidade e que nos faz gritar com toda a vibração civica de nossas almas moças: UNIÃO NACIONAL!

A politica do momento é a politica de braços abertos, para estreitamento de todos aqueles que sinceramente desejam lutar contra os grandes inimigos da humanidade, contra o terror fascista, contra a barbarie nazi. Não ouçamos as intrigas sistemáticas e organizadas da quinta-coluna encapuçada, que assoalha as mais soezes mentiras, as mais vergonhosas calúnias, procurando dividir as forças vivas, democraticas da Nação. Não são extremistas nem saudosistas os que sinceramente, na primeira linha, sempre combateram todas as formas do fascismo e da opressão, e lutam ainda desassombradamente por uma Pátria grande, soberana e feliz. Estamos acima de quaisquer lutas partidarias. Queremos e almejamos uma União Nacional ampla, irrestrita, na luta gloriosa contra os inimigos da Civilização e da Humanidade.

Tenhamos, entretanto, a coragem de dizê-lo: união nacional, para firmesa intrinseca de sua textura, é incompativel com os oportunistas que seguem o ritmo das marés, com os hipocritas, os acomodaticios, os traidores, os adesionistas camouflados, os linfaticos derrotistas, os grávidos guerreiros de ultima hora, os quixotescos integralistas, toda essa fauna de répteis rastejantes e viscosos que habitam os redís classicos do quinta-colunismo. A união Nacional deve exister como garantia aos nossos soldados que irão para as batalhas com a convicção de que se extirpou inimigo interno e sabotador, e a segurança de que o sacrificio que fizeram, a fome, o desespero, a aspereza da luta, o frio, as incomodidades, o cansaço e as feridas que tiverem não serão sofridos em vão. E a fim de que as gerações de amanhã, as crianças de hoje, possam receber de suas mãos doloridas e iguais, uma liberdade digna, conquistada e não doada, arrancada com lágrimas e dôr, conseguida com martirios e sangue!

x x x

Senhor General. Vós, no Brasil, sois um dos pioneiros da luta anti-fascista. A historia de vossa carreira é um drama publico de tenacidade, destemor cívico, bravura militar, e, acima de tudo, da constancia espartanica com vossos principios democraticos da firmesa e coerencia de convicções que resistiram aos mais arduos sacolejos da calunia, da má fé, da protervia e das lisonjas. O vosso passado, de homem e de soldado, não é o das linhas sinuosas e flexiveis, das contemporizações e dos conchavos. Tendes um passado sem Munichs. E' a razão por que a Escola Politécnica de São Paulo acorre ao vosso apelo e espera vossas ordens. Sabemos assim que convosco estaremos lutando a melhor das lutas, a mais leal e a mais pura, pelo Brasil e pela Humanidade, pela Justiça, pela Cultura, pela Civilização e, antes de tudo, pela LIBERDADE!

APOIEMOS A POLÍTICA DE GUERRA DO GOVERNO

Assim falou o acadêmico Victor Konder:

Exmo. Sr. Gal. Manuel Rabelo; exmos srs. professores; minhas senhoras e meus senhores; caros colega.

Estamos aquí, como delegados da União Nacional dos Estudantes, acompanhando o Gal. Manuel Rabelo em sua viagem a esta capital, afim de paraninfar os bacharelandos do Instituto de Ciencias e Letras e lançar as bases de um grande movimento neste Estado: A Sociedade Amigos da América.

Já para a fundação desta Sociedade no Rio de Janeiro, contou a Gal. Rabelo com a nossa ajuda em tudo o que nos foi possivel fazer. Não podia ser de outra maneira. Estamos com a Sociedade Amigos da América, porque ela visa, se bem que dentro de um campo de ação muito mais vasto, os mesmos objetivos que nós, ou seja, mobilizar todas as energias para a destruição do fascismo internacional. Alem disso, a Sociedade Amigos da América traz uma segura garantia de que os seus propósitos são sinceros e de que a sua ação será firme e eficiente. Leva á sua frente o nome de todos nós muito querido, do Gal. Manuel Rabelo. A confiança que os estudantes brasileiros, assim como todo o povo brasileiro, depositam nesse ilustre militar não é de forma alguma, gratuita. Adevêm da constatação de um passado reto de ação patriótica, sempre ao lado do povo. E tambem da luta comum contra um inimigo traiçoeiro: o fascismo. Desde que este começou a realizar a sua expansão no mundo, **e manifestou-se no nosso país, em particular, o Gal. Manuel Rabelo e tambem a mocidade estudantil colocaram-se decididamente contra eles. Mesmo ainda quando as coisas eram, aparentemente, confusas e as atitudes pouco claras e dubias, nós já estávamos fundo na luta contra os fascistas nacionais. A conciencia do perigo para nós não se manifestou depois do covarde massacre dos nossos irmãos. Ela já existia desde o dia em que o imperialismo nazi-fascista mostrou a sua verdadeira cara.**

Hoje, porem, a luta é direta — é guerra — e todos os bons brasileiros estão empenhados nela até a alma. E' a hora da ação armada, da destruição física de todos os portadores do virus fascista.

Para realizar esta guerra, entretanto, precisamos ter a compreensão exata das suas necessidades e dos deveres que ela nos impõe. Devemos atentar na experiencia de tantos outros povos atingidos primeiro que nós pela destruição e pelo saque. Não podemos desprezar as lições que eles nos oferecem, se quizermos agir de maneira inteligente.

O enfrentar com êxito o inimigo fascista, impõe uma união sólida e inabalavel. Onde há desunião, conflitos internos, e onde o inimigo se introduz com facilidade e quebra a resistencia com rapidez.

Ao contrario, quando há união, unidade de ação, o inimigo vê frustrados os seus esforços e se enfraquece ante uma resistencia inquebrantavel. Basta ver o exemplo do povo chinês. A nação estava dividida por 10 anos de sangrentas lutas entre o governo de Nanquim e as forças que se opunham á Chiang-Kai-Shek.

Ante o ataque do imperialismo japonês, o povo chinês uniu-se, as forças adversarias do governo passaram a apoiá-lo, antes mesmo deste aceder siquer nesse apoio, até que, por fim, consolidou-se a união de todo o povo em torno do Generalíssimo Chiang-Kai-Shek, passando aquele a agir como um só todo, o que permitiu que a grande nação chinesa desse ao mundo um magnifico exemplo de resistencia e de heroismo. Enquanto os chineses estiveram desunidos, o invasor progrediu rapidamente, contou com os traidores nacionais e não precisou mobilizar grandes exércitos e despender custosos esforços. Desde que, entretanto, encontrou pela frente um povo solidamente unido e disposto á luta, teve de se empenhar mais e mais fundo no conflito e ir esgotando paulatinamente os seus recursos. E' esse o segredo do milagre da China ter sobrevivido com honra.

Os estudantes de todo o Bra-

(Conclue na pag. 23)

O Instituto dos Comerciários e um programa de Previdência Social

UMA HISTÓRIA TIRADA DAS ESTATÍSTICAS. — UM QUINQUÊNIO REPLETO DE REALIZAÇÕES. — PATRIMÔNIO E AUXILIO. — ASSISTÊNCIA MÉDICA. — O SERVIÇO DE ENGENHARIA ESPALHA CONSTRUÇÕES PELO PAÍS — AMBULATÓRIOS. — O QUE É A CASA DO COMERCIÁRIO

Através de uma rápida visita ao "stand" do Instituto dos Comerciarios, na recente Exposição do Estado Nacional, qualquer um pode ter uma idéia imediata e objetiva do que já fez aquela instituição de previdencia pelos seus associados. Alí estão os números que não mentem, as estatísticas que contam toda uma historia, historia matematicamente certa, os gráficos e as parcelas, tudo construindo uma realidade das mais significativas.

De fato, com pouco mais de sete anos de existencia, o Instituto dos Comerciarios de há muito já perdeu aquele ar de experiencia, que sói definir todas as entidades novas, afirmando-se, no concerto da previdencia social, como uma das realizações de maior sucesso.

O Instituto dos Comerciarios foi criado em 1935, por um decreto da Presidencia da República, de número 24.273. Mas, até 1937, — por diversos motivos bastante justificaveis, o seu desdobramento vinha se fazendo em grande lentidão. A partir de 1937, no entanto, a instituição ganhou impulso, e seus dirigentes e orientadores deram inicio a realização de todo um programa, o que permitiu os belos resultados de hoje. O quinquenio 1937-1942 marca, portanto, dentro da curta historia do Instituto dos Comerciarios, a etapa de maior esforço construtivo, aquela que, precisamente, deu á instituição um carater de utilidade prática, definido pelas numerosas construções levadas a efeito e pela proteção social dispensada aos seus associados.

O QUE OS NÚMEROS REVELAM

Agora, portanto, quando se pretende esboçar, em palavras rápidas o que vem sendo a ação do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciarios, basta atentar para a síntese que nos dão os números deste último quinquenio. E nada melhor para uma avaliação do seu desenvolvimento, do que o número das empresas que, a partir de 1937, têm contribuido para a valorização patrimonial daquela instituição, entrando para o quadro de contribuintes e segurados do I. A. P. C. Tal quadro vem seguindo, nos últimos cinco anos, uma linha ascendente bem significativa, conforme podemos ver abaixo:

ANO		EMPR
ESAS		SEGURADOS
1937		70.
1938		81.
1939		86.
1940		91.
1941		115.
1942	(até setembro)	119.
418		287.774
516		333.128
142		352.031
795		375.133
356		471.419
881		489.909

Sem dúvida alguma que a explicação para isso reside na fiscalização eficiente e bem orientada que o I. A. P. C. vem mantendo sobre as empresas sujeitas ao seu campo de ação.

E se quizermos ainda sentir de mais perto a importancia dos números acima, basta considerar no fato de haver a arrecadação ascendido, no mesmo período, a Cr$ .... 852.222.000,00, com acentuada progressão ano a ano, verificando-se o mesmo surto na rentabilidade produzida pelas reservas patrimoniais.

Esse desenvolvimento crescente do patrimonio do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciarios demonstra, claramente, a grande vitalidade da instituição, positivando a sua solidez como orgão de seguro social.

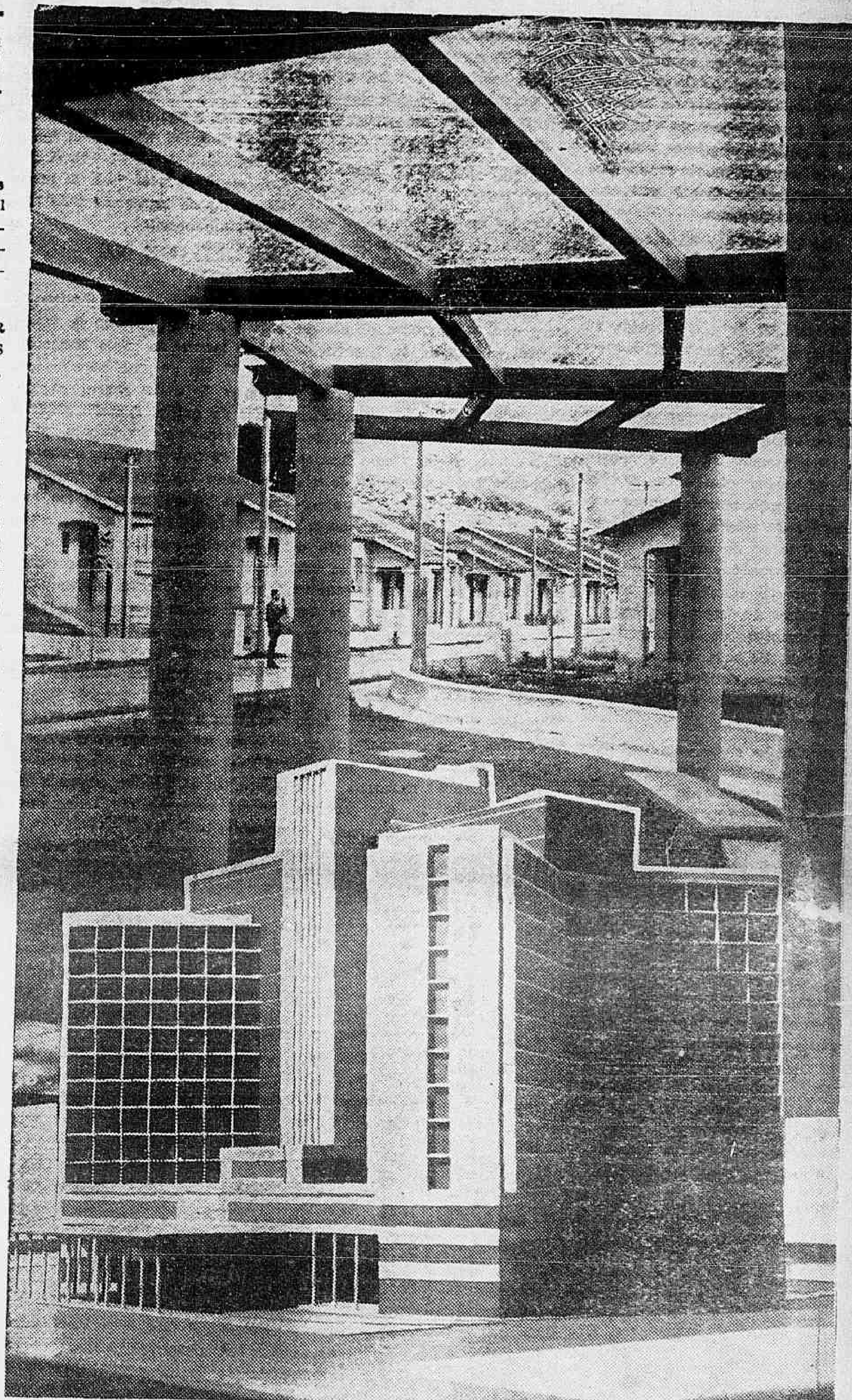
AUXILIO AOS SEGURADOS

Tal desenvolvimento, e progresso, permitiu ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciarios pagar, no último quinquenio, beneficios num total de Cr$ 99.385.300,20. Neste total, estão compreendidas as aposentadorias por ivanlidez, as aposentadorias por invalidez, as pensões aos herdeiros dos segurados falecidos, o auxilio pecuniario aos segurados enfermos, o auxilio-natalidade e o auxilio funeral.

Em cifras, tais beneficios podem ser assim apresentados, cronologicamente:

1937 (novembro e dezembro)	Cr$	1.566.376,40
1938	Cr$	7.651.379,60
1939	Cr$	12.253.629,70
1940	Cr$	17.855.749,70
1941	Cr$	28.689.850,00
1942 (até setembro)	Cr$	31.368.314,80
TOTAL	Cr$	99.385.300,20

Paralelamente á soma de beneficios distribuidas, verdadeiramente notavel, o I. A. P. C. teve oportunidade tambem nestes últimos cinco anos, de amparar um grande número de segurados, alcançando um indice que vale por toda uma afirmação de eficiencia e probidade.



Construir e amparar, eis o lema do Instituto dos Comerciarios. Tal lema é tambem o resumo de — todo o seu programa —

Os números abaixo dão uma idéia segura da intensa atividade do Instituto no terreno da previdencia social no quinquenio compreendido entre 1937 a 1942.

Segurados aposentados por invalidez	10.310
Segurados aposentados por velhice	824
Segurados que receberam o auxilio pecuniário	2.589
Segurados que receberam o auxilio natalidade	12.398
Beneficiários em gozo da pensão a herdeiros.......	18.312
Beneficiários que receberam o auxilio funeral	2.479
TOTAL	46.912

ASSISTÊNCIA MÉDICA

Merece tambem um comentario especial a campanha de assistencia médica realizada pelo I. A. P. C. durante os últimos cinco anos, campanha esta que se caracterizou por um largo plano de assistencai médica, cirúrgica e hospitalar distribuida por todo o país. Alem disso, o I. A. P. C. desenvolve, dentro do seu programa hospitalar, a construção de varios ambulatorios, sendo que tres deles já estão em vias de conclusão, todos localizados no Distrito Federal.

Destaca-se, deles, o Ambulatorio Central, sito á rua Evaristo da Veiga, 17, ainda não inaugurado, mas já provido de tudo o que existe de mais moderno em materia de aparelhamento técnico-cirúrgico.

O SERVIÇO DE ENGENHARIA

O Departamento de Engenharia do I. A. P. C. é um organismo trepidante, onde os planos mais ousados são discutidos e executados. Sob a competente orientação do dr. Ulisses Rodrigues Heillmeister, engenheiro chefe do Serviço de Engenharia do Departamento de Aplicação de Reserva, tal or-

(C[illegible] na [illegible] 23)

Pá e enxada para os 5ᵃ-colunas

(Conclusão da página 9)

vida energica. Mas tinha que ser assim. Usei contra os fasicstas os metodos que certamente eles usariam contra nós no caso em que pudessem firmar sua ponta de lança em nosso territorio. Ou melhor, todos nós conhecemos os metodos fascistas, pelo que as medidas que a policia alagoana vem tomando contra a quinta-coluna tornam-se palidas diante dos processos nazi-fascistas.

Mas a ação da Secretaria do Interior e Justiça de Alagoas não tem se restringido somente á campanha anti-5.ª-colunista. Logo após a declaração de guerra, surgiu no Estado a fauna inevitavel dos especuladores. Estes começaram a atuar, de todas as maneiras, contra a economia popular. Mas logo se fez sentir a ação da policia do dr. Ari Pitombo. Agora ele proprio, manhã cêdo, com uma garrafa vesta na mão, como qualquer consumidor da cidade, vai para o armazem saber do preço do querozene. Disfarçado e perdido no meio do povo das feiras livres, procura se inteirar da tabela dos generos. Os aumentos de alugeis foram proibidos. Só num dia, 18 comerciantes foram detidos, em flagrante de crime contra a economia popular.

— Não ha razão para o aumento no preço dos generos em Alagôas, afirma-nos o dr. Ari Pitombo. E como não ha motivo, tal coisa nao pode ser permitida. A situação economica do Estado é a melhor possivel. Temos incrementado a agricultura e a produção alagoana do alcool-motor tem aumentado consideravelmente. Possuimos alcool-motor sufficiente para movimentar todos os carros particulares paralizados pelo decreto sobre o racionamento da gasolina.

O "SINDICATO DA MORTE"

Alagôas foi, até bem pouco tempo, dois ou três anos passados, uma das regiões brasileiras onde a criminalidade havia atingido um quociente bem elevado. Basta dizer que, somente na cidade de Viçosa, no ano de 1939, verificaram-se 34 crimes de morte num mês.

— Logo que assumi a Chefia da Policia, disse-nos o dr. Ari Pitombo, levei a efeito uma intensa campanha é que o número de crimes estava dominado por um verdadeiro "sindicato da morte", como bem definiu a situação o Interventor Góis Monteiro no relatorio que enviou ao presidente Vargas. Em pouco menos de um ano, apreendi cerca de 18 mil armas, armas de todas as especies, desde as rusticas garruchas ás modernas espingardas e pistolas automaticas. O resultado dessa campanha, é que o numero de crimes diminuiu de uma maneira verdadeiramente marcante. Hoje são as estatisticas que contam, por exemplo, que, enquanto no primeiro semestre de 1940 haviam sidos praticados 240 crimes de morte, no primeiro semestre de 1941 tal numero havia diminuido para somente 21. O que existia dentro do Estado eram verdadeiros batalhões de criminosos, organizados sob a forma de capangas, custeados e mantidos por gente rica do interior. Eles agiam sob a proteção dos seus senhores. A policia alagoana pode hoje se orgulhar de ter desmantelado toda esta maquina infernal.

IGUALDADE NA JUSTIÇA

Assim definiu o sr. Ari Pitombo a orientação do governo do Interventor Ismar de Góis Monteiro:

— E' um governo popular, um governo de união contra os inimigos da patria. Quando assumiu a Interventoria do Estado, o sr. Ismar de Góis Monteiro encontrou o Estado em situação financeira má. Em pouco mais de um ano, muitas falhas foram sanadas, e hoje Alagôas marcha por uma estrada de progresso e prosperidade. O governo não aceita privilegios de classes ou de fortunas. Sintetisando o pensamento do Interventor Góis Monteiro, pode-se dizer que atualmente Alagôas está dividida apenas em dois grupos: os que cumprem a lei e seus deveres e os que da lei se afastam. Felizmente para nós, alagoanos, o numero dos ultimos é muito pequeno, enquanto os primeiros representam quase a totalidade.



O ANO DE 1942

(Conclusão da 16.ª página)

com "Escritores Norte-americanos", Cicelia Meireles com "Vaga Música" situou-se entre os maiores poetas modernos do Brasil. Não devemos esquecer que foi em 42 que passou o cinquentenário de Graciliano Ramos, cuja obra obteve o Prêmio Felipe de Oliveira. Por ocasião da homenagem que lhe foi prestada, Augusto Frederico Schimidt fez um belo discurso mas o agradecimento do creador de Fabiano sobrepõe-se como um documento de mais vivo sentido humano e de notavel significação na historia literaria dos nossos tempos.

Um dos melhores livros de reportagens que se escreveram no Brasil foi o que Joel Silveira e Francisco de Assis Barbosa lançaram o ano passado. "Os homens não falam demais" é tambem a história e a caricatura de alguns tipos e de alguns animais representativos da mediocridade e do aventurismo nacionais. Os repórteres souberam magnificamente tirar o ridículo e o idiota que há em muitos personagens de "Os homens não falam demais"

O concurso de contos da Livraria José Olimpio ainda em 42 revelou a detentora do Prêmio Humberto de Campos: A sra. Lia Correia Dutra. O Concurso de romance para o prêmio José de Alencar ainda não terminou.

Na Academia Brasileira a nota de vida literaria foi a conferencia do grande poeta de "Estrela da Manhã". O resto foi um prêmio dado a um romancista cujo estilo tem sido o de denunciar escritores como inimigos do governo. Trata-se dum sr. Menotti, uma das mais autênticas e modelares mediocridades, que abastecem os meios literários. —— D. J.

O BANCO DO BRASIL...

(Conclusão da 4.ª página)

no Banco e até fotografados envergando a camisa-verde. Só provas irrefutaveis e reiteradas poderão nos convencer de que tais elementos renunciaram, de fato, ás suas idéias fascistas e repudiam com sinceridade o nazi-fascismo. Mas, até hoje, e digo isso com uma certa melancolia, ainda não registamos uma só manifestação desse caráter.

COLABORAÇÃO E APOIO

O sr. Tancredo Ribas Carneiro fala-nos agora do apoio que o Conselho vem recebendo de todos os núcleos anti-fascistas espalhados pelo país:

— Cabendo-nos, unicamente, a ação interna, não devemos esperar que recebamos de fóra adesões formais. De fato, temos contado com o apoio dos bancarios em geral. Mas, a nós, sim, é que cabe apoiar as associações que se organizaram para o esforço de guerra e que se acham devidamente autorisadas pelo governo, tais como a União Nacional dos Estudantes, a Liga Brasileira de Assistencia e a Sociedade Amigos da América. A esta última oferecemos, inclusive, a nossa adesão, em almoço oferecido ao seu presidente, o general Manoel Rabelo, conforme foi amplamente divulgado pela imprensa do país e particularmente por DIRETRIZES.

A SOMBRA E A VERDADE

Agora cessaram os ruidos das máquinas. Está terminado o expediente interno. Todo o Banco mergulhou numa quietude serena, e as sombras do principio da noite tomaram conta do lugar até bem pouco ocupado pela suavidade das luzes fluorescentes.

Tancredo Ribas Carneiro finaliza sua entrevista com um apêlo:

— Sería ótimo que as demais repartições para-estatais seguissem o exemplo do Banco do Brasil e criassem, todas elas, o seu Conselho Ati-Eixista. Isto representaria um meio excelente e efetivo de consolidação do espirito combativo do povo brasileiro, colaborando com a segurança nacional:

Nada mais tinhamos que perguntar. Lá em baixo, era a penumbra, silenciosa, sobre as máquinas paradas, envolvendo os salões desertos, escondendo o cobre dourado das grades e portas. Tudo parecia se inutilisar, alí, naquela antecipação noturna. Tudo, não! Tinhamos a certeza que, espalhadas pelas parêdes de todo o Banco, as frases patrióticas continuavam vivas, muito vivas, inalteraveis á sombra que havia desabado. Pouco importava que os nossos olhos não as distinguissem em meio a penúmbra. Elas gritavam dentro dos nossos ouvidos com a força da Verdade. E é sabido que as noites e as sombras nunca tiveram poderes para inutilizar a Verdade.

A GUERRA EM 1942

(Conclusão da 19.ª pág.)

Com a demora da campanha africana em consequencia do tempo que dispuseram os ítalo-alemães para organizar um reduto em Tunis-Bizerta, houve um retrazo na magna ação dos aliados ocidentais. No entanto, a sua realização ocorrerá oportunamente, neste ano de 1943, de acordo com o que afirmou o presidente Roosevelt em sua mensagem anual ao Congresso, porquanto se os norte-americano-britanicos se demorarem muito mais perderão a oportunidade de invadir a Europa, ou se chocarão com tremendas barreiras de uma suprema dificuldade de transposição

(Conclusão da pag. 20)

... t m' aprendido as lições dos acontecimentos. Eles têm procurado mobilizar os espiritos para a luta. Todos, unanimemente, têm a conciencia plena da necessidade de forjar a União Nacional. Essa, então, deve ser feita em todos os planos, em todos os setores. União dos alunos de uma mesma escola, união entre os estudantes da mesma cidade, do mesmo Estado. União entre todos os estudantes do Brasil. É o que realiza a União Nacional dos Estudantes. E' o que deve ser realizado em todos os setores da atividade dos brasileiros. União entre todos os cidadãos brasileiros. E' essa a união que vem do amago do proprio povo, união que liga pela base, que vem de baixo para cima.

Porem, para realizarmos essa união, precisamos de um objetivo capaz de arregimentar a todos. Nós o temos: combater e destruir o nazi-nipo-fascismo nosso mortal inimigo. E' esse "o ideal acima das paixões" de que fala o Gal. Rabelo. E' esse o nosso objetivo único, que relega para segundo plano quaisquer outros. E esta é a hora de conseguirmos alcançar esse ideal o mais rapidamente possivel, sem disperdicio de energias. Para isso precisamos trabalhar em tudo que venha a fortalecer a Defesa Nacional e armarmos o país de tudo o que ele precisa para atacar o adversario onde ele estiver.

Mas, de que maneira poderemos agir como povo? Como nos organizemos para ir atacar o inimigo em suas proprias cidadelas?

O governo do Brasil é o instrumento capaz de agir conbiliza os exércitos, que possue tra o inimigo. E' ele que mo- o aparelho repressivo contra a quinta-coluna, que arrecada os recursos necessarios á guerra. Devemos, portanto, fortalecê-lo em sua ação e ajudá-lo a agir para ganhar a guerra. E', dessa maneira, que se traduz concretamente o nosso anseio de lutar contra o fascismo. E' acorrendo ás casernas, quando necessario. E' trabalhando ativamente em todas as tarefas da mobilização civil; é levantando o dinheiro imprescindivel ás despesas da guerra. E' desmascarando os traidores e mantendo ativa vigilancia contra a 5.ª coluna.

Dessa maneira interviremos no conflito em favor da causa democrática. Não sendo assim, permaneceremos á margem dos acontecimentos, esperando que outros povos conquistem a liberdade para nós, como se liberdade fosse coisa que se ganhasse de presente.

Façamos a união de aço de todo o povo e apoiemos de maneira decidida a política de guerra do governo. Assim fazendo, alijaremos os quintacolunistas no processo mesmo da luta. Fortaleceremos e asseguraremos a vigilancia dos ideais democráticos. Conquistaremos com o nosso esforço as liberdades de que precisamos para viver; o direito de pensar livremente e de ter assegurada uma vida honesta e sadia.

A nenhum brasileiro digno pode ser negada a oportunidade de participar da união nacional. Todos os democratas e anti-fascistas devem tomar parte na luta. Mesmo aqueles de boa fé, que estiveram outrora ludibriados pela propaganda nazi-fasci - integralista, podem estar hoje ao lado do povo. No entanto, é preciso vigilancia. Aí outra vez devemos aproveitar da experiencia dos outros povos. Quem está identificado ideologicamente com o inimigo, não pode, de maneira alguma, combatê-lo. Essa é a segunda grande lição da luta da humanidade contra o fascismo.

O paraninfado de um verdadeiro...

Sabemos porque a França desmoronou tão rapidamente.

Os homens que a controlavam e a quem cabia a responsabilidade de defendê-la, estavam identificados ideologicamente, senão em inteligencia, com o inimigo. Esses homens tinham sido fascistas quando da guerra da Abissinia, fascistas no odioso massacre do povo espanhol, ainda fascistas nos casos da Austria e da Tchecoslovaquia, em suma, esses homens que tinham advogado o ponto de vista fascista em todas as questões da política européia, porque não haveriam de fazê-lo ainda mais uma vez, quando se tratasse da propria Patria? Não podiam, está claro, enfrentar um inimigo com quem eles tinham simpatizado sempre e que vinham ajudando há tão longo tempo. Eles não odiavam o inimigo, aí é que está a questão.

Para lutar contra o nazismo é preciso odiá-lo. E' preciso que haja uma força dentro de nós que não nos deixe esmorecer em meio ás canseiras, ante as derrotas eventuais, ante todas as miserias. Os povos que aprenderam a odiar o fascismo e tudo o que se lhe assemelhe não tiveram que contar com os "quislings" na hora do perigo.

E' por isso que devemos estar vigilantes e não permitir que antigos chefes nazi-integralistas tenham posição de mando ou liderança. A desgraça de outros povos nos ensina que permiti-lo é agir com criminosa imprudencia. Assim sendo, não devemos recuar um momento siquer contra aqueles á quem falta a confiança popular em suas convicções democráticas.

Caros colegas paulistas. E grande a nossa satisfação e, certamente, auspicioso para a Sociedade Amigos da América, que se realize a sua primeira grande sessão neste Estado, em um recinto dessa histórica e gloriosa Faculdade de Direito de São Paulo. E mais ainda, em uma reunião promovida pelo intrépido "Centro Onze de Agosto".

Tendes tradições democráticas a que jamais desmentistes. Tendes sido sempre dos primeiros a entrar na luta, todas as vezes que a Liberdade, o Direito estiveram ameaçados. Mais uma vez estais na luta, a maior de todas que as gerações brasileiras participaram, unidos estreitamente a todos os vossos votos sejam, nessa noite Estados do Brasil. Que os nossos votos sejam, nessa noite memoravel, no sentido de que a nossa união se fortaleça cada vez mais, assim como de todo povo, para que possamos, quanto antes, no norte da Africa e na Europa, esmagar os nossos inimigos.

S. PAULO COMPREENDEU A LINGUAGEM CLARA E SERENA DO NOSSO APELO

No Automovel Clube, finalmente, realizou-se o grande banquete que o povo de São Paulo oferece ao general Manuel Rabelo, que alí pronunciou o seu último discurso, não menos aplaudido que todos os outros por ele alí pronunciados.

Este foi o discurso do general Rabelo:

Meus senhores.

Entre as homenagens que tenho recebido, desde o instante em que pisei a heróica terra bandeirante, esta se me apresenta com uma fisionomia singular. Parte de pessôas oriundas de todas as classes sociais de São Paulo e que espontaneamente se congregaram para testemunhar-me, em agape intimo, as suas simpatias pelas atitudes que venho assumindo neste grande momento da existencia universal, em defesa da Liberdade Humana — o maior e o mais precioso dos bens que o homem pode gosar e usufruir.

E' portanto a alma popular que se espande e manifesta o seu aplauso a essas atitudes. E' o coração, é a conciencia paulista revelando o seu entendimento e a sua aprovação áquilo que venho fazendo em prol dos ideais pelos quais se sacrifica nos campos de batalha a elite da especie humana, tudo que a civilização poude acrisolar e aperfeiçoar, e que constitue a sua essencia mais pura e a sua obra mais acabada.

Aqui, neste planalto lendario, a Liberdade sempre se abrigou; nunca os tiranos puderam conspurcá-la porque ela se impregnou na própria alma paulista, lidina herdeira do espirito bandeirante, que jamais suportou qualquer forma de opressão.

São os representates desse povo liberrimo que se congregam e querem manifestar ao velho batalhador que, no crepusculo da vida, não enrola a bandeira das nobres reinvidicações humanas, bandeira que é tambem o labaro das aspirações redentoras da terra bandeirante.

Conheceis os motivos da minha vinda a São Paulo depois da apoteotica instalação, no Rio de Janeiro, da Sociedade "Amigos da America".

Correspondendo a um sentimento geral e a uma imperiosa necessidade do momento, podemos afirmar, com orgulho, que a Sociedade "Amigos da America" será, em breve, uma esplendida realidade em todo o país. Não são poucos os telegramas que tenho recebido dos mais longinquos recantos do nosso imenso territorio, hipotecando irrestrita e entusiastica solidariedade á generosa idéia que nos levou a conclamar os homens de bôa vontade para a luta sem treguas contra o inimigo, prestigiando assim o esforço de guerra do Brasil.

A essas mensagens fraternais, que tanto nos anima a prosseguir, junta-se agora o apoio incondicional do povo paulista, autor de epopéias como as Bandeiras, que se levanta para servir desinteressadamente ao Brasil, na defesa de ideais que são comuns a todos os povos do continente. Podereis imaginar o meu júbilo de patriota ao sentir que São Paulo compreendeu a linguagem clara, serena e construtiva do nosso apelo.

Nunca será demais repetir que a Sociedade "Amigos da America", não sendo um partido politico, nem vislumbra, nem sonha quaisques veleidades oposicionistas. Organizamo-nos devidamente autorisados pelo poder publico, com o propósito de estabelecer uma ligação mais intima entre o governo e o povo, facilitando desse modo a tarefa dos responsaveis pela integridade da nossa Pátria, ameaçada pela fúria dos países totalitarios.

Temos, perante os nossos aliados, perante a nossa própria História, perante sobretudo ás gerações futuras do Brasil e da America, a responsabilidade de cumprir sem desfalecimento o dever que nos compete. Na guerra, confundindo os nossos sentimentos com os sentimentos daqueles que se acham nas trincheiras, nosso lugar não há de ser de simples espectadores ou meros fornecedores de mercadorias mas sim no próprio campo da luta, de onde partem os ataques que culminarão na derrota das potencias agressoras e dos ditadores odiantes.

O Brasil, dentro da America e do mundo, tem uma missão a cumprir. Não podemos permitir que essa missão continue só sobre os ombros dos que já carregam o fardo gigantesco dos pesados encargos de campanhas militares em terrenos dificeis e inacessiveis.

Falando ás classes armadas, no ultimo dia do ano que passou, o Presidente da Republica informou á Nação do esforço do seu governo nesse sentido. Nosso objetivo imediato há-de ser, por conseguinte, tornar mais efetiva a nossa participação na guerra das Nações Unidas contra o totalitarismo esclavagista. Nessa direção, a Sociedade "Amigos da America" tudo fará para ajudar a politica de guerra do Presidente Vargas.

Há quem veja os "Amigos da America", em seu nascedouro, ora como oposicionistas, ora como inoperantes. Não seremos nem uma coisa, nem outra. Porque a verdade é que sabemos que a guerra não se fere apenas nos campos de batalha. O inimigo, valendo-se da bôa fé, da leviandade, da ignorancia e até mesmo da perfidia de alguns máus brasileiros, penetrou no organismo nacional; apoderou-se, em ardilosas manobras, de não poucas posições de importancia para a segurança das nações; envenenou, através de partidos politicos falsamente exaltadores de nacionalismmo, a conciencia de muitos cidadões; infiltrou-se nas fabricas, nas repartições publicas, nos lares e nos quarteis, criando atritos e desconfianças.

O suborno foi uma das suas armas mais eficazes. A intriga e a calunia foram empregadas por esse inimigo incrivelmente perigiso, introduzindo uma cunha para dividir os povos irmãos, tornando-os adversarios uns dos outros. Contra esse diabolico exercito invisivel, que ainda agora, e mais do que nunca, está agindo por toda a parte, a Sociedade "Amigos da America" agirá por todos os meios que tiver ao seu alcance.

Promovendo conferencias; permanecendo alerta contra os golpes sutís do inimigo; desmascarando planos traiçoeiros; desarmando os provocadores; denunciando os seus integrantes; desencadeando, em suma, uma campanha vigorosa para aniquilar o inimigo, onde quer que ele se encontre, sem contemplações, sejam la de que especie fôr.

Nesa obra, com certeza, há um lugar para cada cidadão esclarecido, seme distração de clashse, fortuna ou de cultura. Porque, si precisamos aumentar os nossos quadros combatentes, menor não a necessidade que teem todas as nações da America de formar os quadros da retaguarda, destinados á luta contra a "quinta-coluna".

Somente a ação conjungada do povo, desde o homem de governo até o mais humilde traballhador, é capaz de anular com segurança as manobras secretas que o nazismo e o fascismo realizam em nosso continente.

A espionagem, a sabotagem, o suborno, a atemorização, a intriga, a provocação, a hipocrisia, o comodismo, a mentira e outras coisas da mesma abjeta natureza, foram erigidas pelo Eixo em perigosas armas de agressão.

Quer para a nossa vitoria na guerra, quer para que não percamos a Paz, temos que evitar que estragos dessas armas embarracem os esforços mediante os quais o mundo criará os instumentos assecuratorios da Justiça e da Liberdade.

Além de nacional, a nossa obra é continental e sobretudo humana. Sob a égide de figuras como Washington, Toussaint Louverture, Juarez, Bolivar, José Bonifacio, San Martin, O' Higgins, nomes tutelares do Hemisferio Ocidental, não seremos nunca um instrumento de rebelião mas uma força construtiva, vigilante na defesa dos principios de todas as nações que lutam pela causa da Liberdade.

Meus senhores:

Agradeço, de todo o coração, a homenagem que me prestais. Levanto a minha taça, pela felicidade pessoal de cada um de vós, certo de que lutaremos, sem desfalecimentos, e bom combate em busca da vitoria final. Pelo Brasil. Pela America. Pelas Nações Unidas. Pela Justiça e pela Liberdade.

O INSTITUTO DOS COMERCIÁRIO E UM PROGRAMA

(Conclusão da 21 ª pag.)

gão vem levando a cabo um grande programa de construções, entre as quais se destaca, pela sua importancia social e imponencia arquitetônica, a Casa do Comerciario. Trata-se de uma iniciativa inédita em nosso país, iniciativa realmente grandiosa e que mereceu a aprovação e o apoio do presidente Getulio Vargas.

A Casa do Comerciario terá 14 pavimentos, 10 dos quais são destinados a moradia, comportando 1.920 rapazes do comercio, em quartos higiênicos, com perfeitas instalações sanitarias e banheiros. A Casa do Comerciario proporcionará aos seus moradores a alimentação, assistencia médica, assistencia dentaria, educação física, instrução intelectual e profissional, educação cívica e divertimentos. O restaurante terá a area de 4.000m2, podendo fornecer 4.000 refeições ao almoço e outras tantas ao jantar. Desse modo, alem dos 1.920 habitantes da casa, mais 2.000 rapazes de fora poderão alí fazer refeições boas a preços mínimos.

A "Casa do Comerciario" reunirá, por consequencia, todos os requisitos para se impôr como um centro de educação social, inteiramente moderno que juntando o util ao agradavel, virá melhorar sensivelmente as condições de vida e o nivel cultural da juventude comerciaria brasileira.